

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

CAPA:

Cerca Nova. Porta do Nó, Comemorativa da Restauração de Portugal
(1640)

CONTRACAPA:

Vista Geral do Largo 25 de Abril, vendo-se o Busto de Públia Hortênsia de Castro e Fonte Pequena

MEMÓRIAS
de
VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in-
tegral do texto do manuscrito de
AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, ten-
do-se unicamente procedido às ac-
tualizações ortográficas que as
circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

INTRODUÇÃO

Tomam-me o tempo mil cuidados duros.

(*Elp. Dur.* - Carta a Alcino)

Omnia vincit amor.

(*Virgil.* - *Eclog. X*, 69)

I

Quando no estio do ano de 1876 levava a cabo a redacção da Primeira Parte destas *Memórias*, deixando-a, se não perfeita, ao menos copiosa de notícias e capaz de ser mostrada a alguns dos meus particulares amigos, sentia-me também desfalecido com tão afanoso labor e temi por vezes estar doente, pois é bem certo aquele aforismo do poeta de Mântua: *Non omnia possumus omnes*⁽¹⁾ - aforismo que os nossos antepassados vertiam nesta sentenciosa frase: *Nem todos são para tudo, nem tudo é para todos.*

Em verdade, nesta minha obra deviam trabalhar, pelo menos, duas ou três pessoas entre as quais se dividissem as operações de coligir, coordenar e tirar a limpo as memórias; mas eu nem sequer tenho um amanuense para me copiar os rascunhos e daí resulta que, além de serem grandes os trabalhos desta empresa, são também todos meus pois não encontro um ajudante que me dê alívio nesta faina já de tantos anos e bem activa desde 1874... Portanto, enfasiado com a elaboração da Primeira Parte, que me fez escrever três volumes às furtadelas entre os cuidados da minha subsistência e da de meus pais, desabafei por vezes enquanto não punha mate no terceiro volume dizendo a mim mesmo: - Não prometo já continuar com a Segunda Parte!

Um mês, porém, depois de concluídos aqueles trabalhos (em Outubro de 1876), relia eu, por desenfado à luz do candeeiro, a nossa primeira epopeia e, passando por estes versos:

(1) *Eclog. VIII*, 63.

*E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás; pois é fraqueza
Desistir-se da coisa começada. (1)*

senti logo possuir-me de novos brios. Comecei a esquecer-me das lides passadas e a dispôr já o ânimo para o empreendimento de outras novas.

A fadiga de aturadas e pesadas lucubrações, de facto, me quebrantara as forças; porém o acrisolado amor que dedico à minha pátria particular reacendeu-se... e logo principiei a gizar a distribuição das matérias desta Segunda Parte como se não houvera passado por tão rudes trabalhos...

Oh!, bem disse o Mantuano *que o amor tudo vence!* Bem disse melhor ainda alqueres Santo Agostinho ou outro dos Padres da Igreja que o amor não pode estar ocioso: se existe, se é verdadeiro amor, opera sempre e traduz-se em grandes finezas - *Amor stare non potest; magna enim operatur, si est.* E, por outra parte, como desde os meus primeiros anos me habituei por génio e boa educação a suportar as durezas das sérias aplicações ao estudo

*... .. tomo alento descansado
Para tornar ao trabalho mais folgado. (2)*

Era ainda, com efeito, bastante jovem quando aprendi a traduzir em Virgílio aquele

...Adeo in téneris consuescere multum est. (3)

e hoje reconheço as vantagens que houve de pôr em prática desde a puerfícia com vontade e também coagido por meus pais esta importantíssima regra de pedagogia. Qualquer pequena diversão me basta para desalterar o ânimo e reacquirir novos alentos e muitas vezes me curo da moléstia do cansaço com a só variação de estudos e outras aplicações.

Quem desconhece aí o valor de uma vontade constante, de um querer decidido que não é senão o amor intenso, a eficaz dedicação que lida sempre e não recua mas arrosta com os obstáculos que parecem insuperáveis sem se en

(1) *Lus. I, 40.*

(2) *Ibid VII, 87.*

(3) *Georg. II, 272.*

treter a medir-lhes a força e o volume? Alguém disse já que a vontade humana, apesar de humana e tão limitada, é omnipotente - asserção arrojada, paradoxal até, mas que não destoa do que afirmou o nosso Camões:

... .. quem quis sempre pôde. (1)

Ele o experimentou na composição dos seus *Lusíadas*. Se esta obra monumental chegou a ser uma realidade, não foi porque lhe sobrasse o vagar; foi, sim, porque ele quis e quis deveras levá-la a cabo.

Para o inerte e ocioso ou preguiçoso nunca o tempo chega; para o diligente, sobra até.

II

Mas, enquanto reanimado já e aproveitando no inverno algumas vacâncias para ir dispondo os materiais coligidos para esta Segunda Parte, eis que ao despontar a primavera de 1877 aparece posta a concurso a vizinha Igreja Paroquial de Pardais e sinto-me inclinado por algumas razões ponderosas a não desperdiçar o ensejo de obter uma colocação... não rendosa, mas fixa dentro do termo: a minha querida pátria, e que me punha em via de passar a outra melhor se assim o julgasse prudente...

Abriu-se um segundo concurso por ter sido baldado o primeiro por falta de opositores colados ou já aprovados noutro concurso. Apresentei-me nele com três companheiros e enfim logrei tomar posse da Paróquia no dia do Natal.

Já vêem, pois, os leitores que, se mal estava para poder lidar com esta obra, pior fiquei!... Pároco de uma freguesia pobre, erma, com a Igreja a cair quase, numa época em que o Clero vai sendo tão raro e não há já o tão valioso adjutório das Ordens e Congregações regulares, parece que eu deveria dizer adeus à minha empresa das *Memórias de Vila Viçosa* e dizê-lo para sempre...

Mas (oh força da vontade, quanto és poderosa! Oh desejo eficaz, oh amor devotado, quantos obstáculos não vences tu?!) tal empenço retardou somen-

(1) *Lus. IX, 95.*

te, não impediu de todo a continuação da minha obra literária porque eram muito avultados os materiais já reunidos e, como eu não desperdiço o tempo - esse tesouro de infinito preço, *cuja avareza, no dizer do filósofo Séneca, é a única honesta e lícita*⁽¹⁾ -, logo que me retirei do concurso mencionado comecei a coordenar esta Segunda Parte e depois de tomar posse do Benefício Curado não mais houve para mim horas vagas... Entre o serviço paroquial, o cumprimento das minhas obrigações e devoções de sacerdote, confessor, pregador, músico, etc., o que sobeja de tempo é consagrado à confecção ou melhoria destas *Memórias*. Assim, pois, trabalhando agora uma semana, logo um dia, uma tarde ou uma hora, pouco a pouco cheguei ao fim da minha empresa. Ao fim material, digo, pois o fim real só chegará a cada tomo quando eles forem para a tipografia visto o meu propósito de ir sempre corrigindo e melhorando esta minha obra. E, com efeito, se no mês de Outubro de 1878 eu levei por então a seu termo a Segunda Parte continuei sempre a retocar tanto esta como a Primeira conforme as investigações mo proporcionavam.

Hoje, mais ou menos imperfeita, a minha obra não é já um mero projecto: é uma coisa existente e que de alguma sorte preenche o seu fim, tendo apenas o achaque de ser devida à pena de quem pode tão pouco...

Dois patrícios, pelo menos, há em Vila Viçosa que deviam encarregar-se da história da sua pátria (por vezes lho tenho dito), mas com eles dá-se o avesso das minhas circunstâncias: podem, mas não querem.

Resta-me no fim de tudo um obstáculo, talvez insuperável: o das despesas da impressão desta obra. Porém, *Deus providebit*: se viver ainda muitos anos, espero vencê-lo da mesma sorte - não porque possa, mas porque quero.

III

Entendi que a classificação das matérias de que vou tratar nesta Segunda Parte ficava bem disposta começando pela topografia geral da vila e seu concelho ou termo e fazendo-o com a devida minuciosidade para que me saísse clara e explícita.

(1) *Cujus unius avaritia honesta est.*

Depois da topografia geral, prossegui com as monografias do que em meu conceito julguei digno de especializar-se, procedendo assim com método: depois do universal, o particular. Seguindo esta regra, dei a primazia aos monumentos religiosos e, como por acessório, descrevi em seguida o culto público antigo e moderno, ficando para depois a descrição dos monumentos profanos. Assim arranjei assuntos para quatro secções diversas. Em quinto lugar pus as memórias da instrução pública em ciências, letras e belas artes, no antigo e no presente. Depois ocupei-me da agricultura, comércio e indústria dos Calipolenses, também com referência aos tempos que já lá vão e aos nossos e terminei por catalogar os nomes das pessoas notáveis desta vila. Mais cedo podia eu apresentar estes nomes, alguns dos quais bem dignos de eterna memória; ficando porém reservados para o fim, não jazem por isso em lugar obscuro e desonroso: ficam até sendo a coroa e remate destes livros que eu faço à guisa de um monumento levantado por mim em honra da minha pátria particular. E não é de minha vontade que estanceiem na saga de tudo, porquanto desejo aí colocar ainda, a título de apêndices, os escritos antigos concernentes à nossa vila, ainda não arquivados, para os rejuvenescer e ao mesmo tempo me servirem de apoio como peças justificativas destas Memórias; e também juntarei no mesmo lugar alguns documentos que, por extensos, não quis inserir na contextura delas.

Assim, pois, esta Segunda Parte não consta só de *Memórias Especiais, descritivas e biográficas* como vagamente a intitulei por brevidade, se não também de memórias etnográficas enquanto consigna os usos e costumes do nosso povo, topográficas da vila, monográficas dos seus monumentos, corográficas do seu concelho enquanto dele faz miúda e exacta descrição, biográficas e genealógicas exibindo noticias de grande número de Calipolenses notáveis, literárias, agrícolas, comerciais e artísticas, noticiando o cultivo das letras, do solo, do comércio e da indústria deste Município e finalmente históricas em tudo, procurando explicar, quanto possível, a origem de todas as nossas coisas dignas de particular menção, etc.

Diz-se que um povo que tem uma história sua é um povo cioso da sua glória e que infunde respeito aos demais... Vila Viçosa não a teve até agora, limitando-se os seus habitantes a rememorar por alto algumas *tradições gloriosas*. Quero portanto que a minha pátria possua de futuro um livro da sua história, que invoque essa mesma história e não aluda vagamente a tradições que o tempo varre sempre da memória dos homens.

Quero que tenha esse livro. E há-de tê-lo, salvo se me faltar a vida, a saúde e os meios pecuniários.

E há-de tê-lo por uma forma tão avantajada que até suscitará inveja em muitas povoações deste Reino se me não ilude o meu amor próprio.

Espero em Deus que hei-de realizar esta empresa - aquela que trago reservada mais no íntimo do peito, apesar de não haver já nesta vila Duques de Bragança que dêem a mão tanto aos grandes génios como aos pobres e desvalidos da fortuna.

Bencatel, 20 de Junho de 1882.

O Autor

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

SEGUNDA PARTE

MEMÓRIAS ESPECIAIS, DESCRITIVAS E BIOGRÁFICAS

SECÇÃO I

Topografia geral de Vila Viçosa e seu concelho

Si quantum cuperem, possem quoque...

(Horat. Lib. II, ep. I)

Padecem quase sempre os primeiros inventos o achaque de não trazerem logo o cunho da aptidão precisa para atingirem o fim a que se destinam. Assim aconteceu neste século com a locomoção a vapor; assim tem acontecido com todos os maquinismos e instrumentos de qualquer espécie.

Em literatura dá-se o mesmo caso. Depois de escrita uma obra, começam os críticos a notar-lhe defeitos de omissão numas coisas e de redundância noutras e daqui surgem as ideias de projectos novos e de mais esmerada execução. Vejamo-lo.

Neste assunto de topografia ou descrição da minha pátria tenho já adiante de mim (que eu saiba) quatro empresários, se bem que ainda não lesse o opúsculo do quarto - o meu patrício e contemporâneo Caetano José Alves de Araújo que em 1849 escreveu um *Ensaio corográfico de Vila Viçosa*, o qual faz parte do *Noticiário* desta mesma vila - obra inédita e incompleta do seu genro, o Dr. Nunes Pousão, segundo as informações que este mesmo fez favor de me dar em Maio de 1877. Nada, portanto, posso dizer sobre o seu merecimento. Posso porém dizê-lo sobre as três primeiras topografias juntando logo que os defeitos delas, hoje bem sensíveis, me habilitaram a evitá-los tra-

quando um quadro da situação física actual da nossa vila tão completo que aos vindouros nada reste a desejar.

Com efeito, a primeira e mais antiga descrição da nossa terra é a que fez Francisco de Moraes Sardinha no seu *Parnaso de Vila Viçosa* escrito em 1618. É extensa e bem redigida, mas não contém ainda assim aquelas miudezas que tanto aplaudiríamos hoje ao cabo de mais de dois séculos e meio, além de que ficou apenas em manuscrito e somente pode ser lida na Biblioteca Nacional.

Frei Manuel Calado foi o segundo que descreveu a corte de Vila Viçosa como ela era em tempo do Duque D. Teodósio II. É se a sua relação tem a vantagem de ser a única (segundo creio) divulgada no mundo pela tipografia, ficou imperfeita, nem podia deixar de o ser visto que o livro onde a inseriu - o *Valeroso Lucideno* - tinha muito diverso escopo. É por isso mais um discurso laudatório de Vila Viçosa do que uma descrição da mesma vila, posto que nalguns lugares não deixasse de dar relações minuciosas como a do Terreiro do Paço e a das fontes e lavadouros. Foi publicada a sua obra no ano de 1648.

Presumo que António de Oliveira Cadornega, o capitão reformado e Juiz Ordinário de Luanda, lendo no *Valeroso Lucideno* a descrição da sua pátria e achando-a pouco desenvolvida, experimentou estímulos de se propor fazer ele mesmo uma outra mais extensa e completa. Pôs com efeito mãos à obra e acabou-a no ano de 1683, fazendo dedicatória dela ao Conde da Ericeira, D. Luís de Menezes, com o fim talvez de que este cá a mandasse imprimir; mas não aconteceu assim: manuscrita ficou então e manuscrita se conserva ainda.

Esta descrição de Vila Viçosa avulta muito mais que as duas precedentes quanto a edificios públicos, largos, fontes e ruas. Porém teve o defeito de ser escrita em Luanda com as recordações do que vira e presenciara em tempo dos Duques D. Teodósio II e seu filho D. João, também II, ou até 1639 - ano em que se embarcara para Angola para seguir ali a carreira das armas. Ou por outra, a sua descrição representa a topografia de 1640. Por esta razão emprega muitas vezes pretéritos imperfeitos, dizendo *era* e *não é*, *avaliava-se* e *não avalia-se*, etc. Quer isto dizer que em 1683 quando Cadornega acabou a sua obra já a topografia do Castelo, Praça Velha e ruas circunvizinhas estava alterada, ignorando ele como fossem tais alterações por viver na África Ocidental. Se escrevera dentro de Vila Viçosa, podia comparar o que existia em 1640 e o que ficara existindo a partir do cerco de 25 anos depois. Na África e com uma ausência de mais de oito lustros, era impossível recordar-se já de todas as ruas e travessas da sua terra. Não as nomeou to

das e assim mesmo nas que resenhou trafo-o a sua memória chamando travessa da Misericórdia à rua do Espírito Santo e principalmente situando a serra do Lavra de Noite onde está a da Barradas e colocando naquela a Ermida de Santo André.

Já vêm, pois, os leitores que para ser bem acabada uma topografia de Vila Viçosa deve, além da menção particular dos seus monumentos, conter os nomes de todos os seus largos, fontes e ruas, sem exceptuar uma só e foi isto que não praticaram os três topógrafos citados. Se o tivessem feito, já nós sabíamos precisamente onde era a rua de Santa Maria, o Colo da Gaita, o terreiro e travessa dos Foitos e outras vivendas que já não existem. Poderíamos também saber com precisão quais as crescenças e diminuições do povoado, etc.

Ora aqui têm os meus leitores a razão por que determinei fazer uma relação completa de todos os largos ou terreiros, ruas e travessas que existem na actualidade. A vista dela poderão os vindouros afirmar com seguridade: - Temos esta rua ou bairro de mais e aquela ou aquele de menos. A igreja ou convento de tal era aqui. Existem estas relíquias ou não resta já vestígio algum destes monumentos, etc.

Bem sei que a melhor topografia geral de Vila Viçosa, mais clara e palpável, era o levantamento de uma planta da mesma por escalas geométricas, o que nos nossos dias se tem feito nalgumas cidades e é por isso que tomei por tema deste prólogo o *si quantum cuperem, possem quoque...*

Talvez se consiga esse importante melhoramento desta minha obra e que por apêndice a este volume apareça uma planta ainda que muito reduzida. A falta de outrem mais habilitado, tenho já efectuado alguns ensaios que os meus amigos afirmam preencherem completamente o seu fim.

Veremos o que pode ser.⁽¹⁾

(1) Consegui em 1892 mandar estampar uma plantuzinha no Porto.

CAPITULO I

Topografia de Vila Viçosa. Número e designação das eminências em que repousa, dos seus rossios, terreiros, ruas e travessas, com os esclarecimentos precisos para bem se poder conhecer no futuro o seu estado actual.

I

Está Vila Viçosa na altura geográfica de 38 graus e 51 minutos de latitude boreal e de 9 graus e 54 minutos de longitude pelo meridiano das Ilhas dos Açores ou de 10 graus e minutos pelo da Ilha de Ferro ou de 1 e 45 pelo de Lisboa, segundo as diversas cartas geográficas.

Já disse alguma coisa e não pouco sobre a sua particular situação no Alto Alentejo, marcando também as distâncias em que fica das povoações circunvizinhas. Isso fiz no capítulo I da Primeira Parte para onde remeto os leitores.

Aqui serei bastante explícito, se bem que menos eloquente do que no capítulo II da mesma Parte Primeira, onde exarei uma descrição bempoética e encantadora do assento da nossa vila.

Vou, pois, precisar o leito desta abençoada terra para que possa em todo o tempo ser reconhecido se porventura se der o caso de ser um dia destruída pelo furor dos elementos ou do vandalismo das guerras humanas.

Em Borba, ao noroeste, principia uma longa e sempre verdejante planície que, dilatando-se para o sueste até Pardais no sítio de S. Marcos e Fonte da Hora, conta a extensão de doze quilómetros com a largura variável de 500 a 1 500 metros. Nessa maior largura é que repousa a nossa cara pátria e conquanto pareça à vista que jaz em sítio baixo por lhe ficar mais alta ao poente a serra que vem de Borba entroncada com os Montes Claros e vai acabar no Alandroal e bem assim ter ao norte o Outeiro da Mina e outros igualmente mais elevados que ela até ao Outeiro de S. Bento, campeia contudo na altura de 600 metros acima do nível do mar que é pouco menos da altura do píncaro da Serra d'Ossa que se lhe estende ao poente na distância de três léguas, sendo por isso que se desfruta aqui um clima fresco, assim como nas mais povoações do noroeste e norte até Portalegre.

Tem a dita planície em toda a sua extensão uma posição horizontal ou nivelada apenas com leves declives para o oriente para onde assim correm somente leves regatos através dela - regatos que se escoam da serra de Borba até à de Maria Henriques.

Onde jaz a nossa vila deslizam através da planície dois ribeiros, ou antes, regatos, como disse noutro lugar, porque, elevando-se nela quatro pequenas eminências ou morros, formam-se ali dois pequenos vales transversais - um onde está o Terreiro do Paço com os seus largos e casarias adjacentes, ao norte; o outro, ao sul, é o Rossio de S. Paulo, o Rossio por excelência. Desde a nascença dos regatos, nas faldas da serra ao poente, até ao extremo oriental da vila onde está o Convento dos Capuchos, contam-se entre eles quatro eminências: a primeira no sítio do Carvalho ou detrás da Igreja da Lapa, no ocidente, que é a menor de todas e povoada de oliveiras com algumas vinhas; a segunda é já cidadã e coroada pelo edificio do Colégio dos Padres da Companhia e outras casarias notáveis (entre a primeira e a segunda fica o famoso campo do Carrascal); a terceira é onde está o nosso glorioso Castelo moderno com a vila velha à ilhargá do norte (entre as duas precedentes está o centro actual de Vila Viçosa); e a quarta é no Outeiro do Ficalho, já deserto, e onde restam alguns farrageais ou chãos em bairros antigos já extintos; porém a sua maior parte é um rossio público em cujo extremo oriental se mostra donairoso, num pequeno cômodo, o convento capitular dos Capuchos da província da Piedade.

Com a definição da grande planície, dos dois pequenos vales transversais com os seus ribeiros e das eminências que os dividem, levantando-se entre ambos, fica já bem explicada a posição do leito geral da nossa vila.

II

Amiudemos a descrição começando a resenhar os rossios, terreiros, praças ou largos.

Dizia-se até aos nossos tempos: *Vila Viçosa tem cinco largos e cada largo com três igrejas, etc.*, mas isto entendia-se de largos maiores e antigos porquanto foram sempre e ainda hoje são em maior número.

Dos cinco a que se referia o ditado aludido mencionarei em primeiro lugar, ao norte, o *Terreiro do Paço* que tem a forma de quadrilátero quase per-

feito, medindo 120 metros por 110, e nele estão: a Capela Real, o Convento de Santo Agostinho e o Convento das Chagas. Com este se liga, no ângulo oriental, o *Terreiro de Santo Agostinho* que tem a figura de um paralelogramo ou quadrilongo com uma área equivalente, pouco mais ou menos, a metade do Terreiro do Paço, ficando-lhe ainda para o sul uma nesga à qual davam os antigos o título de *Largo da Assaboaria* por ter funcionado ali outrora a fábrica de sabão de que ultimamente eram proprietários privilegiados os Freires de Andrade, Condes de Bobadela.

Caminhando para o sul, está no centro da vila a *Praça Nova* com as Igrejas do Espírito Santo, do Colégio de S. João Evangelista e de Santa Luzia. Esta última, porém, fica já fora da área da dita praça. Dentro dela e até no centro dela esteve outrora a Igreja de S. Bartolomeu chamando-se então *Adro de S. Bartolomeu* a parte baixa e mais larga e *Terreiro dos Padres da Companhia* a parte superior. E também um quadrilongo com 125 metros por 68 e uma pequena projecção entre as ruas de Irês e de Cambaia. Estende-se de poente a oriente, assim como o Terreiro de Santo Agostinho e o Rossio de S. Paulo de que vou falar.

No Rossio está o Convento de S. Paulo e o da Esperança, faltando já a terceira igreja que era a de S. Sebastião. E hoje maior do que antes de 1770 quando foi derrubada a muralha da vila para ser empregada a sua pedra na construção dos modernos Quartos Reais do Paço, herdando assim do Carrascalo que está para cima do Convento de S. Paulo e passando a ser limitado ao poente pelo Beatério de S. José e pelos coutos ocidentais. Então o Rossio ficou tendo um comprimento não inferior a 500 metros com uma largura muito variável: algo estreito entre o cemitério de S. José e a vinha de João Espanhol, alarga logo até à esquina da cerca dos Paulistas, aqui muito mais ancho se mostra com 138 metros de latitude, mas para baixo contrai-se logo entre a Aldeia e as casarias do norte e boca das ruas das Vaqueiras; mais se aperta ainda entre as bocas das ruas da Freira e do Poço, etc. e a faceira austral junto à fonte do Alandroal, acabando assim em baixo com tanta largura como em cima principia. A Câmara em 1877 intitulou *Largo da Fonte do Alandroal* o baixo rossio, mas sem fundamento plausível por serem contíguas ou contínuas todas as diferentes larguras e sem nenhuma linha de intersecção.

O quarto largo dos principais antigos é o famoso *Campo do Carrascal* onde estão as Igrejas de S. José, S. João Baptista e Nossa Senhora da Lapa. Estende-se de norte a sul, emoldurando a vila pelo ocidente, com o comprimento de 418 metros. Acha-se dividido ao meio pela estrada de Bencatel e Evo-

ra, projectando-se a metade setentrional para o poente ou Lapa mais 81 metros, na largura, sendo assim esta no centro de 237; mas ao norte, entre o farrageal dos Silveiras e o Boqueirão de Luís Jorge ou boca da rua das Cortes, é de 254. A metade austral já se vê que tem de largura 156, termo médio. O Carrascal é hoje o "boulevard" dos Calipolenses por se achar arborizado e convertido em Passeio Público. Serve também para eiras públicas e reunião das feiras de barracas, gado miúdo e cavalgadas, ficando o gado vacum no Rossio.

O quinto e último dos principais largos antigos é o *Outeiro do Ficalho*, onde estão as ermidas de S. Tiago e S. Luís com o Convento dos Capuchos. Fica insulado já da vila, ao oriente, por se meterem de permeio alguns chãos ou farrageais de arrabaldes extintos. O dito largo tem a forma de polígono muito irregular, ocupando o lado nor-nordeste da eminência desde as hortas de S. Luís e outras até ao cimo. Entre este e o pátio dos Capuchos tira-se uma linha diagonal de 297 metros que é a sua maior extensão no meio de uma largura variável, porém maior ao poente do que ao levante do sol. Hoje serve este campo somente para debulha de cereais e arraiais de festas dos santos que nele se veneram, mas outrora era muito frequentado pelos Calipolenses contribuindo para isso o não estar aformoseado ainda o Carrascal, e funcionar ali o Convento dos Capuchinhos. Moraes Sardinha no seu *Parnaso de Vila Viçosa* apenas fez especial menção dos Terreiros do Paço e de Santo Agostinho e deste Largo do Outeiro do Ficalho, exaltando muito a sua beleza e considerando-o como o passeio público do século XVI. Pinta-o como se fôra um novo Eden e regala-se em relacionar os pontos remotos que da sua cumeada se avistam para o oriente, alegando (além de outros pontos mais próximos como Olivença com a Serra de Olôr) que dali se enxergava a serra de Mérida, na Estremadura Castelhana que dista de Vila Viçosa dezasseis léguas, aliás 20, e que, apesar de se dizer que o olho do homem desarmado não abrange a maior distância de um grau ou 20 léguas, dali se divisava também sem óculo o fastígio da serra de Fornachos que dista 28 léguas. ⁽¹⁾

Está, pois, concluída a resenha dos cinco antigos largos principais, mas presentemente há outro ainda que merece a honra de ser incluído namesmalista: falo da *Estacada* ou *Praça Velha* que se estende como o Carrascal de norte a sul entre as bocas superiores das ruas da Praça e do Angerino e a do Poço com uns 250 metros de comprimento e uma largura variável de 60 entre os castelos antigo e moderno, ao oriente, e a rua dos Gentis e casarias diversas, ao poente. Compreende hoje, no centro, a Praça Velha junto à Tor-

(1) L. 2, cap. 15

re de Menagem ou do Caracena com muitas casarias que foram demolidas em 1663 a 1665 e onde esteve a célebre estacada que deu ao novo largo a sua de nominação mais vulgar. No cimo ou sul abrange outros assentos de casas derubadas na mesma época para construção de fortificações exteriores do Castelo, e em baixo outros novos, da mesma sorte, com o pequeno Terreiro dos Foytos que se ligava por uma travessa com o Terreiro de D. João. Este é hoje contínuo da Estacada, posto que em sítio mais oriental. A Estacada ainda não possui os alindamentos que está reclamando há dois séculos, mas já as Câmaras têm feito ali não pouco e hão-de ir continuando a embelezá-la com arvoredos e outros benefícios porque os merece. Acha-se numa encosta central da povoação e muito ventilada, tanto que os nossos velhos dizem ser quadra de absoluta calma quando ao Arco dos Remédios se não sentem aragens. Deve ali haver um passeio público e franco até de noite e querendo honrar o largo com um título mais glorioso podiam as Câmaras decorá-lo (quando inteiramente aformoseado) com o de Praça de Cristóvão de Brito, illustre patricio nosso e Governador do Castelo em 1665.

Temos já, pois, seis largos de primeira classe.

III

Entre os largos menores ou de 2ª ou 3ª classe ficaram já resenhados: 1º - o Terreiro de Santo Agostinho, distinto do Terreiro do Paço e nada pequeno; 2º - o Largo da Assaboaria que não é mais do que uma prolongação do ângulo austral do precedente.

Mencionarei em 3º lugar o Terreiro de D. João assim nomeado já em 1618 no Parnaso de Vila Viçosa. Veio-lhe o título de D. João d'Eça, Fidalgo de sanque real e Alcaide-mor da nossa vila em tempo do Duque D. Jaime, o qual passou depois a servir com os seus numerosos filhos nas guerras da India adquirindo grande nome. Morou na casa nobre que ali está virada para o oriente, segundo creio. O terreiro orçava então por 60 metros em quadro, mas depois da Guerra da Restauração da Monarquia passou a estender-se para o sul até à Cerca de D. Dinis, ficando assim quadrilongo e com dobrada área por herdar o assento das casarias demolidas com a rua ou travessa que comunicava para a porta de Estremoz e rua da Cruz. Também este largo, depois de aformoseado, podia ter o título honorifico de Praça de D. João d'Eça.

Cabe o 4º lugar ao *Largo da Fonte Grande*, ligado com o anterior pelas ruas de D. Pascoela e do Chafariz e com o Terreiro de Santo Agostinho pela rua do Passadiço. É quadrado, ainda que algum tanto irregular e com a extensão do primitivo Terreiro de D. João. Além da fonte, acha-se ali um grande chafariz de bestas, sendo por isso muito frequentado.

Os mais terreiros ou largos pequenos quase não merecem especializar - se por sua exiguidade. Fá-lo-ei contudo para satisfazer ao meu programa de uma descrição completa e exactíssima. Ao cabo das três ruas de Santo António, dos Gentis e da Praça, está o *Terreiro do Patacão* (5º) que é muito pequeno. O *Terreiro de Santo António* é na rua deste nome e fica fronteiro à Igreja do Taumaturgo Português (6º). A porta da Igreja de Santa Luzia está outro ainda mais pequeno (7º). Na almedina ficam mais dois: um logo à entrada pelo Arco dos Remédios que é um grande paralelogramo de mais de 50 metros de comprimento com 30 de largura variável e que noutras condições bem poderia ter o histórico título de *Praça de Álvaro Gonçalves*, cuja casa foi ali com outras muitas demolidas para melhor defesa do Castelo moderno; o outro é o *Adro da Matriz* ou praça da almedina (8º e 9º) que é um trapézio ou quadrado irregular.

Resumindo. Temos na actualidade:

Largos e praças maiores	6
Ditos, menores	<u>9</u>
Total	15

IV

Passemos à descrição e enumeração das ruas. Mas saiba-se primeiramente que nesta vila são em geral chamadas ruas as que correm na direcção do grande vale ou planície, isto é, de noroeste a sueste; e dá-se o nome de travessas àquelas que cortam as ditas ruas de nordeste a sudoeste, exceptuando -se poucas desta regra (a rua de Evora, do Espírito Santo, etc.).

Principiando a mencionar as ruas pela almedina ou Castelo antigo, visto ser a mais nobre da vila antiga de D. Afonso III, encontramos ali ao oriente (donde sempre começarei esta enumeração) a rua *dos Albardeiros* que nos nossos dias cessou de ser habitada (1ª). Esta foi destruída em 1886 quando se começou o cemitério geral. Em 1630 começou a chamar-se do Albardeiro por

que morava lá um tal artista (Cartório da Misericórdia) e depois continuou com o mesmo nome levado ao plural. A *rua do Bugio* e a *de Estremoz* (2^a e 3^a). Segue-se uma 4^a, já desabitada há muito e cuja boca junto à *rua de Nossa Senhora* (travessa) foi tapada em 1880 e ouvi dizer vagamente que tivera o nome de *rua dos Chapeleiros*, o que é falso pois não acho menção de tal nome nos escritos antigos. Depois está a *da Cadeia* (5^a) que outrora era a 2^a ao entrar-se pela porta da Torre ou Arco dos Remédios e hoje é a 1^a. Com a referida rua de Nossa Senhora, que passa ao cimo das duas últimas e conduz ao Adro da Matriz, contamos na almedina 6 ruas, porém sendo já habitadasso mente 4. A antiga rua da Cadeia era dentro do Castelo e creio ser a primeira logo à entrada do Arco dos Remédios e que não existe. Acho memória no Livro de Lembranças da Misericórdia, começado em 1665, de ter ali a sua confraria o domínio directo de umas casas foreiras em 900 réis e que tem a nota de terem sido arrasadas por causa da guerra. E minha opinião que a segunda rua, dita hoje da Cadeia, era a de António Gançoso porque as casas deste continham 6 por cima e 7 por baixo e isto verifica-se no prédio no-bre da dita rua, conforme li no Cartório da Misericórdia.

Até 1643 houve ali mais uma rua que, passando por baixo da capela - mor da Matriz onde hoje são casas de despejo, comunicava com o postigo ou redugão da Porta do Sol, chamando-se por isso *rua do Postigo*. Cadornega faz menção dela, assim como do *Bêquinho*, que era detrás da rua do Postigo e fechada pelo muro, tendo-se chamado antes *Judiaria*, das quais refere que *eram habitadas por mulheres públicas ali arruadas por estarem separadas da gente honrada.* (1) Com a reedificação da capela do Santíssimo em 1643-45 e a posterior fundação da casa (hoje em ruínas) ultimamente habitada por D. Francisco Xavier da Silva Lobo, desapareceu a rua do bêquinho ficando encampada no quintal da última.

Menciona ainda Cadornega a rua de *Santa Maria* que do Adro da Matriz passava à porta do Castelo, como se viu no capítulo 64 da Primeira Parte, e que também desapareceu na época de 1663-65 por causa do ampliamto e boa defesa do Castelo moderno, e outrora se chamou *rua dos Paços (da Alcáçova)*. E finalmente a *da Torre* (por equívoco, sem dúvida) que indubitavelmente é a que chamamos hoje *rua de Nossa Senhora* e que bem pode ser que tivesse outrora aquele título, pois decerto conduz da antiga porta da torre

(1) *Descrição de Vila Viçosa.*

de Menagem.

Morais deixou escrito no seu *Parnaso* que o Castelo tinha (em 1618) "dez ruas, fora as atravessadas",⁽¹⁾ mas não fez especial menção dos seus nomes, o que aliás muito lhe agradeceríamos hoje: e assim justificou a minha escrupulosa minuciosidade neste assunto. Eu conjecturo que as travessas eram ao tempo só duas, a saber: uma em baixo ou norte, onde existe ainda uma viela ou passadiço; e outra no centro que é a rua de Nossa Senhora. Entre ambas (contando as cinco actuais povoadas e não povoadas), havia sete ou oito e daí para cima a rua do Postigo e de Santa Maria e mais uma talvez. O dito Moraes elogiou muito a salubridade do bairro do Castelo, recordando que em 1580 fôra o último a que se comunicara o flagelo da peste e nisto não ultrajou a verdade: está situado numa encosta que o vento norte lava a maior parte do ano e é salubre com efeito.

Em casa dos Silveiras existe um requerimento de D. Isabel Maria de Menezes e seus filhos pedindo a El-Rei D. Pedro II em 1701 a satisfação de 550\$000 réis em que tinham sido avaliadas duas moradas de casas dos Silveiras no Terreiro de D. João que se derrubaram por causa das fortificações; e noutro requerimento à parte requiere a mesma Dona a indemnização do prejuizo de lhe derrubarem oito moradas do seu morgado com o mesmo fim, sendo estas umas junto à cadeia e encostadas ao muro da Cerca antiga, outras no princípio da rua da Torre, mais três moradas na Praça Velha, umas dentro do Castelo na rua de Santa Maria, outras na rua do Vigário que era imediata à de Santa Maria e ambas do adro da Matriz para cima e outras próximas na mesma rua do Vigário.

Por aqui se vê quanto crescido foi o número de casas derrubadas.

Além das ruas já mencionadas e que deixaram de existir na Matriz dentro e fora dos muros do Castelo, tenho a relacionar as seguintes nas quais se compreenderá talvez a que chamam dos Chapeleiros e que constam de escrituras públicas e principalmente do registo paroquial: Rua do Vigário, imediata à de Santa Maria; Rua de António Gançoso; Rua de Pero Anes; rua de Gasparlão; rua das Estalagens; rua dos Coronéis. Juntando a estas seis: a do Postigo, a de Santa Maria, a do Béquinho, temos 9 ruas já não existentes, às quais se devem juntar os terreiros dos Foitos e Colo da Gaita.

Saindo para fora do Castelo e passando a mencionar as ruas da vila moderna que correm de norte ou noroeste a sudoeste, principiemos também do

(1) L. 2, cap. 15.

oriente para o poente no sítio mais setentrional.

A primeira é a rua da Cruz⁽¹⁾ que da Carreira das Nogueiras sobe para o matadouro e curral do Concelho.

A segunda chama-se do Chafariz; comunica com o Terreiro de D. João com o Largo da Fonte Grande onde, como disse, esteve e está um chafariz de bestas.

A sua paralela é a de D. Pascoela de Gusmão, dama da Duquesa D: Catarina, e que morava numa das duas casas nobres que ali há (3ª).

Segue-se com a mesma direcção a do Angerino (4ª) ou de André Angerino, chamada antes de Pedro de Melo (de Castro), fidalgo autorizado e contemporâneo de D. Pascoela, cuja casa nobre lá se distingue bem fazendo esquina para a travessa do Valderrama.

Estas ruas são geralmente curtas, excepto a do Angerino.

Ao sul da vila estão na mesma zona as ruas dos Frades (5ª) e a do Poço (6ª). A primeira destas conduz da fonte do Alandroal à portaria do convento da Esperança e porta da vila do mesmo título e houve tal nome do Hospício de Frades Franciscanos que ali tinham as Freiras para a direcção espiritual e religiosa do dito Convento. A do Poço teve essa denominação da referida fonte do Alandroal em tempo de ser poço apenas como deixo observado noutro lugar.

Voltando ao norte, continuamos a contar depois da rua do Angerino a da Praça (velha, se entende), limitada presentemente pela Estacada e pelo Terreiro do Patacão (7ª).

A 8ª é a rua dos Lucenas ou de Santo Agostinho, que é curta mas bastante larga, e conduz do Terreiro do Patacão ao Terreiro daquele santo. Em frente dela vai subindo para o sul a rua dos Gentis,⁽²⁾ que é a 9ª, e depois de se encontrar com a rua de Évora desce para o Rossio com o nome de rua da Freira (10ª).⁽³⁾ No mesmo Terreiro do Patacão sobe a rua de Santo António (11ª) que também depois da rua de Évora continua para o Rossio com a denominação de rua das Vaqueiras (12ª), cuja origem é obscura.⁽⁴⁾

(1) Veio-lhe o nome de uma cruz mortuária que teve à esquina em baixo.

(2) Ignoro a origem desta denominação. É provável que morassem ali indivíduos com o apelido Gentil, mas que não conheço. Morais em 1618 já amenciona assim.

(3) Também não sei dizer qual a freira que lhe deu o nome.

(4) Veio-lhe o nome de mulheres apelidadas Vaqueiras, mas não minhas conhecidas. No Colégio dos Reis houve já no século passado um Mestre de Música chamado João Vaqueiro, mas o nome da rua já era tal no século 16. Em 1535 faleceu em Ormuz o Bispo D. Fr. Fernando Vaqueiro que Couto diz ser natural de Évora.

A 13ª é a *Corredoura*, hoje a mais central da povoação, mas ainda extrema ocidental no século XV e onde (como indica o seu título) se exercitavam na carreira os cavaleiros militares daquele tempo. É muito extensa e larga e hoje com maior número de boas casarias do que as demais ruas. Pouco lhe falta para ser perfeitamente alinhada e é muito larga.

No baixo da Praça Nova, em frente da *Corredoura*, descem para o Rossio as ruas de *Três* (14ª), que é a última das estreitas, e a de *Cambaia* (15ª), que já é larga, direita e de casarias geralmente nobres como as da *Corredoura*.⁽¹⁾

A 16ª é a rua dos *Fidalgos*, assim chamada por morarem nela muitos como observa Frei Manuel Calado; liga o Terreiro do Paço com a Praça Nova, sendo mais comprida do que a *Corredoura*; tem belos edifícios, mas não parelhos, vendo-se ali até algumas casas rasteiras; e é bem alinhada salvo ao desembocar no Terreiro do Paço onde se lhe nota uma leve tortuosidade. Alinhada com a precedente e descendo da Praça Nova para o Rossio está a rua de *António Homem*,⁽²⁾ perfeitamente regular e larga como todas as modernas (17ª).

Entre a rua dos *Fidalgos* e a de Santa Luzia fica a rua das *Pedras*, assim chamada por ser de mármore quase todo o seu assento, como também sucede na vizinha travessa da *Amoreira*, cuja parte inferior teve escalões por isso mesmo nos nossos dias. Comunica entre a travessa mencionada e a rua das *Cortes* (18ª).

Resta mencionar ao sul as ruas de *Frei Manuel* e de *Fora* e ao norte a de *Santa Luzia* correspondente à última nomeada (19ª, 20ª e 21ª): todas largas e bem alinhadas. A rua de *Frei Manuel* teve este nome de um capelão da *Misericórdia* e primeiro reitor dos Meninos *Órfãos* chamado Frei Manuel Cavaleiro como diz Cadornega: era contemporâneo do Duque D. Teodósio I em cujo testa

(1) Num cadastro da Câmara dá-se também a esta rua o nome de *Sebastião Vaz*, que florescia em 1640, sendo homem nobre e rico. Prevaleceu porém de *Cambaia* que era anexim de outro seu contemporâneo chamado *Gonçalo Fernandes*, coxo talvez, e de quem está registado no L.1, f. 159v. da Câmara um privilégio de mamposteiro dos cativos para pedir na Igreja da *Esperança* e passado em 1640. Ali se encontra o apelido ou anexim de *Cambaia*, de que usava. Mais antigo é, porém, *António Lourenço Cambaia* que em 1623 foi padrinho de João, filho de Manuel Fernandes e Maria Fernandes, em S. Bartolomeu.

(2) Dou notícia de dois com este nome e ambos na Matriz. O primeiro casou em 5 de Julho de 1574 com *Clemência de Pares* e teve em 1577 a *Manuel Homem*. Provavelmente passou depois a morar na rua a que deu o seu nome e ainda de origem recente. O outro vivia em 1581, sendo casado com *Inês Mendes*. No Cartório da *Misericórdia* achei menção de outro *António Homem* casado com *Beatriz*, solteira em 1544, e era *Escudeiro* do Duque. Era proprietário e fez uma troca com a *Misericórdia*. Este é que deve ser o que deu o nome à dita rua. Deste não consta a freguesia, mas sim que era morador nesta vila.

mento se faz menção dele e prova isso que tal rua se começou a formar no meio do século XVI. A rua de Fora, assim chamada por estar já fora das muralhas modernas também se apelidou de Manuel Serrão em 1620, em 1630, etc., de S. João e depois da Oliveira por estar nela uma árvore destas, como li no cartório municipal, mas não vingou tal denominação. Teve (e tem) casas só na faceira que olha para o ocidente e, como lhe foi tapada a boca junto à porta de Santa Luzia para se edificar o Colégio, perdeu assim muita beleza pois de mais a mais ficou-lhe a cerca do mesmo Colégio ocupando a faceirado poente. Isto quer dizer que era uma rua então principiada, mas que não se acabou por lhe ficar próxima a decadência de 1640.

A rua de Santa Luzia é perfeitamente regular e com bons edifícios. Cadorna chama-lhe última e ainda hoje assim é, visto minguar e não crescer a nossa população desde 1640. De então para cá só temos de novo no Carrascal o bairro de S. José com uns doze ou catorze casebres.

Com as três ruas da Aldeia, chamadas *aldeia de baixo, do meio e de cima* ou *rua de S. Sebastião*, temos 24 ruas longitudinais na vila moderna ou fora do Castelo.

V

Prossigamos com a designação das travessas, algumas das quais gozam do título de ruas e façamo-lo do norte para o sul.

Omito a Ilha que é um acessório do Palácio Real onde há largos e ruas mas não do Concelho. E aí não mencionei, como rua, a estrada ou avenida que do Terreiro do Paço conduz à porta da mesma Ilha e a dos Nós que é pública por não haver ali moradores. Se houvesse, constituiria uma rua distinta da Corredoura.

A 1ª travessa que não anda relacionada como tal mas que o deve ser é a que chamo *do Passadiço* porque passa por ela este ribeiro e comunica o Largo da Fonte Grande com o Terreiro de Santo Agostinho. Podem, se quiserem honrá-la mais, chamar-lhe rua porquanto, ainda que não comprida, é asseada e com bons edifícios, recenseados até agora como pertencentes ao largo da fonte sem nenhuma razão plausível pois é fisicamente distinta dos pontos que relaciona.

A 2ª é a *do Forno* (que não está lá hoje) e liga a rua de Santo Agosti -

nho com o Largo da Fonte Grande.

Conta-se em terceiro lugar a rua das Cortes que desce do Carrascal até à Corredoura (3ª). Daí até ao Terreiro de D. João chama-se travessa do Val derrama (4ª) e depois é carreira das Nogueiras (5ª). O primeiro nome veio-lhe do sítio das Cortes, aldeia Romana antiga de que fiz menção noutra lugar. O segundo procedeu de um Francisco de Valderrama, criado de D. Jaime, ou de algum filho seu mais notável que sem dúvida morava na casa nobre da esquina da Corredoura (pois a travessa não tem prédios nobres). E o terceiro das nogueiras das hortas contíguas no extremo oriental. Estas três constituem a mais longa via travessa da nossa terra.

É, porém, necessário declinarmos agora para o norte porque já nos fica atrás a travessa de Santo António (6ª) presentemente com um só morador. Comunica do Terreiro do mesmo título para a Estacada, ficando-lhe no meio a rua dos Gentis.

A 7ª chama-se travessa do Arco da Lapa em razão de principiar no Carrascal em frente da Igreja daquele nome e passar à rua de Santa Luzia, tendo sobre si um arco para alargamento da casa dos Torres Ferreiras Homens (coisa que as Câmaras nunca deviam conceder). Daí até à rua dos Fidalgos chama-se travessa da Amoreira por ter ali havido uma no quintal da casa nobre da esquina do norte (8ª). Mas em antigos tempos descia ainda (segundo parece) até à Corredoura onde concerteza continuava com o nome de rua da Torre (9ª) até à Praça Velha. Essa parte, compreendida entre a Corredoura e a rua de Santo António, foi metida para dentro do Convento da Santa Cruz com autorização de Filipe II e anuência da Câmara e povo no ano de 1598.

Não tem tido a 10ª nome fixo. Dizem que há muitos anos se chamou travessa do Gato segundo os cadastros da Câmara. Os nossos pais e avós chamavam-lhe travessa do Padre Carmo que, vindo criança para entre nós, morou (sendo padre, organista e compositor de música) na casa nobre da esquina da rua dos Fidalgos e acabou Deão da Sé de Elvas. Julgo por isso aceitar esta denominação e preferível a todas, pois nos nossos dias têm-lhe chamado travessa do Vieira por morar na mesma casa Frei António Vieira de Carvalho, último Prior dos Agostinhos e que faleceu entre nós em 1862. E nos róis de confissão da Freguesia de S. Bartolomeu intitula-se travessa de Santa Cruz quando não há razão para aquela parte ser travessa e a sua continuação rua.

A razão de faltarem nomes fixos nesta e noutras vias transversais cifra-se em terem apenas uma ou duas vivendas e essas mesmas de gente sem nomeada.

Como já indiquei, a travessa do Padre Carmo continua da Corredoura para o oriente com o nome de rua da Santa Cruz (11ª) e acaba na Estacada e rua dos Gentis.

Segue-se com o mesmo tamanho e direcção a *rua dos Caldeireiros* (12ª).

Depois no ângulo do norte da Praça Nova sobe para a Estacada a *rua de Évora* (13ª) que outrora continuava ainda até à porta da Cerca velha que tinha o mesmo título.

No ângulo do oriente da mesma Praça Nova começa da mesma sorte a *rua do Espírito Santo* (14ª) que também vai parar à Estacada e rua da Freira. Antigamente prosseguia para o terreiro chamado *Colo da Gaita* e deste havia comunicação para a Porta do Sol⁽¹⁾ e para o Outeiro do Ficalho. Em 1663-65 tudo isso foi derrubado para se construir a Estrela exterior e as barbacãs com a esplanada ou estrada coberta.

No cimo ou poente da Praça Nova tem de se enumerar uma travessa ou rua que liga a dita Praça com o Carrascal e deve chamar-se *rua do Colégio* (15ª) pois ali se acha o prédio fundado nos nossos dias pelo Brigadeiro José Júlio de Amaral e não pode ser considerado pertença do Carrascal por não ter nele a sua principal serventia.

Depois da rua do Espírito Santo está para o sul uma travessa que hoje começa na rua das Vaqueiras e prossegue até à rua do Poço com um morador e muitas portas de quintais. Também não tem tido nome certo, dando-lho sempre o morador da casa da esquina da rua das Vaqueiras. Destes, o mais notável do nosso tempo foi Frei Inácio da Costa Rosa, Calipolense e Capucho, falecido em 1863. Fique-lhe, pois (quanto em mim cabe), o nome de *travessa de Frei Inácio* (16ª). Antigamente era mais longa para o poente, atravessando a rua de Três até à de Cambaia. Desde a Praça Nova até àquele ponto (onde o engaste é bem palpável) era a primeira e dali até à travessa inferior que logo nomearei contava-se a 2ª e até ao Rossio central a 3ª. Tiveram lugar estas interrupções na primeira metade do século XVI quando se regularizou a rua de Cambaia porquanto no testamento do Duque D. João I, falecido em 1583, está já noemada a rua de Três com este nome.

Segue-se em 17ª lugar a travessa a que já aludi compreendida entre a rua de Três e a das Vaqueiras chamada nos nossos dias *travessa do Franco* por ter morado à esquina da última por muitos anos o meu mestre de música Francisco António Franco, Calipolense e falecido no ano de 1868 depois de ter exercido constantemente a profissão do ensino de música e primeiras letras. Era outrora, como adverti, mais comprida passando ainda ao oriente até à porta

(1) No tomo dos bens da Misericórdia achei menção de um prédio de casas situadas à Porta do Sol, onde presentemente só há fortificações.

da Esperança.

Mais abaixo está a *travessa da Esperança* (18ª), assim chamada por conduzir da rua das Vaqueiras directamente ao Pátio das Freiras e depois à porta do mesmo título. No trajecto da rua da Freira para a do Poço tem sobre si algumas casas do prédio do Padre Joaquim de Sousa e Menezes, por cuja razão lhe chamam igualmente *do Arco*. Nem sempre conta algum morador, mas é muito transitada.

VI

Recapitulemos. No Castelo, excluindo as duas ruas não habitadas nem transitadas, achamos	4
Na vila temos:	
Longitudinais	24
Transversais	<u>18</u>
Total das ruas e travessas	46

Confira-se agora o capítulo 146 da Primeira Parte, no Tomo III, onde está a estatística da população na primavera de 1882 e achar-se-á, por uma prevenção minha, o número exacto de fogos e almas então existentes nas mencionadas 46 ruas e travessas, assim como nos 15 largos ou terreiros maiores e menores. Advirto, porém já, que muitos prédios se encontram sem habitantes fixos como adegas, celeiros, casas de arrecadação ou despejos, sendo por tanto maior o número de prédios habitáveis do que o dos fogos daquele ano.

Pela mesma estatística se vê qual a demarcação das duas freguesias urbanas, ficando a de S. Bartolomeu toda circundada pela Matriz.

O comprimento da vila desde a cerca da Lapa, no poente, até ao Convento dos Capuchos é de 1 309 metros e a sua largura desde a extremidade austral da Aldeia até ao Quartel Real da Ilha, fora a Porta do Nó, é de 1 036.

CAPITULO II

Topografia geral dos subúrbios ou coutos da vila, suas coutadas e freguesias rurais. Algumas notícias geológicas.

I

Fora de Vila Viçosa temos a descrever os seus subúrbios ou coutos e coutadas pertencentes à Matriz e depois disso as quatro freguesias rurais do concelho actual.

A demarcação do termo ou concelho primitivo acha-se explicada no capítulo 18 da Primeira Parte, Tomo I, e a sua reforma ou alteração, feita em 1834 para se compor de freguesias inteiras, está igualmente elucidada no capítulo 108 da mesma parte e Tomo III.

É pequeno o nosso concelho, de sorte que Moraes no *Parnaso de Vila Viçosa* afirma ser esta a sua única falta ou defeito. Ao passo que muitas vilas do Alentejo contam 8, 10 e 12 freguesias rurais, a nossa apenas tem quatro.

II

Começemos pelos *coutos*. Podemos dividi-los em orientais e ocidentais, servindo-nos a demarcação da estrada de Borba, ao norte, e a azinhaga de S. Marcos ao sul, e ficando-nos assim a linha divisória pelo centro e ao longo da planície.

Coutos ocidentais. Constan de pequenas glebas de terra a que damos o nome de courelas. Estas antigamente eram todas plantadas de vinhedo com algumas oliveiras; porém hoje a maioria é de olivedo com poucas vinhas e raríssimos farrageais. Por isso mesmo são despovoados os coutos ocidentais contando-se hoje apenas um morador na Horta do Carvalho que é perto do Carrascal.

Este distrito, que eu formei para ser mais claro, é limitado ao norte pelo termo de Borba no sítio do Marco; idem a oeste nas quintas de Santo An-

dré; pela freguesia de Bencatel ao sudoeste e pela de Pardais ao sul. Fica-lhe dentro a serra de Borba com várias denominações nos seus principais cabeços, que são (princiando ao norte): Mau Freire, Alto da Zorra, Ser - rinha, Serra do Lavra de Noite e Serra de Maria Henriques (a maior de todas), Serra Redonda, Marouços e Outeiro da Torre. Este é o pai de todos, tanto pela sua altura e elegância como por ter servido já de atalaia em tempo de guerra com os Castelhanos e além disso de boa produção de azeitona, vinho e cereais. Ao oriente destes outeiros corre uma boa faixa da nossa rica e formosa planície.

Neste distrito encontram-se (com excepção de muito poucas) todas as vinhas hoje existentes e que formam as seguintes guardarias: 1ª - parte da guardaria do Marco pertencendo o resto a Borba; 2ª - Vale do Bispo; 3ª - Po - mar de Filipe; 4ª - Mau Freire; 5ª - Cocheira; 6ª - Carvalho; 7ª - Biqui - nha ou Fonte da Arca; 8ª - Portela (de Évora); 9ª - Alejo. Todas estas guardarias são ao noroeste e poente, muito próximas da vila e em bom terreno, havendo nas vinhas muitas árvores de frutos outonhos como o figo, a ameixa agostinha e invernisa, o pêssego, o marmelo, etc., por cuja razão creio não deixarem nunca os Calipolenses de conservar ali algumas guarda - rias para sua utilidade e recreio. As seguintes que ficam para o sul e já distantes desaparecerão em breve sendo substituídas por olivais: 10ª - Pei - xinhos; 11ª - Paul; 12ª - Nabarro; 13ª - Marouços; 14ª - Nora ou Recan - to; 15ª - Lagar; 16ª - S. Marcos. A Quinta de Paúl ainda era de El-Rei em 1779.

Tudo o mais é um imenso bosque de oliveiras, havendo ainda alguns maninhos na serrania, porém poucos. Mas os olivais da baixa e meia encosta das eminências, desde o termo de Borta até ao Vale de Pegas, produzem juntamente cereais e legumes.

Coutos orientais. Estes são povoados com muitas hortas, quintas e fazendas, tapadas, posto que outrora fosse duplicada a sua população. Consta de mais vastos prédios, exceptuando os que lindam com os coutos ocidentais; porém fora das horas já não são muito salubres por se inclinarem para a Ribeira de Borba e se respirar por aí um ar mais pesado.

Começando pelo norte, achamos aí algumas courelas de olival e vinha à Porta do Nô e sítio do Marco até ao muro da Tapada Real. Desta só metade (a do sul) pertence ao nosso concelho. Depois estão os outeiros de S. Bento e da Forca, o do Escasso e outros, destinados todos à cultura cerealífera em farrageais de boa produção. Corre-lhes em baixo o ribeiro do Beiçudo com uma

dúzia de hortas que principiam à Fonte Grande e acabam no Paraíso, ficando entre elas cinco lagares de azeite e outras tantas azenhas.

Depois do Largo do Outeiro do Ficalho corre ao sul o ribeiro do Rossio com as hortas do Alberto, do Cano, das Fontainhas, da Cruz, de S. Tiago, de S. Lázaro e das Manas que é a última, havendo ainda um rego de água até ao Pinhal de El-Rei pela horta do Couteiro.

Entre as hortas e depois delas para o sul até limitar com Pardais nas Vinhas Velhas há muitas quintas, montes e fazendas tapadas, entre as quais mencionarei por mais notáveis: a quinta de S. Vicente, o monte da Saúde que tem pomar de laranja, as duas quintas da Fonte Santa, a do Martinho (com pomar de laranjeiras), e a Fonte da Cebola de cima que é o maior pomar de laranja do nosso tempo.

Na fadraga, que era uma série de montes habitados por singeleiros, somente o são hoje o monte da Pintainha e o da Misericórdia. Os mais estão em ruínas ou quase.

A excelente quinta de Peixinhos, engrandecida por Afonso de Lucena, perdeu a categoria de primeira casa de campo dos nossos coutos; tem caído por terra o seu grandioso palácio; os seus muros estão derrubados e apenas é habitada a horta.

Hoje é a quinta do Paúl a melhor e mais rendosa dos nossos subúrbios. Fundada por D. João de Faro (que era Lucena e Tesoureiro-mor da Capela Real nos fins do século passado), foi nos nossos dias muito acrescentada pelo espanhol José Maria Álvares.

Mais ao sul ficam as Vinhas Velhas limitando com Pardais e contando não poucos montes habitados, entre os quais particularizarei as quintas do Mochó, da Provença e Vale Bom - todas com boa laranja e principalmente as duas últimas.

Nestes coutos orientais produz-se imenso trigo, cevada, aveia e legumes, sendo geralmente boas todas as terras; alguma azeitona e uva; e ali está em grande quantidade o sobro, nativo e próprio do terreno, que nos produz a cortiça, hoje tão rendosa.

Coutadas. - As Coutadas eram até 1836 as terras do Concelho que nunca foram divididas entre os seus moradores até ao referido ano. Ficam entre os coutos orientais e as herdades da Freguesia de S. Romão, passando por elas a ribeira de Borba e alguns ribeiros seus confluentes, cujos mais notáveis são o ribeiro do Moinho do Papel, representante dos dois da nossa vila, e o do Marroal que recebe as águas dos coutos do sul. O seu comprimento é des-

de a Tapada Real até ao Monte Branco e Amial.

Antes do aforamento geral fizeram-se ali muitos aforamentos parciais como se viu na Primeira Parte destas *Memórias*. A quinta do General D. João Diogo de Ataíde (com excelente laranja, mas insalubre) foi assim formada em 1727; a do Sisudo (Manuel Joaquim da Encarnação) em 1829, etc. A do Gil, aos Telheiros, a horta da Coutada em Vale de Castanheiros, a das Casas Altas à Fonte da Cebola, etc. surgiram também de aforamentos anteriores, confundindo-se assim as terras da coutada com os coutos primitivos.

A coutada geral era cultivada, como se viu, de três em três anos, distribuindo-se as courelas pelos seareiros pobres mediante uma pequena prestação em dinheiro para o cofre do Concelho, por cuja razão estavam já no século XVI divididas em três folhas ou coutadas. A primeira ao norte chamou-se ultimamente *coutada da Porta de Ferro* por tocar na porta da Tapada Real, à Silveirinha, que tem cancela daquele metal; a segunda teve o nome de *couta da do Pinhal* por tocar no pinhal de El-Rei; e a terceira apelidou-se *dos Telheiros* por estarem nela as fábricas de telha e ladrilho.

Na primeira achavam-se as courelas divididas em três sesmos ou ordens chamados Porta de Ferro, Santo Eustáquio e Vale de Pardieiro. Na segunda havia também três sesmos com estes nomes: Pinhal, Vale da Rabaça e Pedras Moares. Na terceira, dois: Fonte da Cebola e Vale de Castanheiros.

As courelas de cada sesmo foram em 1836 subdivididas em 4, 6, 8, 10 e 12 partes a que deram o nome de *Traços* e ascenderam assim estes ao número de 562. Distribuídos então à sorte pelos moradores da vila e termo, ficou pagando cada um de foro à Câmara o correspondente à renda que a mesma estava recebendo nas arrematações por courelas inteiras.

Os traços de terra boa ficaram pequenos e os de terra fraca maiores.

Então principiou-se a plantar ali oliveiras e algum sobre e azinho, de sorte que hoje, além dos cereais, está a coutada produzindo muito azeite.

Nas várzeas da ribeira de Borba semeia-se feijão, milho, melão e melancia, mas não são da melhor qualidade.

Em geral a coutada não é muito salubre da mesma sorte que a Tapada Real por causa dos miasmas da ribeira de Borba e ribeiros em sítios baixos e sem ventilação constante.

Consulte-se agora o capítulo 146 da Primeira Parte no Tomo III e ver-se-á o número de fogos e almas que havia nos coutos e coutadas em 1882 com as de signações de cada vivenda. Assim ficará satisfatória esta descrição (64 fogos tinham naquele ano).

1. - *Bencatel.* - A freguesia de Bencatel (orago Santa Ana) é hoje a principal do nosso concelho em população e riqueza. A sua aldeia, situada junto da Lagoa, tem mais de 200 fogos distribuídos em ruas, becos e terreiros ou largos, e habitações diversas por toda a sua ribeira, e herdades completando assim 300 fogos com 1 200 almas, o que bem claramente pode ver-se no citado capítulo 146 da Primeira Parte, onde se encontra uma estatística bem miúda e curiosa como de povoação em que tenho o meu domicílio efectivo.

É limitada ao noroeste e norte pela Freguesia de S. Tiago Rio de Moinhos; ao poente pela Matriz do Redondo; ao sul pela do Alandroal; e ao nascente por Pardais e pela Matriz de Vila Viçosa.

Bencatel tem boas terras de sementeira entre os coutos da vila e o Forte da Estrada e ainda para baixo ao longo da ribeira.

Está formada a sua aldeia na herdade das Janelas, aforada pelo Conde das Galveias em tempo de El-Rei D. João V, e em parte do Forte da Estrada aforado pelos Mascarenhas antes e depois.

É muito salubre por estar numa imensa planície na zona de Estremoz, bafejada livremente pelo vento norte por não ter bosques nessa parte.

A nascente da Lagoa dá-lhe movimento a 19 azenhas e com outros particularidades, como os Trincarlos no Monte de El-Rei, fazem-lhe criar muito feijão excellentes, milho e hortaliças. Pelas margens da ribeira da Lagoa medram inensas árvores frutíferas quase sem nenhum tratamento agrícola.

Tem já escola de instrução primária, delegação do correio e relógio público e tornar-se-á uma boa povoação logo que se lhe aforem algumas herdades em courelas para aumentar a sua cultura de cereais e a plantação de vinhas e olivais novos.

As suas quintas principais são: a de S. João Baptista, a da Madre de Deus, a da Torrinha e a da Cavaleira.

Conta 25 herdades, posto que muitas não tenham monte.

É geralmente plana, tendo poucos montados, razão por que não abunda muito em lenha. A sua posição é avessa da que tem Vila Viçosa, a qual recebe em cheio os raios do sol no oriente: Bencatel recebe com maior força os da tarde por ter longe os horizontes do poente, principalmente no sudoeste para onde avista Monsaraz, Portel e os campos de Beja.

Além da Igreja Paroquial, servida por um Pároco e um Capelão, tem as Ermidas contíguas de S. Pedro e Nossa Senhora das Mercês e na quinta da Madre de Deus a desta Senhora que é capela particular da mesma quinta. O Pároco tem de bolo ou cõgrua, além do pé de altar, 370 alqueires de trigo e 26 de cevada e o tesoureiro 150.

Em 1720 e anos seguintes já é norma designá-la por aldeia nas escrituras públicas.

O engrandecimento de Bencatel proveio do comércio da sua arrearria e com a decadência desta, resultante da criação dos caminhos de ferro, sentiu-se muito a sua economia doméstica e comercial sendo já hoje menos abastada. Assim mesmo tem os seus estabelecimentos de mercearia e três lagares de azeite, sendo já dois do meu tempo.

2. - *Pardais*. - O seu orago é Santa Catarina de Alexandria. Limita ao norte com a Matriz, ao poente com Bencatel, ao sul com a Matriz do Alandroal e ao nascente com S. Brás dos Matos e S. Romão.

Consta de duas partes distintas: a Ribeira ao ocidente e a Fonte do Soeiro ao oriente, nas quais habitam 112 fogos com 460 almas (termo médio).

Da estatística exactíssima que deixei no capítulo 146 da Primeira Parte constam os nomes de todas as suas herdades, quintas, hortas e azenhas.

As herdades, não divididas ainda em courelas, são 14 apenas. Entre as quintas figura em primeiro lugar a do Dr. Panasco, depois a dos Infantes, a dos Paços, de Patinhos e de Valmoreno de baixo, as quais todas produzem óptima laranja e sobretudo as duas últimas. As azenhas são 16. Isto constitui toda a riqueza de Pardais. Como porém os seus prédios são geralmente do se nhorio de estranhos, resulta daí ser a freguesia pobre e até a mais pobre do nosso concelho. Não recorrem contudo à mendicidade os seus moradores, trabalhando aliás constantemente para se sustentarem. O seu comércio é quase nulo, nem há indústrias ali, nem lojas de comestiveis: recorrem a Vila Viçosa e ao Alandroal que lhes fica a menos de meio caminho. Moleiros, hortelões, seareiros e trabalhadores com 3 ou 4 lavradores, eis a sua população.

Apenas possui um lagar de azeite na quinta do Panasco.

E montanhosa toda a freguesia, exceptuando-se unicamente a herdade da Lagoa situada ao cimo da nascente deste nome, e a Fonte da Moura junto a S. Marcos, a qual está no extremo austral da planície de Vila Viçosa.

Apenas tem montados de azinho e sobro nas herdades da Lagoa, Trancoso e Guerra junto à Serra de Maria Henriques e, ao cabo da Ribeira, no Meirinho e suas vizinhanças: todos os mais campos são cobertos de mato curto.

Sendo o bolo ou cõngrua do Pároco até 1867 só 200 alqueires de trigo, elevaram-na espontâneamente os fregueses a 300 de trigo e 100 de cevada para lhes não faltar Pároco próprio como já acontecia. O Tesoureiro ou sacristão recebe de cõngrua 60 alqueires de trigo e um pão de cada casal nas três festas do Natal, Páscoa e Pentecostes. Isto afora os emolumentos de pé de altar que são muito poucos.

Presentemente não tem a freguesia mais Igrejas que a Paroquial sita na herdade das Bispas e isolada e a Capela de Santo António na quinta dos Paços fundada por Diogo da Cunha em 1838. Na quinta do Panasco está a Capela de Nossa Senhora da Piedade, mas sem forma exterior de templo.

É pequena a freguesia, porém susceptível de ser aumentada com o sítio das Vinhas Velhas e S. Marcos que tão chegado lhe fica e dista aliás da Matriz quase uma légua.

Efeito da irrigação da Lagoa e da Fonte do Soeiro, abunda muito em frutas e hortaliças.

3. - S. Romão. - Confinava ao norte com a freguesia da Terrugem, ao poente com as coutadas de Vila Viçosa e Pardais, ao sul com a Matriz de Juromenha e S. Brás dos Matos e ao oriente com as Ciladas. O seu orago é S. Romão, Monge de Pandóias, ali falecido em 566 e festejado a 28 de Fevereiro. Numa escritura de 1759 sobre venda de casas, foros da Misericórdia em 480 réis, já está designada por aldeia a parte habitada em torno da Igreja.

Tem uma aldeia, hoje muito acrescentada, junto da Igreja Paroquial e outra menor no Forte do Ferragudo onde ainda no princípio deste século residiam os Condes de Bobadela.

O número de fogos e almas que havia nestas aldeias e nos montes dispersos em 1882 constam do capítulo 146 da Primeira Parte, onde igualmente se lêem os nomes de todas as suas herdades. Os fogos orçam por 190 com 836 almas. Tem Pároco residente e Irmandade do Santíssimo. A cõngrua ou bolo do Pároco é de 320 alqueires de trigo e 90 de cevada. O Tesoureiro tem 70 alqueires de trigo.

Esta freguesia é toda montanhosa e coberta de montados e estevais, mas com boas terras principalmente no Forte e em Fatalão. É atravessada pelas

ribeiras de Borba e da Asseca, as quais se juntam na herdade do Ratinho, e pela de Mures que vem das Ciladas e passa pelo reguengo do Fatalão para irem todas fundir-se no Guadiana. É pouco sadia nas partes baixas, mas a aldeia que está situada num ponto alto à vista de Vila Viçosa tem bom clima.

Se abunda, pois, em cereais, legumes e gados, experimenta falta de frutas e hortaliças por não possuir ribeira de águas vivas como Bencatel e Pardais que por isso mesmo são mais saudáveis e aprazíveis.

Além da Igreja Paroquial tem a filial do Forte dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, a qual ainda nos nossos dias teve capelão e no tempo dos Condes de Bobadela residirem ali tinha até depósito do Santíssimo e officios da semana santa.

Os moradores de S. Romão, da mesma sorte que os das Ciladas, distinguem-se ainda hoje pelo uso de grandes sombreiros e suíças compridas, trajando capotes aguadeiros de burel. Quanto ao uso de calções de tripe, coletes en carnados com botões amarelos e borzequins, já se nota muita divergência por adoptarem também as calças ou pantalonas e bota branca inteiriça.

4. - Ciladas. - É orago desta freguesia Nossa Senhora das Ciladas cuja etimologia desconheço.

Limita ao norte com S. Lourenço de Varge e Vila Boim, ao poente com S. Romão, ao sul com a Matriz de Juromenha e ao oriente com as freguesias de Nossa Senhora da Ajuda e Santo Ildefonso do concelho de Elvas, ficando assim mais alta do que S. Romão e ocupando os montes de Vila Boim que são mais altos que o píncaro da Serra d'Ossa. É portanto a mais oriental do Concelho, montanhosa, mas com boas terras de trigo macho. Ali era o reguengo da Granja e Granjinha.

A sua população é toda espalhada pelas herdades sem ter aldeia ou arrabalde, o que aliás não acontece nas mais do nosso concelho e por isso mesmo a Igreja Paroquial fica isolada no monte de Carvão. É a sua população de 60 fogos com 231 almas. Tem porém muitas e ricas herdades como pode ver-se na estatística do capítulo 146 da Primeira Parte, sendo assim, posto que me nos populosa, a mais vasta de todas em extensão territorial.

Quanto a frutas e hortaliças, está melhor do que S. Romão por ter as quintas de Coroados que produzem laranja de superior qualidade.

Presentemente está anexa à freguesia de S. Romão por não ter Pároco próprio. A cõngrua deste são 320 alqueires de trigo e 115 de cevada e o Iesou

reiro tem 70 alqueires de trigo.

Nenhuma das duas últimas tem nascentes públicas e os moradores de ambas constituem os nossos montanheses.

A das Ciladas não tem já igreja ou capela, sua filial.

De todos os nossos rurícolas, os mais dóceis e civilizados são os de Pardais e os menos corpulentos, em regra, os de Bencatel.

Superfície do concelho - 11 141 hectares.

IV

Algumas notícias geológicas.

Não me proponho fazer aqui uma larga descrição geológica por não estar habilitado para isso nem isso convir neste lugar, mas simplesmente dar algumas notícias desta matéria conforme os conhecimentos que possuo.

O território de Vila Viçosa contém duas partes bem distintas: uma é a serra com os seus acessórios entre o termo de Borba, ao norte, e Pardais ao sul, tendo por limites do oriente o centro da mesma Vila Viçosa e do poente a Aldeia de Bencatel; a outra parte é o resto do concelho que circunda a primeira por todas os lados entrando já nela as nossas eminências do Castello e do Outeiro do Ficalho.

1. - Falemos já da primeira, posto que seja a menor em extensão.

Não é preciso possuir fundos conhecimentos de Geologia para constatar que as nossas chamadas serras têm uma formação plutónica, rompendo ali o fogo a crosta geral desta plaga. Nas primeiras idades da terra, mas já depois de passar o seu período incandescente, aquilo foi tudo uma grande fogueira e, segundo creio, teve isso lugar na época de ir arrefecendo a crosta do globo e começarem os chuviros sobre a mesma crosta, ainda muito quente ou mal apagada. Ao sentir o frio da água em cima de si, a crosta espirrou ali e tornou-se vulcânica, vomitando lavas e basalto, e dando ocasião a formarem-se com a mesma água os mármores grosseiros (porfiros) e finos (cantarias) que ali temos.

A lava temo-la na aldeia de Bencatel em grande quantidade (no seu terreiro ou praça, por exemplo) e fora dela, ao norte, encontra-se perto das Noqueiras. Esta, com certeza, correu da serra da Vigária. Em Pardais succede a mesma coisa no sítio dos Paços ou Pedreiras, derivando-se provavelmente

do cimo da Almagreira. Desta lava serviram-se quase até ao nosso tempo os moleiros para mós das suas azenhas, mas abandonaram-nas ultimamente por serem as mós excessivamente porosas e sem consistência bastante para aquele mister. Em seu lugar adoptaram principalmente as de granito da Barcarrota.

O basalto é rocha de um pardo ou azul escuro por conter muito ferro. Da mos-lhe cá o nome de "pedras moares" por serem muito duras. São rochas plu tónicas ou ígneas por terem a sua formação no fogo dos vulcões e eruptivas por serem eructadas ou expelidas por elles, rolando muitas vezes das crate - ras e tomando por isso a configuração de grandes balas. Temo-las na serra em grande quantidade merecendo indicar especialmente o seu paradeiro no sítio das "pedras moares" e em "Pero Tacho".

O porfiro, de origem igualmente plutónica ou ígnea, encontra-se ali e no Rossio onde está a faceira que olha ao poente, com cor avermelhada e aparên - cia espumosa. Porém a maior parte desta zona é constituída pelo calcário grosseiro formado de carbonato de cal contido na água e sedimentado em fendas ou gretas perante a acção do calor interior da terra evaporando-se a mes - ma água, com as seguintes diferenças: 1ª - os calcários da serra em redor dos vulcões ficaram pardacentos e cristalizados com formas irregularíssimas e muitos refegos por causa da oscilação ou tremor dos montes inflamados; - 2ª - na planície de Vila Viçosa ou vertentes orientais da serra ficaram já mais alvos por jazerem distantes da fogueira em terreno argiloso, sendo por isso classificados como pedras de mármore mas não cristalino; e tanto es - tes como os precedentes cozidos em fornos dão cal preta que nos serve para as nossas argamassas de construções e para vendermos aos concelhos do sul (Alandroal, Monsaraz, etc.); 3ª - para as vertentes ocidentais ou parte de Bencatel são já calcários cristalinos de cor alva, azul claro ou mista de branco e azul. Chamamos-lhes pedra de cantaria e mármore de Montes Claros por ser esta zona a mesma dos citados montes. Estes dão já excelente cal branca.

Em consequência das erupções plutónicas ficou a serra levantada, vã e cheia de fendas e cavernas interiores, dando assim lugar a tornar-se repositório das águas pluviais que remete gradualmente para Vila Viçosa, Bencatel, Pardais e Alandroal, mas isso mesmo tornou fraco e pouco produtivo o seu so lo, ordinariamente silicioso, arenoso e chumbeiro, apesar das constantes mo dificações dos séculos.

Em compensação, porém, está despedindo constantemente para as planícies (além da água das chuvas introduzida nas suas cavernas) todas as substâncias

gordurosas que lhe restaram: a pinguidade que ela tem de menos tem-na a mais o nosso vale de Vila Viçosa (e Borba, etc.) e os plainos de Bencatel como terrenos que são "de transporte". Assim, pois, temos no nosso mimoso vale, especialmente ao sul da vila, excelente argila vermelha que serve para artefactos de telha e olaria, etc.; e ao poente e noroeste encontramos-a amarela, cinzenta e escura, não faltando o húmus ou terriço (terra preta) que não é mais do que esterco ou produto de substâncias vegetais decompostas e remetidas ao prado pelas correntes da água pluvial.

A greda, porém, ou barro branco abunda muito mais nas vertentes ocidentais entre a serra e Bencatel, sendo aqui restos das grandes camadas que proporcionaram às colinas do noroeste o nome de Montes Claros. Desta greda servem-se os pisoeiros para extraírem o suco dos panos de lã.

2. - A segunda parte do nosso território, e maior que a precedente por ser a geral, é formada de xisto a que chamamos piçarra e laje ou lájea, já parda, já amarela, vermelha e escura. É rocha estratificada de norte a sul em lâminas delgadas, sendo mais dura a negra por conter muito ferro. Dela se tiram em muitos sítios lâminas grossas capazes de servirem nos pontões, outras mais delgadas para degraus de escada e soalho de casas rasteiras, campas de sepultura, etc. Como é fácil de arrancar a ferro frio, serviam-se também do seu material os antigos para construir os muros antes da invenção da pólvora. A nossa cidadela e as muralhas da vila foram construídas com estas piçarras e conhecem-se ainda hoje dois caboucos no Outeiro do Ficalho e um no cimo do Outeiro da Boavista onde se fizeram algumas destas explorações. De mais, a piçarra sendo laminada ou disposta em folhas facilita a construção de muros com tanta firmeza como a do ladrilho cozido.

Esta rocha de xisto é classificada como sedimentar e de origem puramente aquosa (assento de águas) e constitui os terrenos primários formados sobre o solo primitivo da terra ou globo terráqueo.

São geralmente delgados por falta de chão estes terrenos e, quando muito, de produção regular. Contudo nas partes baixas para onde a gravitação das águas vai sempre acarretando os despejos terrosos das altas encontram-se por isso mesmo algumas argilas e muitíssimas terras fundáveis ou de chão onde a sílica está bem temperada com a argila. Isto acontece em quase todos os nossos vales, exceptuando a veiga da Portela e o Pomar de Filipe que é na sua maior parte argila pura e muitas vezes custosa de fabricar pela sua dureza em tempo estiado.

A causa da elevação das colinas da segunda parte ou terreno de lájea é

o mesmo calor central da terra, salva a diferença de tufar simplesmente a crosta perante o contacto das primeiras chuvas sem contudo chegar a reben - tar a mesma crosta, como aconteceu na serrania do poente.

É possível encontrar nas nossas planícies as diversas camadas de terre - nos secundários, terciários e quaternários de que falam os geólogos. Em Pardais, ao sul da nascente da Lagoa, noto eu ter ali havido uma grande ba - cia de água hoje esgotada e por isso mesmo formou-se ali uma aglomeração de sedimentos e plantas lacustres já decompostas.

3. - *Metais.* - O metal mais comum entre nós é o ferro, o qual se acha difundido principalmente na piçarra, observando-se também nas areias dos alu - viões. Daí resultam os muitos mananciais que temos de águas férreas ou fon - tes ferrenhas e bem conhecidas são as da Tapada Real e das Bispas em Par - dais. Estas são as mais fortes de todas e outras, como a Horta do Couteiro e o chabouco de Bencatel, podem beber-se em maior quantidade por serem fra - cas.

Suspeita-se que as minas antigas situadas ao oriente do vale de S. Mar - cos nos limites da Matriz com Pardais eram de cobre visto chamarem os nossos velhos também Cobres àquele sítio: não foram reexploradas nos nossos dias, mas tão somente a da Almagreira que é de ferro manganês.

Em 1856 abriu-se na Quinta do Sisudo, na coutada e caminho de S. Romão , uma mina de ouro a que então puseram o nome de *mina de Nossa Senhora da Con - ceição*, mas o seu tronco era pequeno e foi esgotado apenas em dois ou três anos.

E bastará o que fica dito. Quem quiser aceitá-lo, aceite-o, aliás pouco me importa... Eu disse apenas o que me sugere o meu fraco engenho com algu - mas tinturas da ciência geológica...

Quanto à natureza do solo para a exploração agrícola, darei outras notí - cias em lugar mais próprio.

SECÇÃO II

MONUMENTOS RELIGIOSOS

*... Tibi res antiquae laudis et artis
Ingridior, sanctos ausus recludere fontes
(Virg. Georg. II, 74)*

Entremos na história mais nobilitante da nossa terra - a história dos seus monumentos religiosos que ainda hoje são o seu melhor apanágio, apesar de muitos se verem aí caídos já em ruínas.

São eles o efeito da piedade cristã dos nossos avós e, se produziram louvores para Deus, também foram manancial copioso de frutos e glórias para os Calipolenses.

A Religiosidade é o maior título nobiliário de um povo: quanta mais Religião, tanta mais caridade e quanta mais caridade, tanto mais adoçamento das misérias inseparáveis da condição humana. Aí temos hoje ainda a Santa Casa da Misericórdia e se não fôra essa misericórdia muitos se finariam sem tratamento medicativo e jazeriam talvez insepultos muitos cadáveres, a não ser que as autoridades civis se ocupassem dos enterros a título de promover a limpeza da vila e a salubridade pública.

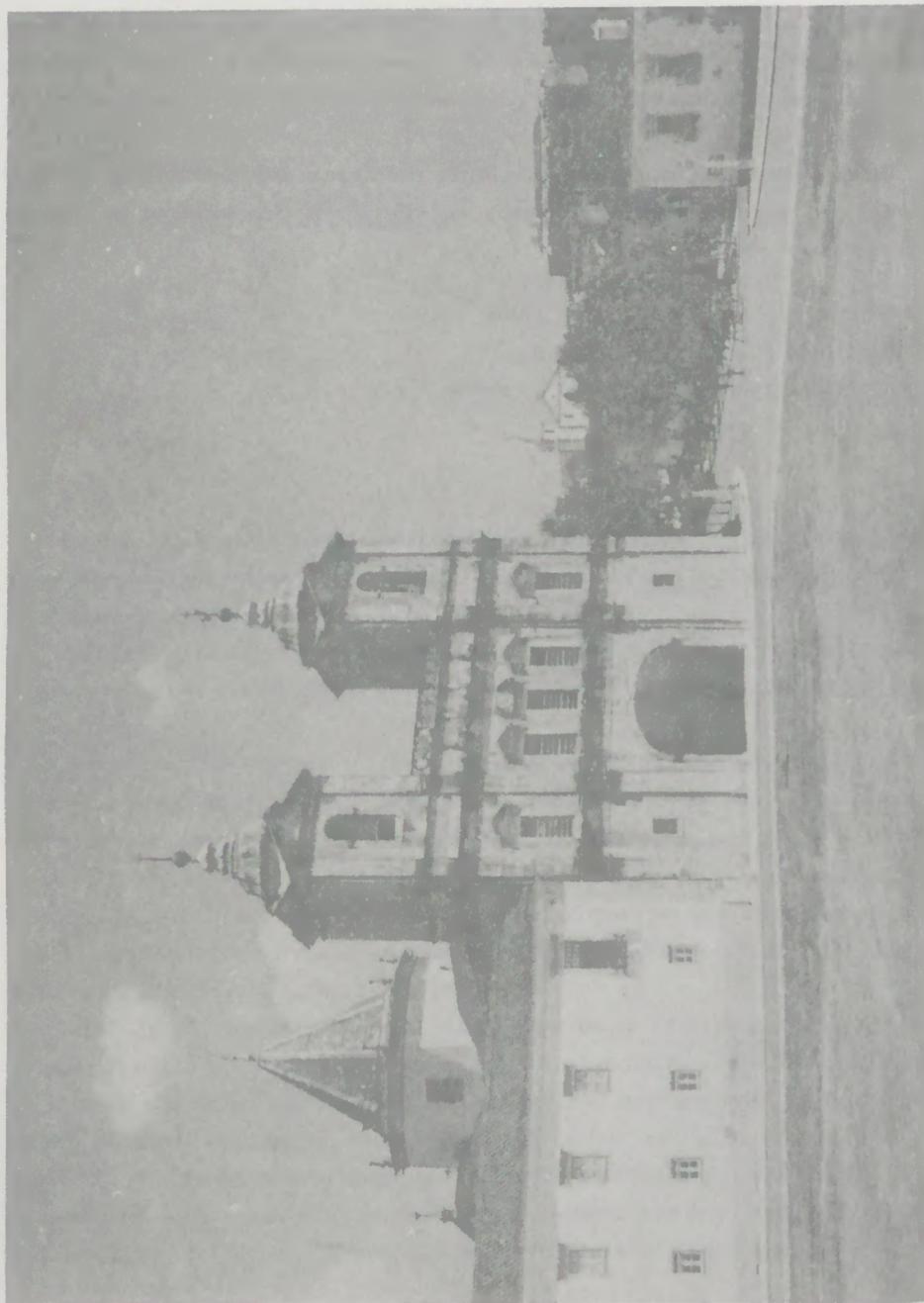
Faltam já os Conventos do sexo masculino e os de Freiras estão prestes a deixar de existir; faltam as suas escolas e a do Colégio dos Reis; e, como a saúde que só se aprecia bem quando perdida, podemos hoje, melhor do que nunca, avaliar devidamente as consequências da sua extinção.

Se por ora temos alguma coisa que alimente a atenção dos estranhos que nos visitam é principalmente o pouco desses monumentos que ainda nos restam e a história dos que são já esqueletos corroídos e em véspera de se esfacelarem de todo!

Pois bem. Recomponhamos a coroa de martírios e saudades que hoje sustenta a fronte esmorecida e ansiosa da nossa querida Calípole por sobre a grinalda antiga dos seus louros, heras e rosas, começando a historiar e des-

crever com miudeza os seus monumentos religiosos para que, no caso de deixarem de existir inteiramente alguns deles como já hoje a Igreja de S. Sebastião, possam os vindouros saber, pouco mais ou menos, como foram e onde foram.

Dando o lugar de honra aos conventos, passaremos aos outros institutos e paróquias, acabando na última ermida por forma que aos vindouros nada reste a desejar.



MOSTEIRO DE SANTO AGOSTINHO

CAPITULO III

Convento de Santo Agostinho

... .. Já foi visto

 À míngua mortos, em afronta a Cristo,
 Frades!... Nossos irmãos!...

Não nos falem porém de liberdade...
 Beijamos o grilhão!
 Quem liberta cativos de vontade
 Livres oprime então!

(*João de Lemos - Saudades do Claustro*)

I

Os antigos deram o nome de monges, eremitas, anacoretas e solitários aos que viviam no retiro do comércio do mundo, consagrados aos divinos louvores e à penitência dos seus delitos.

Quando estes eremitas se constituíram em comunidades sob o governo de um superior eleito entre eles, passaram a ter o nome de cenobitas e a chamar -se a sua casa comum cenóbio e mais frequentemente monastério ou mosteiro, porque, apesar de juntos numa vivenda de irmãos pelo espírito religioso, passavam assim mesmo uma vida isolada mostrando-se alheios aos negócios da política e do mundo lá nos campos ermos.

Chegado, porém, o século XIII em que tiveram princípio as Ordens Mendicantes de Franciscanos e Domínicos, as suas comunidades apelidaram-se conventos, o que significava grémios, reuniões ou ajuntamentos, e os seus sócios tomaram o nome de frades que quer dizer irmãos, como sinal da fraternidade que professavam.

Assim, pois, com estas novas nomenclaturas confundiram-se as antigas dando-se também depois o nome de conventos aos mosteiros de Beneditinos, Agostinhos, Jerónimos, Paulistas, etc. e aos seus monges o nome de frades como aos modernos Mendicantes. Então ficaram os títulos de monge e anacoreta reservados somente para os solitários que viviam fora de comunidade como acon-

tecia nos nossos dois cubículos da Tapada Real, no eremitério de Nossa Senhora do Paraíso e algures.

Mais tarde vieram os Congreganistas ou professos em congregações religiosas, os quais se intitularam padres, sendo sacerdotes; e irmãos, sendo leigos; e não frades por constituírem propriamente associações de clérigos seculares com votos especiais. E por isso que os Loios, Jesuítas, Lazaristas, Nerys, etc. se chamam Padres ou Irmãos e não Frades, ainda que o vulgo ignorante confunda uns com outros. Os Nerys, por exemplo, eram associados para coadjuvação de Párocos e instrução da mocidade; não tinham voto de obediência e podiam deixar a congregação a toda a hora que o quisessem, etc.

O nome que a todos estes cabe indistintamente é o de Regulares por estarem obrigados por votos especiais a observarem uma certa Regra ou Estatuto, aprovado pelo Sumo Pontífice. E ficam diferenciados assim dos Clérigos seculares do hábito de S. Pedro que, como eu, não estão sujeitos senão à disciplina comum da Igreja Católica.

Dei esta explicação prévia porque já os modernos entre nós são alheios a tal ordem de coisas, visto não conhecerem os conventos e congregações em Portugal senão pelos edificios ou ruínas deles em que essas comunidades funcionaram.

Feito isto, prossigamos.

II

O Convento de Santo Agostinho de Vila Viçosa era pertencente à Ordem dos Eremitas Calçados deste Santo Bispo de África.

Até ao século XVII só havia destes Eremitas Calçados, mas houve um, natural de Vila Viçosa (note-se isto...), que introduziu uma nova reforma da sua Ordem com o fim de a tornar mais austera andando os seus monges sem calçado, por cuja razão tomaram os reformados o título de Agostinhos Descalços; e porque a sua primeira casa foi em Lisboa no sítio do Grilo, daí lhes veio o nome vulgar de Grilos, ficando aos Calçados o distintivo de Gracianos por venerarem a Nossa Senhora da Graça em todas as suas casas.

O Calipolense a que aludi atrás foi Frei Manuel da Conceição do qual darei notícia na secção das *Pessoas notáveis*.

III

A história da fundação deste nosso Convento ficou já escrita no capítulo XVI da Primeira Parte e nesta mesma ficaram dispersas várias notícias a ele respeitantes e que por isso mesmo darei agora em resumo.

E coevo da moderna Vila Viçosa este mosteiro, tendo por isso a mesma idade. Frei Félix, Provincial da Ordem, alcançou de El-Rei D. Afonso III em alvará (ou coisa que o valha) de 4 de Dezembro de 1266 faculdade para fundar três mosteiros⁽¹⁾ em Portugal, devendo ser um erigido em Estremoz, vila nova em princípio de se povoar, outro em Abrantes e outro em Torres Vedras. E como neste meio tempo determinasse El-Rei criar outro concelho novo em Vila Viçosa, cuja área estava então compreendida no alfoz talhado para Estremoz, os Gracianos mudaram de resolução e vieram cá edificar o projectado convento. Ao mesmo tempo estabeleciam-se entre nós os fundadores da moderna colónia levantando as suas casas na almedina para mais tarde ser cingida com fortalezas e altos muros.

A primeira pedra do mosteiro foi posta por Frei Félix com autorização do Bispo de Evora a 5 de Maio de 1267 e três anos depois, a 5 de Junho, outorgava El-Rei em Lisboa aos moradores da velha Calípole uma carta de foral, conforme à de Monsaraz, como eles haviam requerido ao seu Monarca.

Isto e o mais que irei dizendo é extracto da Crónica do mesmo Convento escrita por Frei António da Purificação.⁽²⁾ Diz ele que a primitiva casa se acabou em poucos anos, ficando todavia com capacidade para recolher uns quinze a vinte frades.

Agora eu. Essa primitiva fábrica cré-se não passar de rasteira, tendo por igreja sua uma simples capela, e tudo virado para o Terreiro de Santo Agostinho onde hoje ainda subsiste a cruz ou cruzeiro, marco do giro das suas procissões religiosas. Ora, como a vila ia crescendo com a chegada de novos colonos, o mosteiro medrava também a par dela como instituto único do seu género entre nós. E assim vemos que em 1295, ou 28 anos depois, já os Eremitas pediam a El-Rei D. Dinis licença para arrancarem na pedreira da Mourta ou Coutada da Porta de Ferro a pedra necessária para construir mais

(1) O Alvará principia: *Quoniam summa fuit ratio, etc.* Veja-se a Crónica da Ordem por Frei António da Purificação.

(2) Crónica da mui antiga Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Tomo 2, fls. 184 e seguintes.

seis celas.⁽¹⁾ Parece que o mesmo Rei D. Dinis pousava neste mosteiro quando nas suas visitas ao Alentejo se demorava em Vila Viçosa, e de certo entretinha relações amigáveis com estes nossos monges, pois só assim se explica o facto de os contemplar no seu testamento com um legado de cem libras.⁽²⁾

Continuava prosperando o nosso primeiro cenóbio e servindo por vezes de aposentadoria a personagens importantes como Edmundo, Conde de Cambridge, e outros oficiais generais na guerra de 1382; o Comendador-mor de Avis, Vasco Porcalho, em 1384, etc.⁽³⁾

Segundo a Crónica citada, foi este mosteiro beneficiado pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira com a reedificação da capela-mor da sua Igreja onde pôs o escudo das suas Armas, e o alargamento do edificio do dormitório que assim ficou em condições de abrigar trinta e cinco Religiosos. Erra porém visivelmente o cronista Purificação afirmando que estas obras tiveram lugar no ano de 1366 ou 99 depois da fundação do cenóbio, devendo ser aliás o ano de 1396, pouco mais ou menos.⁽⁴⁾ Diz mais a mencionada Crónica ter D. Nuno dotado o mosteiro com uma herdade que os Frades venderam depois a Afonso de Lucena, secretário da Duquesa D. Catarina e instituidor do morgado de Peixinhos, pela quantia de cinco mil cruzados ou 2:000\$000 réis. herdade que eu reputo ser aquela mesma terra de Peixinhos, limítrofe da Coutada dos Teheiros. Como Donatário de Vila Viçosa, o Condestável podia fazê-lo, sendo aquele terreno ainda indiviso e, melhor ainda, sendo de domínio seu particular.

Com a instalação da Casa de Bragança em Vila Viçosa melhorou notavelmente a situação do Mosteiro Graciano grangeando a afeição dos seus Duques, de sorte que, se não tinha padroeiro até ao tempo de D. Jaime, ficou-o tendo para o futuro. Os Braganças elevaram-no à categoria de seu panteão escolhendo-o para depósito dos seus restos mortais. D. João I projectou a reedificação da capela-mor, como hoje se vê, com ricos mausoléus. E se não pôde seu filho D. Teodósio II realizar esta última vontade paterna, realizou-a seu neto D. João II ou El-Rei D. João IV e consumou-a seu bisneto D. Pedro II em 1677.⁽⁵⁾

(1) *Ibid.*

(2) *Veja-se o capítulo 23 da Primeira Parte. De licença e datada de Lisboa aos 10 de Março de 1295.*

(3) *Vejam-se os capítulos 25 e 26, ibidem.*

(4) *Ibid. capítulo 29. Este erro foi reproduzido, entre outros, por J. de Vilhena Barbosa nas suas Cidades e Vilas, etc., vol. 3, pág. 178. Edição de 1862. - Em 1366 ainda o Condestável era criança e não tinha o senhorio de Vila Viçosa.*

(5) *Veja-se a Primeira Parte no capítulo 54 e no 69.*

Entretanto o convento recebeu deles notáveis melhoramentos. D. Jaime, que tinha por costume ir-se entreter com aqueles frades em amigável conversação, refez o claustro e oficinas do mesmo (cozinha, refeitório, celeiros, adegas, etc.). Seu filho D. Teodósio I reedificou-lhe a fachada, o coro e o frontispício da Igreja com aquele alpendre que o nosso Cadornega viu e por cujas paredes interiores estavam encalçadas as pedras inscriçionárias de Endovélico, Proserpina, etc. e premeditou erigir no mosteiro uma universidade obtendo prévia autorização pontifícia, como dito ficou na Primeira Parte, e passando a construir algumas casas de aula que por fim serviram unicamente para o ensino de portugueses, latim, grego e retórica.⁽¹⁾ D. Teodósio II determinou positivamente a construção de novo cruzeiro e capela-mor para ficar sendo o jazigo sumptuoso dos Braganças: e todos os Duques se lembraram do seu mais apreciado mosteiro contemplando-o com legados em paramentos, alfaias e dinheiro, como pode ver-se nos seus testamentos copiados nas *Provas da História Genealógica*, o que não amiudo aqui por me não taxarem de prolixo em excesso.

Foi porém o Duque D. João II quem deu à sua Igreja a magnificência que hoje possui, tornando-a o mais rico, vasto e formoso templo da nossa idade. Em vez de uma reedificação parcial do cruzeiro e capela-mor, como seus pai e avô tinham planeado, entendeu ele dever fazer uma reedificação completa da Igreja desde os alicerces, mudando-lhe o frontispício para o Terreiro do Paço.⁽²⁾ Isto começou a executar em 14 de Julho de 1635, pondo ele mesmo com as solenidades religiosas a primeira pedra, como consta da inscrição em mármore de Montes Claros que se acha na dita Igreja logo à mão direita de quem entra nela e que eu passo a inserir aqui:

ANNO DOMINI 1635 DEI ECCLESIAM MODERANTE URBANO 8. DIE 14 IULII PRINCEPS INCLITUS IOANNES 2. BRIGANTIAE DUX 8. IN DEI HONOREM AC DEIPARAE DE GRATIA PRIMUM SACRUM LAPIDEM IN HUIUS TEMPLI REAEDIFICATIONE, SUIS SUPPONENDO MÁNIBUS, AUGUSTINO PARENTI MAXIMO CONSECRAT IN SVAE REGALIS DOMUS MONUMENTUM SEMPITERNUM.

- (1) *Ibid.* cap. 42 - Um dos Breves Pontifícios da instituição da Universidade acha-se transcrito na Crónica de Fr. António da Purificação.
- (2) Além do indício da cruz de adro que ainda se conserva no Terreiro de Santo Agostinho, embora fique à ilharga direita da Igreja moderna, há documentos com que se prova ter a Igreja antiga o seu frontispício para o mesmo Terreiro. Exemplo: nos obituários da Matriz e ano de 1666 encontrei registado o óbito de uma fulana que morava no adro de Santo Agostinho e este não podia ser senão aquele Terreiro.

Quer dizer: No ano do Senhor de 1635, governando a Igreja de Deus o Papa Urbano VIII, aos catorze dias do mês de Julho, o Excelente Príncipe D. João II, oitavo Duque de Bragança, para honra de Deus e de Nossa Senhora da Graça pôs por suas mãos, com as cerimónias eclesiásticas, a primeira pedra na reedificação deste templo, dedicando-o ao Patriarca Santo Agostinho para ficar sendo um monumento sempiterno da sua Real Casa.

E com efeito a Igreja dos Agostinhos um monumento digno da magnificência de tão ilustres e opulentos príncipes, mas não foi acabado como deveria sê-lo por causa de ser chamado o seu reedificador a restaurar também a Monarquia Portuguesa. Calculo que em Dezembro de 1640 estavam completos os muros e abóbadas, faltando-lhe a ornamentação. Sobrevindo porém a Guerra da Restauração e durando esta 27 anos, a Igreja, ou antes, o cruzeiro e capela-mor só puderam ser concluídos no ano de 1676, procedendo-se no seguinte à colocação das ossadas nos respectivos túmulos, como disse no lugar próprio. Cabendo, pois, ao Príncipe Regente D. Pedro II a glória de ultimar o jazigo dos Braganças, eis a razão de se ver o seu anagrama no topo da capela-mor.

Acho memória de ser mestre das obras deste convento em 1666 o alveneu Diogo F. Mocho, sinal de que continuaram durante a guerra posto que houvesse algumas interrupções.

Quando se concluíam as obras da Casa de Bragança, tomava o Almojarife Manuel Lopes conta da Capela de Santa Rita e a ornamentava à sua custa para fundar ali uma capela a que pertenceu o lagar do Carrascal, a herdade dos Pereiros e outras fazendas e que, sendo sequestrada para a Coroa no tempo do Marquês de Pombal, veio a ser dada ultimamente a Caetano Alves, do qual passou ao Estado nos nossos dias. Manuel Lopes comprou aos frades em 1672 por 200\$000 réis a capela de Santa Rita para seu jazigo e de sua mulher e herdeiros e para se dizer ali missa quotidiana. Dotou-a com 9 moios de pão terçados (de cevada), sendo 6 impostos na herdade do Ciburro e 3 na dos Marchados, vizinha da mesma. Disto se lavrou escritura pública em 3 de Dezembro do dito ano. O retábulo da capela de Santa Rita não é obra de Manuel Lopes: uma confraria que se estabeleceu ali e que mandou fazer em 1722 pelo entalhador António Martins, ajustado por 220\$000 réis, sendo juiz o sargento-mor da Ordenança Manuel de Figueiroa Castelo Branco.

Em frente da capela de Santa Rita destinou-se a da Irmandade da Cruz e Passos de Cristo, já ali erecta há muitos anos, e só ela chegou a ser acabada em harmonia com o conjunto do templo. Tanto esta, como as duas primeiras

à entrada, tinham já frontispícios ou retábulos de mármore polido, mas careciam de tribuna com sacristia privativa por baixo. Ora, isto realizou-se, quanto à capela dos Passos, no primeiro quartel do século corrente a expensas do Irmão Manuel dos Santos Rosa que ali dispendeu assim 400\$000 rs., por cuja razão os seus confrades lhe votaram sepultura *in perpetuum* dentro da sua própria sacristia como título singular de gratidão.

A sacristia ficou sendo provisória até aos nossos dias e o coro alto não teve também a ornamentação devida e que tinham os outros dois conventos de frades da nossa terra, etc.

A capela da Senhora da Graça tinha a sua confraria externa com alguns rendimentos. Em 1698 era Juiz o Padre João Gomes Vaqueiro.

Pedro Mascarenhas da Gama comprou em 19 de Fevereiro de 1715 por 100\$000 réis a capela de S. Nicolau, já cedida pelos frades a seu irmão Frei Filipe. E deu mais 178\$350 réis com o fim de serem capitalizados e empregar-se o juuro da última quantia em fazer-se a novena e festa do Santo. A 24 do mesmo mês e ano contratou com os frades o Padre Manuel Pazes da Veiga, Capelão da Capela Real, celebrarem-lhe uma missa quotidiana dando ele ao Convento um conto de réis; e porque o Convento lhe devia um capital de 800\$000 réis e 100\$000 de juros vencidos, só teve a dar-lhe 100\$000 réis. Assim consta de escrituras públicas.

Em 1767 Domingas Gonçalves, mulher de João Roiz Tavares, mas sem filhos, partiu os seus bens com o marido e fez doação da sua metade ao Senhor dos Passos com a obrigação de applicarem por sua alma as missas das sextas-feiras da quaresma. Foram estes os bens doados: 200\$000 réis que tinha a juuro João Nunes Machado; 100\$000 réis que tinha a viúva de João Mendes; umas casas na Corredoura onde ela morava; uma vinha aos Marouços, outra à Portela, 4 quarteirões ao Aleão, um olival a Vale de Pegas - tudo por sua morte.

Falemos agora do convento. O dormitório deste passou por uma grande reedificação no século passado, ficando assim com a forma que hoje tem. Consistiu essa reedificação última em alargarem as celas para os corredores e fundirem estes com a varanda sobre o claustro dando-lhes janelas de sacada para o mesmo. Assim se executou na faceira do Terreiro do Paço e na do norte. Porém na do oriente ficou feito o corredor novo, mas não alargadas as celas e chegadas a ele e, além disso, estas conservam o antigo pavimento que era mais baixo. A escada principal é magnífica e obra da mesma reedificação; consta de dois lanços de escada para o dormitório com um no centro que desce para o claustro.

Tenho um manuscrito que atribui esta obra ao Arcebispo de Évora D. Frei Miguel de Távora que fora professo na Ordem Graciana e honrou sobremaneira a Sé Metropolitana de Évora. Faleceu em 1759 e estivera cá em visita pastoral no ano de 1751, aposentando-se no convento da sua Ordem, por cuja razão não tenho dúvida em aderir a tal asserto. (1)

Em 20 de Abril de 1754 compõem-se os frades e os irmãos dos Passos cedendo os frades uma casinha por detrás da capela do Senhor e por cima da sacristia particular dela e cedendo também os ditos irmãos de um foro de 200 rs. que recebiam do convento. Isto se fez com autorização do Arcebispo de Évora D. Frei Miguel que mandara fazer as últimas obras do Convento.

D. João V deu a este Convento uma banquetta imperial de prata para a capela-mor em dias de festa solene, pois tinha outra antiga; e de prata eram todos os castiçais da Igreja, incluindo os da tribuna. Mas em 1808 roubaram tudo isto os Franceses, levando igualmente os bustos dos quatro evangelistas que estavam na capela-mor entre os castiçais e eram do mesmo metal. É fama entre os velhos daquele tempo que levaram dali 25 arrobas de prata.

Deu também D. João V à Irmandade dos Passos o sino grande que está de frente na torre do norte, fundido para o carrilhão da Capela Real e que não havia saído com a precisa afinação. Mais deu à dita Irmandade um pálio roxo de tisso de ouro com sete capas e mais pertences para se fazer com pompa a procissão dos Passos. Ao convento presenteou com outro paramento branco de tisso de ouro, o qual se acha hoje na Matriz, e é composto de casulã, damáticas, pálio, sete pluviais, etc. É este que nos serve na procissão de Corpo de Deus e outras festividades soleníssimas.

Entre as muitas alfaias que este convento possuía menciona-se um portapaz que vem desenhado num dos volumes do *Arquivo Pitoresco*, e uma grande alcatifa que cobria todo o pavimento da capela-mor e que se diz ser uma que ainda serve na da Sé de Évora.

A teia de mármore do balaústre do coro alto foi ajustada pelos Frades em 20 de Abril de 1754 com o Architecto José Francisco de Abreu, de Elvas, por 240\$000 réis. Havia de ser de mármore branco, azuis e vermelhos: os balaústres brancos com fundos vermelhos e a cimalha azul; e teria ao centro um calvário de 3,5 palmos de alto. Devia esta obra estar concluída até 28 de Agosto daquele ano.

O complemento da torre do sul foi arrematada por Sebastião Gomes, de Borba. Consta de uma escritura de 28 de Setembro de 1788. Era da sineira para cima e a cúpula da torre do norte e a varanda com o parapeito arrendado.

(1) *Memória de algumas obras e palácios que fizeram os Sereníssimos Senhores Duques de Bragança, especialmente dos Paços de Vila Viçosa. Anónima do princípio do séc. XIX.*

Foi ajustado isto por 1:100\$000 réis, pagando porém os frades as despesas de andaimes, cordas, etc. até à quantia de 9\$600 réis.

V

Chegado o ano de 1834 e mês de Julho, saíram os Gracianos para fora do Convento e a Fazenda Nacional tomou posse dele e da Igreja, bem como dos bens de raiz que formavam a sua dotação. Entre estes, notarei a grande herdade de Lourenço Alcaide na freguesia de S. Brás dos Matos e uma das Torres de Curvo, perto de Veiros, em cada uma das quais estava um Frade por director da lavoura feita por conta da comunidade, lucrando nisso muito a agricultura do Alto Alentejo porque tais herdades eram uma espécie de "escolas agrícolas" ou "granjas modelos" onde os nossos lavradores iliteratos aprendiam os melhores processos de exploração das terras e da criação de gados. Era também destes Gracianos o Cortiço em S. Brás, a Salgada em Rio de Moinhos, etc.; e nos nossos coutos possuíam também não poucos olivais e vinhas, razão por que no seu pátio estava uma grande adega de vinho e um lagar de azeite. De tudo isto lançou mão o Governo Liberal, mas renderam-lhe pouco tais bens porque os povos então horrorizavam-se perante o roubo sacrílego e a pena de excomunhão maior que a Igreja inflige àqueles que o cometem. Por muitos anos andaram arrendados por falta de compradores, de sorte que o Governo resolveu por fim vendê-los por qualquer quantia proposta e até com pagamentos a prazo de quatro anos.

Os bens móveis deste convento e dos mais do sexo masculino foram vendidos num leilão durante a feira de Agosto, quase dados.

Ora, como a Irmandade dos Passos estava erecta em Santo Agostinho e com direito a continuar a funcionar ali, fabricou-se na portaria, por conta da Fazenda Nacional, uma escada provisória de madeira pela qual subisse à torre o seu andador, ficando o convento independente. Porém a Casa de Bragança, ao cabo de poucos anos, como senhoria útil do cruzeiro e capela-mor, reclamou a posse das chaves da Igreja a fim de salvaguardar o panteão dos seus maiores e essa posse conserva ainda. Com o tremor de terra de 11 de Novembro de 1858 aumentaram consideravelmente umas rachas que havia já no zimbório sobre o cruzeiro e, entrando ali providencialmente D. Pedro V em 1860, mandou-o reparar no ano seguinte metendo-lhe quatro linhas de ferro e ata -

cando as fendas. Outrossim foram consertados os telhados de toda a Igreja, abrindo-lhes trapeiras e pondo-lhes passadeiras de ladrilho; repararam-se vidraças; olearam-se madeiras e ferragens e caiu-se a Igreja toda interior e exteriormente, gastando em tudo isto a Casa de Bragança três contos de réis, segundo correu então. E tornou-se notável que o majestoso templo fosse reaberto ao culto público para se fazerem as exéquias do mesmo Rei que o mandara reparar.

Do convento não fez caso o Estado de Bragança. Como porém passou a servir de quartel militar a Caçadores 6 e Cavalaria 3, tendo sido consertado pelo Ministério da Guerra, e conserva-se num estado sofrível.

VI

Depois destas noticias históricas passo a fazer uma descrição do estado actual deste monumento religioso - o de mais grandeza que possui Vila Viçosa.

Forma a Igreja e o mosteiro uma fachada para o Terreiro do Paço ocupando ali a faceira que olha para o poente e para o Terreiro de Santo Agostinho forma outra com a alharga esquerda do templo onde está a porta lateral de Nossa Senhora da Graça e parte da cerca ou horta. A dita porta é precedida por um grande tabuleiro de mármore em forma de quadrilongo com dois degraus.

O primeiro corpo do frontispício da Igreja é guarnecido de mármore branco de Montes Claros e tem no centro o vasto pórtico do alpendre fechado por um engradamento de ferro que se abre no meio com suficiente espaço para as entradas e saídas e é rematado pela águia bicípite doirada - brasão de Armas da Ordem Augustiniana. No segundo corpo ou galeria estão no centro as três janelas que dão luz para o coro e duas nos extremos ou corpos das torres que dão luz a estas. O terceiro corpo é formado pelas mesmas torres com uma varanda entre si. O parapeito desta é de mármore arrendados e as torres só têm cantarias nos ângulos e cimalthas. Sobre cada torre quadrada de quatro sineiras assenta uma grande esfera negra de cobre com um galo colossal por catavento.

No alpendre ou vestibulo do templo à mão esquerda está a portaria do convento com outra porta igual de mármore na parede fronteira por causa da simetria e até agora sem uso. No topo está a porta principal da Igreja com a

altura que permite o vão do alpendre. É decorada por duas colunas de mármore com caneluras, montadas sobre pedestais com rombos de pedra azul embutidos, e o mesmo acontece com a arquitrave e entablamento de cima das colunas. Uma cornija arqueada que forma o remate até à abóbada é interrompida no meio para não impedir um medalhão com a effigie de Santo Agostinho mostrando um livro aberto onde se lê: *Ante omnia, fratres carissimi, diligatur Deus; deinde proximus* (primeiro que tudo, irmãos caríssimos, ame-se a Deus e depois o próximo); e na moldura do medalhão está: *Legis Novae Abrahamus* Abraão da Lei Nova - título dado pelos frades ao seu santo Patriarca, Agostinho, Bispo de Hipona).

Tal como este pórtico é o lateral de Nossa Senhora da Graça no cruzeiro, salva a diferença de ter no medalhão a effigie da mesma Senhora.

A porta principal é interiormente cercada por um alto e amplo guardavento de madeira com bordaduras e filetes dourados e vidraças caprichosamente distribuídas.

Daí até ao cruzeiro estende-se o corpo da Igreja, de uma só nave mas amplo bastante. Esse corpo era de domínio exclusivo dos frades, exceptuando 33 sepulturas por eles cedidas à Irmandade dos Passos. A sua primeira metade é assoalhada com lousas sepulcrais e a segunda tem soalho de madeira para ali se ajoelharem os fiéis do sexo feminino, seguindo todavia pelo centro a via de campas, das quais só duas têm epitáfio. Uma (no centro) é a de Cristóvão Avelino Dias, Tenente Coronel comandante de Cavalaria nº 2 e fundador da nossa biblioteca municipal, falecido em Agosto de 1825. E outra (ao cimo) de Venant Delamasure, cônsul da Flandres, e de sua mulher, falecido em 1676. Este Delamasure arrendara a quinta de Peixinhos quando o morgado da mesma casa estava no fisco e morava ali chamando-lhe os nossos avós o estrangeiro de Peixinhos, onde exercia também o officio de estanqueiro de ferro e gesso, conforme li no cartório municipal. Deitava-se então gesso nos vinhos para os aclarar.

As paredes do corpo da Igreja e bem assim as do cruzeiro e capela-mor são revestidas até à cimalha de mármore branco, tendo por cima uma forte abóbada de alvenaria sem indício algum de ruína.

Na única nave há três capelas de cada lado e só está perfeitamente acabada a dos Passos como deixei dito. Esta é a do meio da parte do Evangelho; por cima está a do Santíssimo Sacramento sem gradaria que lhe feche a entrada nem os devidos adornos. Da parte da Epístola acha-se no meio a de Santa Rita de Cassia, da qual já falei atrás e só me resta dizer que tem embuti-

da na frente da parte do Evangelho uma lápide com este letreiro: *Cappella de Manuel Lopes, Almojarife dos Paços e criado da Casa de Bragança, e de sua mulher D. Maria Ferreira e de seus herdeiros. Anno de 1673.* Por cima desta acha-se a capela de S. Nicolau Tolentino, de quem faz menção o nosso Cadornega comemorando os bolinhos chatos distribuídos aos seus devotos na festa anual de 10 de Setembro, como ainda no nosso tempo se usou na Confraria das Almas do Espírito Santo e na de S. Luís, Rei de França. Destoa, porém, esta capela da architectura geral do templo visto achar-se o seu altar virado para a porta principal e não posto no topo e além disso as paredes são revestidas com azulejos representando quadros alusivos ao Santo cujo altar é de talha dourada. No pavimento estão duas campas com estes epitáfios: *Sepultura de Fernão Martins Mascarenhas e de sua mulher D. Isabel Pereira e de seus herdeiros e descendentes;* a outra, com escudo pendente, é: *S. de António de Figueiredo d'Almeida, Cavalleiro do Hábito de Christo, e de Isabel Mendes Madeira, sua mulher, que falleceu a 4 de Agosto de 1608 annos, e de seus herdeiros.* Como se vê estas sepulturas eram da antiga Igreja e foram de novo estabelecidas aqui. As duas primeiras capelas acham-se decoradas com mármore polido, mas sem tribunas, e não tinham ainda titulares. As imagens que neles se veneram estavam ali provisoriamente.

Junto ao cruzeiro ficam dois magníficos púlpitos de mosaico, bem lavrados, com dossel um pouco levantado na parte anterior, da qual parece descer uma pomba, símbolo do Espírito Santo, sobre a cabeça do pregador.

Entremos agora no cruzeiro, cujo pavimento é de xadrezes branco e azuis alternados, tendo a extensão de um templo ordinário desde a porta da Senhora da Graça até à que dá entrada para o cemitério e sacristia geral. No meio dele, sob o altaneiro zimbório octogonal de quatro janelas envidraçadas e alta pirâmide revestida com delgada crosta de mármore e encimada por um catavento, está em lugar distinto uma grande lousa branca e rasa onde se lê: *Aqui jaz Dom Rodrigo de Alemcastre, neto do senhor Dom Diniz, Marquez de Sarria e Conde de Lemos, o qual D. Dinis era irmão do Duque D. Jaime.* Há ali dois elegantes altares, dos quais o da parte do Evangelho é de Nossa Senhora da Graça e o outro não tem titular próprio; ambos estão virados para baixo. Vêem-se dois túmulos de cada parte da porta lateral da Senhora da Graça: o de cima é o do Arcebispo de Évora D. Alexandre, filho de D. João I, 6º Duque de Bragança, e o de baixo é de outro D. Alexandre, filho de D. Teodósio II e sobrinho do antecedente. No extremo fron-

teiro estão da mesma forma outros dois túmulos: o da parte de cima junto ao altar da Senhora da Graça é de D. Filipe, filho do Duque D. João I, e o da parte de baixo está vazio porque não vieram até hoje de Milão os ossos de D. Duarte, irmão de El-Rei D. João IV, para quem era destinado.

Passado o cruzeiro entra-se na capela-mor pelo meio de uma balaustrada de mármore azul e branco e ali estão pelas paredes seis túmulos de Duques, três de cada lado. O primeiro da parte do Evangelho, junto ao altar, é de D. Teodósio II, o último falecido em Vila Viçosa, tendo em frente o de seu pai D. João I. O da mesma parte é de D. Teodósio I, tendo fronteiro o de seu pai D. Jaime. E o extremo é de D. Fernando II confrontando com o de seu pai D. Fernando I. A forma de cada túmulo é como a de um altar com arco sobre pilastras com fecho e capitéis jónicos de pedra azul sobre a branca; debaixo do arco está um caixão de mármore montado sobre três leões pardacentos e em cima do caixão começa a estreitar-se uma espécie de trono rematado pela coroa ducal e uma cruz de pedra preta. As molduras do caixão ou sarcófago são azuis e as tampas laterais brancas e seguradas por cavilhas de ferro móveis; e tanto que outrora tiravam-se as tampas durante o officio geral dos Duques para ficarem patentes os caixõezinhos de madeira com prego dura dourada sobre veludo preto que encerram os restos mortais dos illustres personagens. Na tampa de cada sarcófago lê-se: *O Senhor Dom*, 2º, 3º, etc. *Duque de Bragança*; os do cruzeiro têm de mais a nota: *filho do Senhor Dom*, sendo por isso mais extenso o do Arcebispo de Évora que contém mais esta designação ou título. Os dois túmulos que ficam no plano do presbitério são mais acanhados do que os de baixo por não excederem a cornija da galeria. Nos vãos do mesmo presbitério, com frente para baixo e de cada parte dos degraus dele, estão mais túmulos que apenas constam do caixão ou sarcófago pertencentes a D. Manuel e D. Maria, filhos de El-Rei D. João IV e falecidos em Vila Viçosa antes do 1º de Dezembro de 1640.

O retábulo da capela-mor é de architectura compósita e consta de mármore azuis e brancos entremeados com alguns vermelhos fingidos a óleo. Quatro grandes colunas sustentam aquele artificio. No meio, pouco acima do altar avulso, está o sacrário formado por um grande globo de alvo mármore com portinha de madeira dourada. À boca da tribuna acha-se a imagem do Orago (Santo Agostinho) feita de escultura e em tamanho natural e por detrás eleva-se um grande trono de madeira para as exposições do Santíssimo Sacramento. Os mármorees são polidos e bem lavrados, sendo portanto esta capela-mor

a mais sumptuosa e rica dos nossos templos.

Tornemos ao cruzeiro para irmos à sacristia geral pela porta do norte do mesmo cruzeiro, a qual tem ornatos de elegância por dentro e por fora, assim como a da Senhora da Graça ou meridional. A primeira casa em que se entra é o cemitério dos frades: tem o pavimento distribuído em lousas brancas e no meio com brasão e chapéu episcopal está a sepultura de *D. João da Silva Ferreira, Bispo de Tangere, Deão e Prelado da Real Cappella de VillaViçosa. Falleceu 19 de Janeiro de 1775.*

A mão esquerda vê-se tapada a porta que dizia para o claustro e na frente a da sacristia que talvez seja ainda a própria da antiga Igreja pois ostenta um tecto de abóbada com laçarias e pinturas no gosto do século XVI. Não está na altura de sacristia digna de uma Igreja tal, pois as paredes, acima do rodapé de azulejos, são caiadas apenas, o pavimento é de ladrilho, e acima dos caixões dos paramentos não se vê no topo senão um crucifixo de escultura sob dossel de damasco. Ali se conserva provisoriamente uma sepultura da antiga Igreja com grande brasão encimado por um elmo. Diz o epitáfio: *Sepultura de Pedro de Sousa de Brito, Commendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, neto de Fernando Rodrigues Pereira, Camareiro-mor do Duque D. Jaimes, instituidor desta Cappella. Falleceu a 18 de Agosto de 1621. E de D. Luzia da Costa, sua mulher. Falleceu a 5 de Abril de 1622, e de seus herdeiros. Por baixo do brasão lê-se mais: Antonius de Brito a Sousa, filius, sacelli Theodosii secundi Ducis Decanus, patri suo amantissimo posuit. Anno de 1622. Quer dizer: António de Sousa de Brito, seu filho, Deão da Capella do Duque D. Teodósio II, pôs este monumento a seu querido pai no ano de 1622.*

Deste Pedro de Sousa tratarei na secção das *Pessoas notáveis* e portanto direi aqui simplesmente que foi o fundador da Casa dos Sousas da rua de Santa Luzia.

Os Gracianos tencionavam melhorar a sua sacristia que decerto era menos ornamentada do que as dos outros conventos do sexo masculino, assim como o coro onde não havia mais que uma simples bancada tornando-se ali notável somente o grande órgão de três foles, hoje desorganizado e incapaz de serviço desde que o convento começou a servir de quartel militar. Se a comunidade fradesca funcionasse ainda ali, haviam de estar actualmente muito melhorados tanto a Igreja como o Convento.

Passemos a este. Da Igreja para cima ou para o norte estende-se a frontaria principal com janelas de peitoril envidraçadas no andar superior, sal

vo duas correspondentes aos corredores do dormitório chamadas conventuais que são de sacada com ferros. Por baixo ficam as janelas rasgadas e altas com ferros que davam luz para as aulas e oficinas e sobre os telhados no centro está uma casa com duas janelas pequenas mandada fabricar já neste século pelo Prior Frei António Vieira de Carvalho para arremedar a "casa dos alfaiates" que tem na frente o Palácio Real.

Ao cimo do convento está a porta do pátio, chamada também "do carro", onde hoje é a guarda principal do quartel militar e daí para cima até à porta do Nú estende-se o muro da horta ou cerca.

O pátio é um quadrilongo tão comprido como a quadratura do convento e ali está a sua faceira do norte com tanto primor como a do Terreiro do Paço; porém acham-se transformadas a adega e as casas dos servos, demolido o lagar de azeite e abandonadas algumas cascatas.

O claustro é perfeitamente quadrado com cinco arcos por banda apoiados em grossos pilares de cantaria também quadrados e sem mais feitiço até aos avanços das abóbadas. No centro está uma fonte de repuxo, sem jardim, por ser assoalhado com mármore branco todo o centro do quadrilátero, assim como os passeios das arcarias. É bom e feito no século XVI; porém o de S. Paulo estava-lhe muito acima.

Da escada principal e dormitórios já dei notícia atrás. As celas modernas são bastante cómodas e têm, como as de S. Paulo, uma alcova de dormir e uma soteia ou dispensinha ao lado e tecto de madeira pintada.

VII

As festas certas que se ficaram fazendo na Igreja depois da expulsão dos frades são: a procissão dos Passos de Cristo no domingo segundo da quaresma promovida pela única irmandade ali erecta e o officio geral dos Duques de Bragança em Novembro a cargo da Capela Real. Ali se fizeram também algumas vezes as seguintes: a da Invenção da Santa Cruz em 3 de Maio à custa da referida irmandade e a de Nossa Senhora da Graça a expensas de alguns devotos.

O rendimento da Irmandade dos Passos é pequeno. Conforme um orçamento do ano de 1845-46, que tenho à vista, a irmandade possuía 4:000 réis anuais do Real Erário pelo capital de cem mil réis emprestado ao mesmo e 5:000 réis pela folha do Almojarifado, provavelmente com igual proveniência; e 7:250

réis de foros de uma vinha, um quarteirão, um quintal e um prédio de casas que lhe deixou Manuel António Viegas Lobo da Ponte com o encargo de cinco missas anuais por sua alma.

Assim, pois, tinha e tem a irmandade que sustentar o culto do Senhor Jesus dos Passos a expensas dos próprios irmãos. O Juiz paga os sermões de Pretório e Calvário e o adorno de seis anjos e da mulher Verónica; o Escrivão a seis Padres que pegam nas varas do pátio à procissão; e o Tesoureiro a armação do Calvário. Aos dois últimos pertence também, segundo o compromisso, a despesa da festa da Invenção da Santa Cruz e os doze mesários pagam a armação dos seis passos.

Cada irmão que falece tem o benefício de seis missas por sua alma e em Novembro fazia-se dantes um officio aniversário por todos os irmãos defuntos.

Já se não cumpre tudo à risca por serem hoje os irmãos geralmente pobres quando outrora figuravam ali todos os Cónegos da Capela Real. Assim mesmo têm feito muito os nossos contemporâneos, conservando a procissão dos Passos.

CAPITULO IV

Convento de Nossa Senhora do Amparo ou de S. Paulo

*Fôra um mosteiro tão bello
Que o áureo século erigiui!...*

(Paiva Madureira - O sino do mosteiro)

I

Pertencia este convento à Congregação dos monges da Serra d'Ossa que em Portugal contava uma só província regida por um Geral e composta de catorze mosteiros, dois colégios (os de Evora e Borba) e o hospício de Coimbra.

Os superiores dos mosteiros tinham o título de Reitores, sendo eleitos em capítulo por escrutínio secreto como também se usava nas mais Ordens Religiosas.

Estes frades vestiam hábito preto de pano ou sarjão com manto de cauda em memória da capa de Santo Atanásio em que fôra amortalhado o seu Patriarca S. Paulo Eremita; e sobre o peito viam-se-lhes duas pequenas palmas verdes bordadas. Ao contrário, os Gracianos vestiam hábito branco a uso quotidiano e somente envergavam outro preto nos dias solenes, devendo aliás ser isto vice-versa como ponderou diante de mim o contemporâneo Frei João Moreira.

Em ambos estes conventos e bem assim em todos os de freiras havia professores de dote e de prenda. Os dotes serviam para o ajudamento do custeio das casas e ampliação dos seus bens para melhor garantia da conservação e melhoramento dos institutos. As prendas mais apreciadas eram as de cantor e principalmente de organista, razão por que o nosso Colégio dos Reis produzia muitos destes frades.

Ainda não encontrei nem me consta que haja uma Crónica minuciosa deste convento de Nossa Senhora do Amparo, chamado vulgarmente de S. Paulo; mas apenas algumas notícias dispersas nas corografias.⁽¹⁾ A mais extensa acha-se no Santuário Mariano a propósito de escrever a história da imagem do seu orago, apoiando-se o seu autor, Frei Agostinho de Santa Maria, numa relação que lhe deram os frades, no Ageologio Lusitano e nas Antiquidades de Vila Viçosa manuscritas do Dr. Belchior do Rego de Andrade, que eu não pude ainda ler.⁽²⁾ Direi, pois, o que tenho podido investigar a respeito deste mosteiro que em Vila Viçosa tinha o segundo lugar em antiguidade, beleza e opulência.

Teve ele princípio na quinta da Provença, ao sueste da vila, no caminho de Juromenha, e na distância de quase uma légua moderna. Chamava-se então *Provença de Valle Bom*, como dito é no capítulo 28 da Primeira Parte para onde remeto os leitores. E fôra fundada, ao que parece, nos princípios do século XV por Pedro Afonso e seus companheiros de vida pobre e solitária a quem os sesmeiros de El-Rei D. João I fizeram doação da áspera montanha de Vasqueanes que lhe ficava junta passando-se carta de mercê em Vila Viçosa a 20 de Outubro de 1416; e nessa carta se dizia que tal doação era feita a estes "pobres por viverem num ermo servindo e louvando a Deus". Acrescentam ainda que a doação dos ditos sesmeiros fôra confirmada pelo próprio Rei D. João I e por seu filho D. Duarte em Evora a 10 de Março de 1430 e tantos.⁽³⁾ A dita montanha de Vasqueanes é a pequena herdade do Amial, vendida pelo Governo Liberal depois do ano de 1834.

Mas a Provença não passava então de um simples eremitério cujos monges viviam do suor dos seus braços arroteando aqueles campos e professando a vida penitente e devota: duas ou três casas sem igreja nem capela em forma cons tituíam a primitiva Provença de Vale Bom.

Quando, pois, tomou a feição de mosteiro regular? Foi, segundo parece, no ano de 1439 ou ao cabo de uns vinte e tantos anos, porquanto na Tábua

(1) *Corografia Portuguesa do Padre Costa, etc.*

(2) *Tomo 6, pág. 206.*

(3) *Corografia Portuguesa - Não pode ser o ano de 1450 porque a esse tempo reinava D. Afonso V ou então a confirmação foi deste Rei.*

Geral das Províncias e Mosteiros dos Frades Eremitas de S. Paulo, escrita em latim por Frei Joaquim de Santa Ana e que se encontra por apêndice no Tomo I da Tebaída Portuguesa de Damásio, lê-se: *Mosteiro de Nossa Senhora do Amparo em Villa Viçosa. Deste mosteiro há memória de duas edificações: a primeira no ano de 1439 e a segunda no ano de 1593.* (1) Tomemos pois já a primeira data, como de cronista particular da Ordem, e não demos valor à indicação de Vilhena Barbosa que diz ter sido fundado o dito mosteiro em 1435 (2) sem alegar a prova de tal asserto.

Continuava todavia o Mosteiro de Vale Bom intitulado-se *Provença* deste sítio e sem orago particular até que no Capítulo de Vale de Infantes, sendo Geral o Padre Mestre Frei Martinho de S. Paulo, se decretou que todos os mosteiros tivessem oragos ou patronos especiais. Foi celebrado o dito Capítulo no ano de 1485 e, cabendo ao Mosteiro de Vale Bom o patronato de Nossa Senhora do Amparo, mandou o seu Reitor Frei Aleixo de S. Paulo, eleito no mesmo Capítulo, fabricar em Estremoz a actual imagem de Nossa Senhora que é de roca e ficou bem acabada. Passando ela às mãos da Duquesa D. Catarina foi por esta decorada com ricos vestidos e alfaias e depositada em seguida na Igreja do Convento da Santa Cruz para dali ser levada em procissão até ao seu mosteiro no segundo domingo de Outubro do ano de 1586.

Celebrada primeiramente uma festa solene em que oficiou o Graciano Frei Martinho da Cruz e pregou ao Evangelho o Padre Mestre Frei Manuel Gêmio assistindo os Religiosos de Vale Bom e uma deputação do Mosteiro Capitular da Serra d'Ossa que elevou os Paulistas ao número de trinta, destinou-se a procissão para a mesma tarde em que devia também concorrer o Deão da Capela Ducal Manuel Passanha de Brito, conforme as ordens de D. Catarina, para abri-lhantar mais a procissão com os seus capelães, músicos e charamelas, o que fizeram somente até fora da vila. Mas o povo continuou sempre a acompanhar a Senhora e os Religiosos até Vale Bom.

Chegados ali, entraram pela portaria e percorrendo todo o claustro para que a Padroeira abençoasse aquela casa, conduziram-na para a Igreja onde foi posta no lugar que lhe estava preparado. Só então se retirou o povo acompanhante voltando a suas casas.

(1) *Monasterium de Villa Viçosa sub titulo B.M. Virginis do Amparo. Duae leguntur istius monasterii aedificationes. Prima anno 1439. Secunda da anno 1593.*

(2) *As cidades e vilas, etc., vol. 3, art. Vila Viçosa. Talvez que o ano de 1535 seja aquele em que El-Rei D. Duarte confirmou a doação do Amial ou montanha de Vasco Eanes.*

Assentou depois o Reitor Frei Aleixo em que a primeira festa do Orago do Mosteiro tivesse lugar no segundo domingo depois da Páscoa no ano de 1587 e que de futuro se fizesse regularmente neste dia. Para que a festividade p^o r^om fosse executada com o devido esplendor convidou para assistirem a ela os Reitores de Montes Claros e da Serra d'Ossa que prontamente concorreram com alguns dos seus frades. E assim ficou por costume até ao ano da extinção des-
tes conventos. Mas não foi só isto que abrilhantou aquela primeira festa: prestou-se o Deão da Capela Ducal a ir cantar a missa e, subindo ao púlpito o Padre Frei Pedro da Cruz, conseguiu pôr em bastante relevo a grande eficácia do patrocínio da Bem-Aventurada Virgem e persuadir os seus numerosos ou-
vintes a que formassem uma irmandade que zelasse o culto de Nossa Senhora do Amparo de Vale Bom. Mais de trezentas pessoas se alistaram logo nesse dia para a nova irmandade, elegendo por seu Juiz a Cristóvão de Andrade, Fidalgo da Casa de Bragança.

Estas notícias encontram-se no Santuário Mariano já citado.

A estação da primavera tornava convidativa a romaria dos Calipolenses até Vale Bom e portanto a época da festa anual foi bem escolhida; mas depois que a comunidade se trasladou para o Rossio foi fixada a celebração da dita festa em 5 de Setembro, dia de Nossa Senhora das Neves, talvez por nesse dia ser inaugurado o novo mosteiro.

Possuíam os eremitas de Vale Bom uma herdade no termo de Juromenha, ainda chamada dos Pobres, e por esta denominação se vê que a adquiriram na Pro-
vença quando eles eram conhecidos pelo nome de Pobres de Vale Bom.

Enquanto funcionou o Convento de Paulistas em Vale Bom tinham eles umas casas com o seu oratório em Vila Viçosa para sua aposentadoria, talvez enfermaria, como sucedia noutras partes, pois acho memória nas notas de António Cordeiro de ter André Frz., solteiro e pastor, criado na granja da Serra d'Ossa, feito doação aos paulistas de Vale Bom em Vila Viçosa de umas casas e oratório dos padres da Ordem do Bem-Aventurado S. Paulo. Isto a 24 de Maio de 1588. Provavelmente essas casas eram na faceira do Rossio onde os frades pousaram durante as obras do convento novo do Rossio. Em 26 de Setembro de 1588 era Reitor o Padre Frei Manuel de Serpa, o qual arrendou umas terras do Amial, sendo a comissão do Reitor assinada em Capítulo pelos seguintes Frades: Frei António Cartaxo, escrivão da comunidade, Frei Manuel, Frei António de Santa Maria, Frei Francisco da Conceição, Frei Tomás de S. João, Frei Damião, Frei Francisco de Santa Clara, Frei Leão, Frei Luís - os quais com o Reitor somavam 10 frades.

III

Pouco tempo funcionou já a comunidade Paulista naquele ermo. Quis ela também ser cidadã como cidadãos eram os Gracianos, Capuchos e Jesuítas, cuja casa andava em construção, e nisso faziam bem porque na vila eram mais prestimosos os seus frades, já então sacerdotes na sua maior parte, do que em ValeBom, lugar deserto e sem ter ao menos uma povoação próxima que se aproveitasse dos seus serviços.

Frei Martinho de S. Paulo foi o autor da trasladação do mosteiro aludido para o nosso Rossio e ficou sendo considerado fundador do último. Tanto assim é que no convento da Serra d'Ossa conserva-se ainda pendurado um retrato seu a óleo tendo por baixo este letreiro: *Frei Martinho de S. Paulo, fundador do nosso Convento de Vila Viçosa*. E ele mesmo determinou que o enterrassem à porta da sacristia geral como veremos adiante quando copiarmos o epitáfio da sua campa, por ser aquele cenóbio o fruto de imensos trabalhos seus.

Atrás vimos que o autor da Tábua Geral das Províncias e Mosteiros dos Paulistas põe esta segunda edificação no ano de 1593. Acho porém mais explícita e preferível a notícia dada pelo Padre Costa na Corografia Portuguesa.⁽¹⁾ Diz ele que a comunidade transferiu-se para Vila Viçosa em 1590, hospedando-se numa certa morada de casas particulares por espaço de vinte e três anos que foram os precisos para o mosteiro do Rossio se pôr capaz de recolher a dita comunidade e abrir-se a Igreja ao culto público, isto é, que as obras mencionadas somente puderam acabar-se no ano de 1613. É possível contudo que de 1590 a 1593 construissem e aprontassem a Igreja actual ou alguma Capela provisória e que nessa Capela passasse logo a dizer-se missa, pois acho memória de funcionar a Igreja do Amparo muito antes de 1613. Exemplo: no livro da escrituração da gerência da Misericórdia em 1600 a 1601 está uma distribuição de pedidores de esmolas nas igrejas e aí se nomeia a de Nossa Senhora do Amparo, etc.

Foi construída a nova Casa sobre os muros da vila ao sul onde presente - mente é a estrada moderna do Alandroal e creio que metade do terreno por ela ocupado era do rossio público, sendo portanto mister a anuência da Câmara e Povo e a autorização Régia para se verificar tal doação. A mais terra ex-

(1) Tomo 2, pág. 530, em que trata da nossa vila e sua ouvidoria.

tra-muros foi dada ou vendida.

O certo é que Frei Martinho devia lutar com muitas dificuldades para levar a cabo o seu intento, não obstante a valiosíssima protecção da Duquesa D. Catarina e de seu filho D. Teodósio II com os quais tratava particular amizade porque ele era um varão respeitável pela sua ciência e virtude. Além de grossas esmolas, fez-lhe o Duque referido o benefício de aforar para a Casa de Bragança o domínio útil do cruzeiro e capela-mor em cujo arco se vê ainda o escudo das suas Armas pelo canone anual de cem mil réis em dinheiro, um trono de cera (reputado ultimamente em 16\$000 réis) e oito alqueires de azeite. E estes pagamentos pôs ele a cargo do Morgado da Cruz, como consta do seu testamento. (1)

Assim, pois, com estas achegas e esmolas de particulares numa época em que a vila se achava tão opulenta foram os Reitores, principalmente Frei Luís da Ressurreição, entretendo os operários por espaço de 23 anos, tendo a feliz sorte de ver coroados os seus esforços.

A capela de Nossa Senhora do Rosário foi logo comprada pelas Baptistas e dotada, como adiante se verá. A de Santa Isabel Rainha foi também comprada e decorada por particulares cerca de 1630 quando estava em grande influência o seu culto por ter sido a santa canonizada em 1625 por Urbano VIII. As outras ficaram sem decorações até que pouco a pouco houve quem as aforasse como as antecedentes para jazigos de família.

Foi inaugurado o novo mosteiro de Nossa Senhora do Amparo em 1613 e porventura em 5 de Setembro visto ficar-se fazendo neste dia a festa ordinária do seu orago. No ano seguinte ao 19 de Outubro falecia o Venerável Fundador e era sepultado no corredor à porta da sacristia geral.

Da escritura de aforamento da cerca de Vale Bom ou Quinta da Provença feita em 19 de Abril de 1610 em 4\$000 réis anuais por 45 anos colhe-se a situação dela então nestas palavras: cerca de Vale Bom com umas casas de pedra e cal que são uma casa grande, duas câmaras e um corredor entre elas com uma janela de grades de ferro para esta vila, fundadas todas sobre uma abóbada e com outra muita casaria, um laranjal e muito outro arvoredado de espinho em que muito particularmente estão cento e vinte árvores de espinho grandes; e bem assim muito outro arvoredado de olival. E de muitas mais árvores de diferente fruto, cercado tudo de taipa e parede bordada. Feito por Frei Luís da Ressurreição, reitor, com autorização do capítulo provincial da Serra d'Ossa.

(1) Tomo 4 das Provas da História Genealógica, n. 267.

O mesmo reitor aforou por igual prazo em 11 de Maio do mesmo ano de 1610 uma cerca de bacelos às Vinhas Velhas que eles tinham plantado, por 8\$000 réis, e esta escritura foi feita na Igreja da casa do Amparo, isto é, na Igreja nova.

A casa velha de Vale Bom ou Quinta da Provença foi primeiramente aforada em 1610 por Frei Luís da Ressurreição a Manuel de Aguiar, de Borba, em 11\$000 réis pelo prazo de 45 anos. Depois, em 1630, foi trocado este foro com D. António de Melo que também adquiriu o domínio útil. E assim ficou livre a Quinta da Provença que o mesmo D. António por sua morte deixou a seu primo D. Luís de Noronha. Os herdeiros deste aforaram-na em 1677 a António Roiz de Oliveira.

Acho escrituras de compras de courelas feitas por Frei Luís para meter na cerca nova, de onde se vê que o terreno estava dividido em prédios pequenos que foi preciso anexar.

Em 1623 ainda Frei Luís governava só com poderes do definitório geral da Serra d'Ossa. Em 1629 continuava ainda Frei Luís da Ressurreição com o cargo de Reitor, mas já a casa tinha mais estes moradores: Frei Manuel da Cruz, Frei André da Visitação e Frei Constantino da Purificação, segundo uma escritura de venda que fizeram no 1º de Junho com licença do Capítulo da Serra d'Ossa. Governou até 1633 e sucedeu-lhe Frei Feliciano do Espírito Santo. Foi este com Frei Hilário do Espírito Santo e Frei Domingos da Conceição que venderam a capela de S. Cristóvão para jazigo de Francisco Soares Moreno e sua mulher por 50\$000 réis em 11 de Fevereiro do dito ano, obrigando-se ele a instituir ali uma capela de missa quotidiana dotada com o rendimento anual de 26\$000 réis, o que se efectuou em 1635.

Parece ter começado a haver governo constituído neste convento em 1635, pois figuram já nas escrituras os seguintes: Frei Luís, de Elvas, como reitor; Frei João de S. Nicolau como presidente; Frei André da Visitação como procurador; e Frei Rodrigo, de Evora Monte, como chaveiro. Só estes quatro, de onde infiro não haver mais moradores na casa.

Em 1642 era reitor Frei Anselmo de S. Paulo; procurador, Frei Diogo dos Mártires e chaveiros Frei João do Amaral, Frei João de S. Bento e Frei José de S. Bento. Eram os moradores da casa.

Pouco a pouco ia melhorando esta casa religiosa até que no princípio do século XVIII houve ali um frade chamado Frei José Galho de quem muito falavam os Paulistas expulsos em 1834. Diziam que ele herdara um ou mais morgados que por sua morte passaram à casa condal das Galveias e que, não tendo precisão do seu rendimento nem querendo beneficiar com ele a gente do século que o mal usasse, considerou-o como dotação da sua Ordem e determinou applicá-lo ao melhoramento do mosteiro de Vila Viçosa, onde parece ter nascido pois tínhamos Galhos na nossa terra como já se viu e há-de tornar a ver-se na secção das *Pessoas notáveis*.

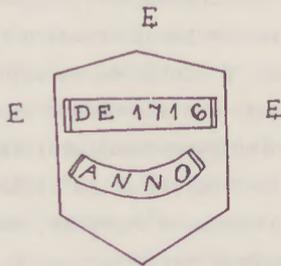
Pensou Frei José primeiramente em restaurar o cruzeiro e a capela-mor fazendo-os iguais ou ao menos semelhantes aos de Santo Agostinho e porque a Casa de Bragança não lho consentiu mudou de projecto e mandou riscar outras obras no convento que era do exclusivo domínio dos frades, e foram: a reedificação do claustro, da portaria e da sacristia geral com o corredor que do cruzeiro conduz a ela e à tribuna da capela-mor, o que ficou acabado com uma sumptuosidade sem igual entre nós e talvez em todo o Alentejo.

Quando principiou as obras tinha já em caixa cinquenta mil cruzados ou 20:300\$000 réis, diziam os Paulistas do meu tempo, e com os rendimentos que anualmente ia recebendo pôde ultimá-las como desejava. O lado ocidental do dormitório continha somente a sacristia e uma casa de arrecadação e ele completou-o erigindo ali uma excelente casa de capítulo e uma adega e fabricando em cima aquela faceira do dormitório que assim ficou povoado por todos os três lados, ocupando a Igreja o quarto.

Contentou-se Frei José Galho em mandar abrir no pilar do ângulo do claustro que fica junto da portaria esta breve e modesta inscrição:

HOC CLAUSTRUM CLARUS VIR

que quer dizer: Este claustro foi mandado fazer por um homem ilustre. E no bocal do poço que está no meio do mesmo claustro esta outra:



a qual marca provavelmente a época da conclusão daquela obra que devia levar não poucos anos.

Quanto aos três E com a sua vírgula na linha transversal de baixo em sinal de abreviatura, têm eles feito labutar muito ao autor destas *Memórias* e a quantos se aproximam do poço e, pelo que me respeita, declaro não atinar com nenhuma interpretação de confiança. Um epigrafista notável do nosso tempo deu-me a seguinte que julgo aceitável à falta de outra melhor:

Esta E A Era⁽¹⁾
ANNO DE 1716

V

Passemos à descrição da Igreja e do Convento que está ocupando uma parte da faceira do Rossio que olha para o noroeste com o lado esquerdo da Igreja por cuja razão não tem a soberba perspectiva que nos mostra o Convento dos Gracianos e os outros dois do sexo masculino. Aí há dois arcos de mármore que dão acesso ao mais vasto alpendre dos nossos conventos e que nunca tiveram gradaria de ferro por não se ir contra a sua criação que era servirem os alpendres de albergue a peregrinos ou descaminhados. Tanto assim que

(1) O Prior da Sé Velha de Coimbra, o Revmo. Padre Manuel Pereira Coutinho.

poucos anos antes da extinção das Ordens Religiosas ali pernoitou uma preta e deu à luz um menino, ministrando-lhe os frades o tratamento necessário e promovendo o baptismo do filho. E contam-me os velhos que acontecia por vezes irem pessoas pobres expor ali meninos defuntos para que os Religiosos lhes dessem gratuitamente a mortalha e sepultura, isto não falando no curso ordinário dos pobres à sopa depois da refeição dos frades.⁽¹⁾ Mas depois que se extinguiu a comunidade, o alpendre, assim franco, servia também para indecências e profanações, razão por que os Irmãos de S. Crispim mandaram tapar um dos arcos e assentar no outro a porta da casa do Capítulo ficando assim vedado o ingresso no alpendre.

Tem este por cima o coro, na frente a portaria e à mão direita a porta da Igreja que é ampla bastante mas sem pomposas decorações, mostrando apenas o seguinte letreiro na verga transversal de cima:

PAVLVS EREMITARVM AVCTOR ET MAGISTER

(Paulo autor e mestre dos Eremitas)

e como remate um corvo de pedra empoleirado, em memória daquele que administrou o pão ao dito S. Paulo no deserto da Tebaida.

Entremos na Igreja, hoje profanada e sem imagens nem ornato algum, para descrever o estado sofrível em que ainda a conheci.

Singelo era o guardavento, mas, por bem conservado, aproveitaram-no para a Igreja do Colégio ou nova Paróquia de S. Bartolomeu onde ainda podem ver sem os remates que o decoravam superiormente e com a diferença de lhe substituírem algumas almofadas de madeira por vidraças.

A Igreja tem a mesma forma que a de Santo Agostinho (a de cruz) só com a diferença de ser um pouco (e muito pouco) mais pequena e de ter os dois alares do cruzeiro nos topos do mesmo olhando assim um para o outro.

Subindo pela parte da Epístola encontra-se a capela de S. Cristóvão, a quem outrora ofereciam grandes bolos fintos e cabeças de alhos como advoga do contra as mordeduras de animais venenosos ou raivosos. Mostrava-se o dito santo num quadro a óleo em gigantesca figura com um menino aos ombros e abordando-se a um pinheiro; e a seus lados viam-se dois painéis com Santo

(1) Agrada-me citar aqui o que refere Diogo de Couto sobre a miserável situação dos soldados portugueses da Índia que só recebiam soldo quando iam nas expedições. Diz ele: "Não vemos soldados agasalha dos senão pelos alpendres dos Mosteiros, comendo da pobre ração dos Frades que quase não têm para si". Dec. 5, L. 2, cap. 3.

António e S. João de Deus. O seu jazigo e o casco da capela custaram 50\$000 réis a Francisco Soares Moreno, morador na Corredoura nas casas que ele deixou para residência dos Piores de S. Bartolomeu. Dotou a capela com 24\$000 réis de renda anual para uma missa quotidiana e mais 2\$000 réis de guisamentos, tudo administrado pelo convento. Este contrato foi feito por escritura de 11 de Fevereiro de 1634, sendo então reitor Frei Feliciano do Espírito Santo e moradores da casa Frei Domingos da Conceição e Frei Hilá - rio do Espírito Santo. Ninguém mais para se economizar para as obras do convento. Por escritura de 8 de Novembro entregou Francisco Soares aos Paulistas 26\$000 réis de juro no almoxarifado desta vila que ele comprara ao Duque no mesmo ano. Em 21 de Março de 1653 doou Francisco Soares Moreno ao convento a herdade da Marinela em Ana Loura e três courelas de terra na freguesia da Terrugem, caminho de Elvas, com a obrigação de lhe cantarem os frades missa por sua alma e pela de sua mulher nos dias de S. Cristóvão e de S. João de Deus.

O seu altar era uma urna de madeira com decorações e filetes dourados; as paredes estavam revestidas com azulejos e o tecto era de pinturas a óleo. Um cancelo de madeira vedava que os leigos ali se metessem pois são igualmente espaçosas todas estas capelas e comunicam umas com as outras desde o cruzeiro, havendo alguns confessionários de permeio. Esta era em regra a forma das mais.

A segunda capela (pela mesma parte) é a da Rainha Santa Isabel de Portugal, cuja imagem principal é de escultura com uma bengala na mão em sinal das suas jornadas pacificadoras. Estava metida num nicho com dois primoros quadros a óleo sobre madeira aos lados, em cujo direito se via a Rainha Santa mostrando a seu marido, El-Rei D. Dinis, o regaço de esmolas convertidas em rosas e a caírem para o chão e o da esquerda representava a mesma Rainha já viúva e vestida com hábito da regra de Santa Clara a lavar os pés de uma peregrina, assistindo-lhe algumas criadas. Esta capela foi comprada em 1642 por Luísa Mendes, viúva de Fernão Duarte, para seu jazigo e de seu marido e de uma filha que estavam sepultados em S. Francisco e outros parentes seus. Foi dotada com o rendimento de 44\$000 réis para duas missas quotidianas, obrigando-se a compradora a orná-la com lâmpada, paramentos, etc. Passou ela a segundas núpcias com João de Oliveira Delgado, o qual ratificou este contrato em 27 de Junho de 1657, sendo reitor do convento Frei Teodósio da Natividade.

A terceira capela do mesmo lado era a do Santíssimo Sacramento, cuja gra

daria de madeira com bordaduras e arrendados tinha sido habilmente executada no fim do século XVIII por carpinteiros da nossa terra sob a direcção de um frade que fez os desenhos tendo em vista o engradamento da capela do Santíssimo da Capela Real, e que muito o excedeu em perfeição e mestria. Ainda hoje se pode ver a parte central desta bela e sumptuosa gradaria na Igreja do Colégio para onde a levaram, sobejando porém quase metade por serem as capelas desta muito mais pequenas. Mudaram-lhe então o assento de azul claro para branco, segundo o gosto da época, ficando porém muito menos formosa pois o bom gosto não se altera com as modas: é fixo e invariável. Deixando porém ali o sacrário por se não carecer dele no Colégio, aproveitaram-no em 1877 os irmãos do Santíssimo da Matriz. Eram as paredes interiores forradas de damasco encarnado posto sobre lona e o pavimento e degraus de pano verde, tornando-a tudo isto a primeira capela de Sacramento de Vila Viçosa.

Voltando abaixo e subindo pela parte do Evangelho, temos em primeiro lugar a capela do Calvário que era um pequeno quadro em tela com Cristo crucificado, assistindo-lhe sua Mãe e o Evangelista S. João. Aos lados, se me não falha a memória, estava Nossa Senhora da Coroa e um Menino Jesus, ambos em quadros a óleo, e em cima no centro um triângulo com as três Divinas Pessoas representando o Mistério da Santíssima Trindade. Adiante está a capela de S. Brás, Bispo de Sebaste e mártir, advogado contra as moléstias de garganta, ao qual por muitos anos se fez festa a 3 de Fevereiro com esmolas dos seus devotos e por este motivo trasladaram a sua imagem de escultura para o Colégio. Aos lados estavam S. Gregório Magno, Papa, e S. Gonçalo de Amarante com a ponte do Tâmega por peanha: ambos de escultura e metidos em nichos. Ali da parte da Epístola está uma lápide com este letreiro: *Esta capela é de propriedade do Padre Manuel Vieira, Capelão de Sua Majestade na Real Capela desta Vila Viçosa, e de seu pai, mãe e irmãs. E da parte do Evangelho está este outro: Tem nesta capela pelas suas almas duas missas quotidianas in perpetuum. Tudo consta por escritura que está no cartório deste convento. No ano de 1720.*

A última capela deste lado é a de Nossa Senhora do Rosário que actualmente se acha no Colégio com a sua respectiva irmandade. Porém os seus colaterais S. Domingos de Gusmão e S. Vicente Ferreira acham-se na sacristia das Almas do Espírito Santo. Distinguia-se das outras esta capela em ter cancelos de mármore azul polido e duas lindas credências da mesma qualidade com pé de mármore alvíssimo folhado e mais largo para cima, o que tudo foi levado para a Capela do Santíssimo da Matriz no ano de 1877. Em vez de urna,

tinha o altar um frontal de madeira vertical e dourado todo. Foi a primeira capela que se arranhou nesta Igreja e chamavam-lhe "Capela das Baptistas" do nome das suas fundadoras, assim como ainda chamam "das Baptistas" a um grande olival situado a Mau Freire e a uma azenha de Bencatel que com outros mais bens constituíam a dotação da referida capela. Veja-se a seguinte inscrição que está numa lápide ao lado da Epístola: *Capela de Beatriz de Torres. Comprou e ornou e dotou com uma missa quotidiana e com tudo o mais necessário, como da escritura consta, para si e sua irmã Hierónima (da Costa) Baptista e seus herdeiros. Em 1677.* Entre ela e o cruzeiro fica o púlpito quadrado com balaústres de mármore branco.

O cruzeiro nada oferece de notável por se achar ainda com o seu primitivo pavimento de ladrilho, assim como a capela-mor. No altar da parte da Epístola estava S. Crispim, cuja irmandade se acomodava na sacristia próxima e meieira com a irmandade do Rosário. No outro altar fronteiro a este, chamado Altar do Santo Cristo por nele se venerar um pequeno crucifixo, havia um sacrário que parece ter sido o que servia antigamente e ali se achava também nos últimos tempos uma Senhora da Piedade com vestidos pretos e um Senhor morto no regaço. Ambos os altares eram de talha dourada sobre urnas de madeira. No último instituíram duas capelas de missa quotidiana em 1785 Inácio de Sousa Barbosa e sua mulher D. Josefa Vicência de Torres Penalvo, com várias cláusulas, mas tudo ficou sem vigor por causa das leis do Marquês de Pombal e os seus bens vieram a passar à Misericórdia por mercê do Príncipe Regente D. João VI. Neles entrava uma pensão grande que tinham na Horta da Cruz, as duas melhores moradas de casas das ruas de Frei Manuel (onde moravam os instituidores) e da rua das Vaqueiras (hoje em ruínas), etc.

O Padre Manuel Homem Pessoa, que faleceu em 1644 sendo Reitor do Colégio dos Reis e tesoureiro-mor da Capela Real, comprou e dotou com missa quotidiana uma capela em S. Paulo, segundo consta de uma escritura lavrada em 1645 nas Notas de A. de Oliveira, mas não se explica ali qual era. Julgo provável que fosse a do Calvário, fronteira à de S. Cristóvão.

As paredes do Cruzeiro, assim como todas as mais, eram simplesmente caiadas concorrendo isso com as muitas janelas a tornar o templo muito claro e alegre.

No fecho do arco da capela-mor está um escudo com as Armas dos Braganças cujos Duques ali tinham tribuna verdadeira da parte do Evangelho e outra fingida em frente com uma janela sobre a sacristia de S. Crispim. Para subirem os Duques à sua tribuna tinham uma porta na estrada nova do Alandroal

com uma estribaria e cocheira e chave para abrirem a porta da privativa. Lá em cima fica uma grande casa que lhes servia para passearem e distraírem, e outras pequenas, inclusivamente uma cozinha, para o que lhes fosse mister. Isto já na traseira da Capela-mor. Dizem que o frontão desta fôra primitivamente de talha dourada e que, achando-se esta em ruína, mandaram os frades fazer o actual de estuque fingindo cantarias brancas e azuis à semelhança da capela-mor de Santo Agostinho e ficando bem acabados estes trabalhos. No centro está o camarim de Nossa Senhora do Amparo, orago da Casa, levada em 1864 pelos irmãos de S. Crispim para Santo António. Em cima, aos lados da tribuna, estavam da direita S. Paulo Eremita com hábitos de frade e da esquerda o Patriarca S. José, de escultura, com o Menino Jesus nos braços. O primeiro conserva-se no Colégio e o segundo em Santo António. No pavimento da capela-mor, junto aos degraus do presbitério, estão as duas sepulturas onde provisoriamente foram enterrados o Duque D. Teodósio II e seu filho D. Alexandre e ambas com os epitáfios picados e desfeitos.

Na via central do corpo da Igreja, entre os estrados, há muitas campas com epitáfios que não pude ler quando ali fui em 1877, já por gastos com o perpassar da gente, já também por estarem cobertos de terra e caliça. Numa que tem um escudo com brasão apenas pude perceber que era de Manuel Homem da Costa, secretário do Duque D. Teodósio II.

Em 1889 empregou a Câmara uma porção de lousas no vestíbulo dos Paços do Concelho, picando-lhes os epitáfios e o mesmo fez a outras com que tapou o jazigo da Fonte Grande. Estas, por consequência, ficaram aniquiladas para a história. Mas em 1890 empregou três outras campas no tapume da arca da Fonte do Alandroal e aí pude copiá-los em 17 de Setembro. Dizem assim: 1ª - Sepultura do Padre Frei Simão Robledo e de seus herdeiros. Aqui está sepultado o Padre Nicolau Roiz Mansos. Faleceu a 20 de Outubro de 1647. 2ª - Esta sepultura é do Padre António Frz., Capelão de Sua Excelência, e de sua família e herdeiros. Nela está sepultado o corpo de Brites Vicente com a qual fôra casado. Faleceu a 25 de Novembro de 1623. 3ª - Sepultura de João Lourenço, Carpinteiro, e sua mulher Maria Frz. e de seus herdeiros.

Ao sair pela porta do cruzeiro à mão esquerda entra-se num corredor, cujo pavimento de xadrezes de mármore azul e branco destoava da simplicidade do mesmo cruzeiro pela razão já dita de não consentir a Casa de Bragança que Frei José Galho ali metesse a mão. Deste corredor se passa ao claustro e à sacristia geral, às escadas por onde os Duques subiam à tribuna e a uma arrecadação debaixo dos aposentos dos mesmos Duques. A porta da sacristia

vê-se a sepultura rasa do Venerável Fundador deste convento com epitáfio em versos latinos já muito apagados com as frequentes entradas e saídas. O que se percebe ainda é o seguinte:

NOSTER IN HOC TUMULO MARTIN' CONDITUR, OLIM
 EBORA
 SCINDERE MORS HABITUM POTUIT, PRAECONIA VERO
 EIUS VIRTUTIS TEMPORA NULLA QUEUNT.
 CARNIB' ABSTINUIT, VINO LABORE PUDICUS
 MEMBRA PREMENS, BIS SINE VELLE PRIOR

 HIC DIXIT: REQUIES OSSIBUS ISTA MEIS.
 OBIIT CAL. OCT.
 AN. 1614.

e que diz em suma: Neste túmulo está sepultado o nosso irmão Martinho. Pôde a morte despedaçar-lhe o hábito, porém os pregões da sua virtude não podem apagar os tempos alguns. Absteve-se de carnes e de vinho. Como casto rebatia o vigor dos seus membros oprimindo-os com o trabalho. Duas vezes foi Geral da Ordem sem o pretender. Declarou em vida querer que descansassem aqui os seus ossos. Faleceu no primeiro dia de Outubro de 1614. O último algarismo está quase gasto de todo.

Acha-se hoje esta campa isolada porque em Março de 1877 foram os xadrezes arrancados para se assoalhar o pavimento do açougue da carne.

Entremos já na sacristia, cujo pavimento era igual ao do corredor, claustro e portaria. No topo antolha-se ainda um riquíssimo altar de fino mármore branco, verdadeiro alabastro, igual ao da portaria, e levantados ambos sobre dois degraus formando elegante presbitério. Este da sacristia mostra va um quadro da árvore de Jessé em tela. A mão esquerda estavam os caixões dos paramentos em três corpos de três gavetões cada um e dois armários nos extremos, lavrado tudo em carvalho do norte com decorações de muito bom gosto na parede traseira (como se vê na Matriz) feitas do mesmo pau, e dois grandes espelhos. No meio via-se a mesa ou aparador octogonal de pedra azul polida com pé branco alvíssimo que hoje se admira na Matriz. Esta sacristia é alumiada por duas janelas altas entre as quais ficava o lavatório posto agora na botica da Misericórdia e não tinha rival entre nós. Seguia-se-lhe uma outra casa de arrecadação de utensílios.

Entremos no claustro. Não fôra este perfeitissimamente quadrado pelo primeiro architecto e daí resultou que, para se tirar no centro um quadrilátero perfeito, ficaram os dois passeios das arcadas do poente e do sul um pouco mais estreitos. Por isso, quando em 1870 foram arrancados os xadrezes para se assoalhar o adro da Matriz, custou muito aos alvenêus o combinar umas juntas com as outras, as quais todavia ficaram com grossos emechados quando no claustro eram quase imperceptíveis. Os pilares quadrados que sustentam ainda as varandas têm junto de si pilastras de arco a arco e para o interior a fim de sustentarem uma abóbada de meias lunetas e para a frente para sustentarem um comprido caneiro por onde se escorriam as águas da varanda que nunca foi coberta e era pavimentada com mármore tendo regueiras ao pé do anteparo de três palmos de alto. O centro do claustro estava distribuído em quatro quarteirões ajardinados com buxo de tosquia, sendo as quatro ruas que os dividiam e as que os circundavam fora das arcadas todas com pavimento de mármore branco. Os ditos quarteirões sobressaíam-lhes coisa de um palmo com socalcos da mesma pedra e recortes nos ângulos.

Só a portaria se conserva intacta, salvo o destroço do quadro do altar que já não conheci perceptível por servir ela de estação municipal durante as feiras para a cobrança do imposto de terrado sobre o gado vacum.

Do claustro subia-se para o coro, torre (muito singela constando apenas de uma pirâmide quadrangular revestida de azulejos e tudo o mais de alvenaria) e principalmente para o dormitório. Essa escada, a principal, tinha quatro patamares ou recebimentos com degraus de meio palmo de altura excepto no último lanço em que eram mais altos, provando isso que fôra restaurada com mármore finos quando se aperfeiçoou o claustro. Podem ver-se ainda a maior parte deles no adro da Matriz e sua escada ascensória.

Na casa do ante-coro que fica sobre a portaria mostrava-se um altar de talha dourada com quadro a óleo já estragado nos meus dias; porém não sucedia o mesmo com as pinturas a fresco do tecto em que estavam distribuídos painéis de varões ilustres da Ordem Paulista com legendas por baixo.

Mas passemos já a ver o coro que era o melhor de todos os que possuíamos. Um excelente órgão lhe ficava junto da balaustrada sobre a capela do Calvário com dois grandes foles. Sobre a dita balaustrada de mármore branco estava um dossel de madeira bem lavrado com espelhos e douraduras, cobrindo o altar de um crucifixo grande que servia de oratório particular do coro e que foi levado em tempo dali e posto na ermida de S. José para substituir a imagem do Santo Patriarca desfeita pelo caruncho.

No topo do coro, olhando para o oriente, uma janela descomunal envidraça da alumiava bastante aquele grande recinto e interrompia ali as duas ordens de cadeiras de carvalho do norte com assentos de alçapão postas em anfiteatro nos três lados. Por detrás da ordem mais alta mostrava-se uma primorosa galeria de quadros a óleo sobre tela representando Santos Eremitas, a qual na extensão e perfeição excedia muito a da capela-mor de S. Francisco de Évora. Eram os painéis arqueados e emoldurados de azul claro com filetes e bordaduras douradas, tendo por cima entablamento e pirâmides no mesmo gosto. No centro, perto da balaustrada, estava erguida a grande estante quadrada e móvel dos antifonários que gira sobre um pedestal de mármore azul bem lavrado e que ainda se conserva no coro do Colégio.

Pouco tenho a dizer sobre o dormitório que constava de três lados da quadratura do claustro, ocupando a Igreja o quarto. São largos os corredores e as celas espaçosas com janela ampla e outrora envidraçada como em Santo Agostinho. Os tectos eram de vários estilos conforme a gradação dos seus habitantes, havendo assim fasqueados e esteirados de adobes e o mesmo sucedia com os pavimentos que nas celas do Geral e do Reitor eram cobertos de madeira ou cortiça. Os ditos corredores, cobertos de abobadilha, passavam ao longo das varandas ficando por isso as celas (em número de vinte ou pouco mais) somente da parte de fora do edifício. Na faceira do sul estava a escada particular do refeitório com a casa da rouparia ao pé e a enfermaria com a competente cozinha ficavam ao poente. Perto estava o cárcere encosta do à Igreja com uma fresta para a varanda, etc.

Por baixo de tudo isto eram várias oficinas: celeiro, dispensa, cozinha, casa dos lavatórios, refeitório, adega e casa do capítulo onde era o cemitério dos frades. A portada do refeitório acha-se presentemente na botica da Misericórdia, sem todavia possuir esta a extensão daquele e sendo portanto maior a cabeça que o corpo.

VI

A história da destruição deste grandioso monumento que fazia o enlevo de todos fica disseminada na Parte Primeira para onde remeto os leitores.⁽¹⁾ Re

(1) Capítulo 108 e muitos dos seguintes no Tomo III.

sumi-la-ei todavia neste lugar. Fabricaram um teatro no refeitório logo no inverno de 1834-35, formando-o com portas das celas e ponteiros dos telhados e quebrando o púlpito para se entrar por ele nos camarotes; e por isso tiraram do altar a bela imagem de S. Paulo com túnica de palma, que hoje se encontra em Santo António, colocando-a na Capela de S. Cristóvão. Pouco depois os telhados, faltando-lhe os ponteiros principalmente no lado ocidental, começaram a cair sobre as celas. Estas desmoronavam-se também de ano a ano, fazendo cair já no meu tempo o tecto da casa do capítulo e achando-se os mais todos fendidos. Depois começou-se a tirar dali materiais para as obras públicas e por fim, sendo o convento dado com a cerca à Câmara, esta ficou em pleno direito de empregar os ditos materiais nas suas obras, de os dar e de os vender.

Assim, pois, está cheia de mármoreos dali toda a nossa vila. E comprazendo-se nisso um célebre Administrador do Concelho, alardeava o grande prestígio do convento apelidando-o uma grande mina... Este mesmo indivíduo, achando-se no coro em presença de um tio meu e contemplando a Igreja de lá, disse para o Escrivão de Fazenda que o acompanhava: - *Aqui fazia-se uma bela casa de ópera... e com pouca despesa...*

As Câmaras, que aliás estão recebendo mais de 50\$000 réis do produto da cerca ou horta, não têm sequer concertado os telhados da Igreja como lhes cumpria porquanto esta foi pedida para Igreja do Município em vez da outra de S. Sebastião que caíra em 1858.

Em suma: deste malfadado convento podia fazer-se na época de 1820-34 a seguinte profecia porque havia de se cumprir à risca:

*Nessa casa onde mil vozes
Já se ouviram Deus louvar,
Hão-de as aves mais ferozes
Em breve vir habitar!
Hão-de a coruja e o morcego
Falar a um povo tão cego
Os crimes lh'hão-de exprobar!*

*Lá pela noite calada
Neste mosteiro ermo e só,
Na mais lúgubre toada
Se ouvirá do noitibó
Aquele voz tão carpida
Que dirá: - Desta guarida
Já não resta mais que o pó!*

*Que o profano camartelo
Tudo ao nada reduziu!...
Fôra um mosteiro tão belo
Que áureo século erigiu!
Fôra um templo majestoso
Que este século desastroso
Pelo cimento aboliu!...*

*Aqui a serpe silvando
Dando assobios d'horror,
A ave nocturna piando
E, da queda no fragor
Este grande edificio...
Tudo nos mostra o grande exício
Desta vinha do Senhor! (1)*

(1) Paiva Madureira - O sino do mosteiro.

VII

Conquanto não fosse tão opulento como o de Santo Agostinho, este mosteiro era bastantemente rico. Ainda aí está a horta do Amparo com o seu título a dizer que lhe pertencia e junto dela, ao Porto de Elvas, estava um lagar de azeite já em ruínas que tinha o mesmo senhorio. Os olivais nos nossos coutos eram muitos e passaram quase todos ao poder de Manuel Bernardo de Brito Peracha, deputado às Cortes Constituintes de 1837, do qual se disse que os comprara ao Governo Central mediante a entrega dos recibos dos seus honorários.

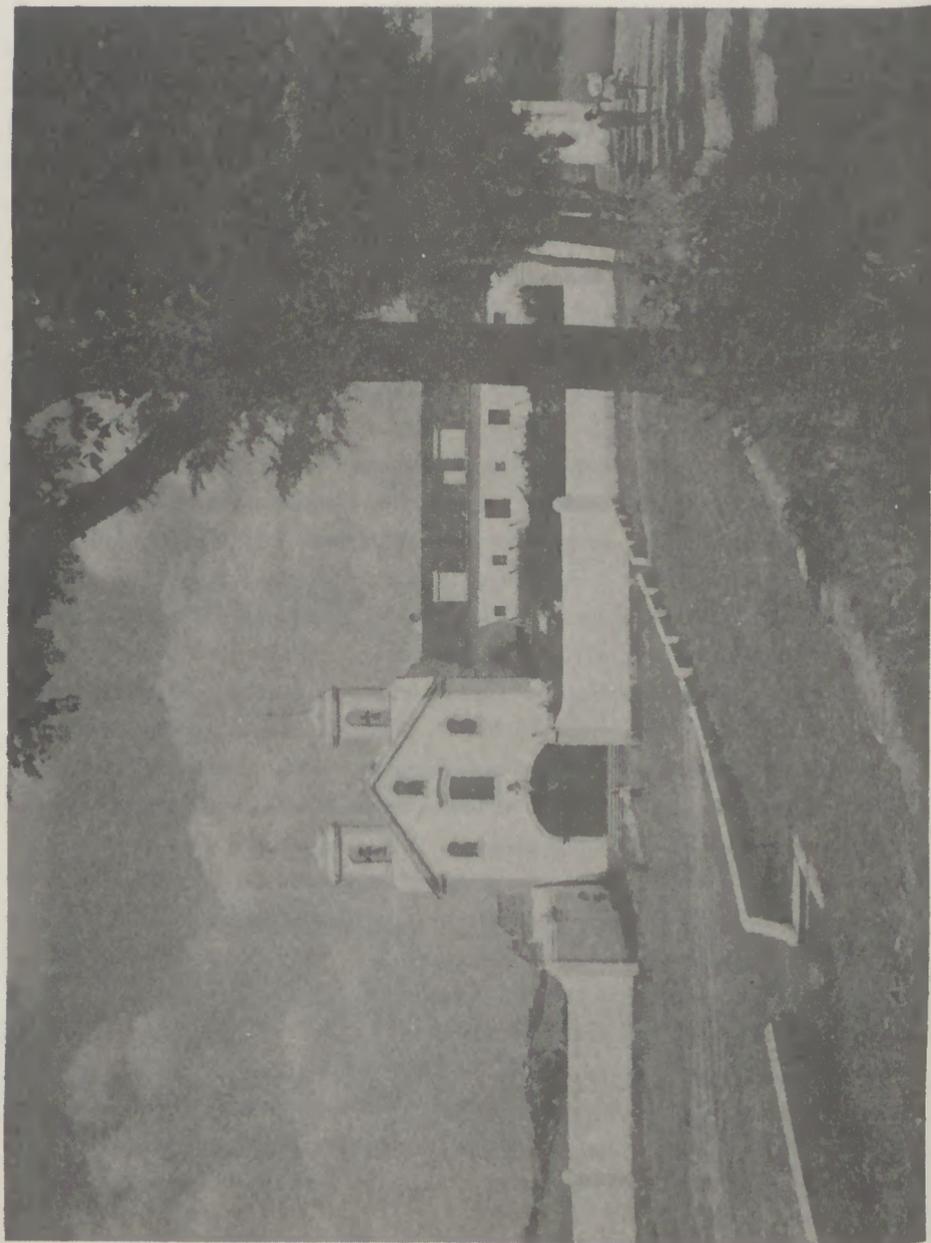
Na Igreja só havia duas irmandades que já mencionei: a do Rosário e a de S. Crispim.

A primeira tem um capital de 160\$000 réis a juro que hoje lhe rende 5:600 réis e as anuidades dos irmãos constantes de cem réis e algumas esmolas. Depois de ser trasladada para o Colégio, esteve quase morta de todo; surgindo porém um Beirão, morador em Borba, chamado José da Conceição, que se declarou ali zelador e protector do culto do Santíssimo Rosário, a irmandade reorganizou-se tornando-se mais próspera do que era em S. Paulo depois da época de 1834.

A segunda nunca possuía rendas além das quotas dos irmãos; porém o seu compromisso, aprovado por El-Rei D. José como Administrador da Casa de Bragança, tinha anexo um Alvará que obrigava todos os oficiais de sapateiro, contratadores de courama e calçado, curtidores e surradores, com excepção dos indigentes, a inscrever-se na dita irmandade e a pagar 20 réis mensais para as suas despesas. Este Alvará encontra-se registado nos livros da Câmara pela razão de ser o Juiz de Fora declarado Conservador da Irmandade e zelador da observância do mesmo Alvará.⁽¹⁾ Trasladada para Santo Antão em 1864, apenas dois ou três anos fez a festa de S. Crispim decaindo os sapateiros do seu antigo e bem provado zelo.

Ambas as ditas confrarias faziam celebrar por cada irmão defunto certo número de missas e um officio aniversário por todos em geral. E por ser isto comum a todas as irmandades, salvas pequenas diferenças de forma dos suffrágios, deixá-lo-ei de mencionar em casos idênticos.

(1) L. 6, f. 182.



ASPECTO GERAL DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

CAPITULO V

Convento de Nossa Senhora da Piedade ou dos Capuchos

Retiro mist'rioso da inocência

Da paz, solene asilo,

Búlsamo santo de magoados seios:

Em ti minha alma encontra

Suave alívio que me nega o mundo;

Em ti a paz procuro

E tu ma of'reces amestrando as sombras

Do soidoso recinto.

... .. soidão querida

... ..

Onde do rumor vário desta vida

Nem chegavam sinais.

(Memórias do Buçaco, pág. 40)⁽¹⁾
(J. Freire)

(João de Lemos - Saudades do claustro)

I

Também o actual convento de Nossa Senhora da Piedade não é o primeiro que em Vila Viçosa tiveram os Frades Menores de S. Francisco de Assis da mais estrita observância, conhecidos universalmente pelo nome de Capuchos ou Capuchinhos - nome que lhes proveio de usarem ponteagudos capelos nos hábitos de burel. O primeiro que eles habitaram entre nós foi o de S. Francisco Velho, situado ao nascente da vila por baixo das quintas da Cebola. Passaram dali a um segundo convento edificado na cerca do actual e precisamente onde chamam "o presépio". O terceiro ainda felizmente se nos mostra livre de ruínas num cômodo que está aos pés do Duteiro do Ficalho.

II

1º Convento - Ano de 1500.

A Ordem do Seráfico Patriarca sentiu, como todas as mais, o desfalecimento do espírito de observância cabal das regras austeras do seu fundador, cain

(1) As Memórias do Buçaco são de Adrião Pereira Forjaz de Sampaio e nelas aparecem poesias de J. Freire.

do em relaxação por ordinariamente entrarem nela indivíduos sem vocação própria. Sucedeu por isso que em Castela intentou estabelecer uma nova Regra reformada certo Frade Franciscano chamado Frei João de Guadalupe, a quem se uniram outros animados com iguais propósitos. Muitos obstáculos selhes levantaram diante, não sendo o menor deles a perseguição que lhes moviam os seus próprios confrades; mas apesar de tudo já tinham em Castela no fim do século XV dois conventos com o título de "Custódias", a saber: a Custódia da Luz e a do Evangelho.

Isto e o mais que irei dizendo é contado por Frei Manuel de Monforte na sua *Crónica da Província da Piedade* escrita num só volume *in folio* para onde remeto os leitores mais curiosos.

Tanto pelas perseguições que lhes moviam em Castela os Franciscanos ou Observantes como por estabelecer a Reforma entre nós, veio a Portugal o referido Frei João de Guadalupe com Frei Pedro Melgar. E, dirigindo-se a Lisboa, encontraram-se no Terreiro do Paço com o Duque de Bragança D. Jaime que edificadô pelo modo penitente dos dois Religiosos parou o cavallo e perguntando-lhes quem eram e de onde vinham soube qual o propósito que traziam. Deste encontro resultou oferecer-lhes D. Jaime asilo nos seus Estados e indicar-lhes particularmente a sua Corte de Vila Viçosa para a fundação do primeiro convento desta reforma.

Puseram-se logo os dois Capuchos a caminho da nossa terra onde chegaram descalços com seus hábitos de burel ao mesmo tempo que o Duque de Bragança. E, tratando-se da escolha do sítio para o convento projectado, recaiu esta no oratório ou capela de Nossa Senhora da Piedade fundada no século XIV pelo Calipolense Padre Alvaro Fernandes, falecido ahi por 1400, e que junto della erigira também por sua morte um eremitério deixando-lhe os seus bens para sustentação dos eremitas, como deixei relatado na Primeira Parte.⁽¹⁾ Ora nesta época achava-se o dito eremitério abandonado por falta de sacerdotes que para ali quisessem ir viver e portanto foi fácil ao Duque a fundação de tal convento em que apenas dispendeu a quantia de sessenta mil réis, segundo refere a Crónica citada. Isto no ano de 1500.

Não constava porém este convento mais que da pequena ermida, refeitório e cozinha porque os Capuchos primitivos habitavam por aquelas fragas em cabanas de mato. E, apesar de ser tão dura a sua regra de viver, contam que o Duque, seu protector, os visitava com frequência e até mandou fazer para

(1) Capitulo 28.

si um cubfculo de alvenaria chamado então o *Oratório do Duque*, acrescentando mais que os acompanhava ao refeitório e não faltava à recitação do Officio Divino, sem exceptuar as matinas que sempre até 1834 rezaram à meia noite.

É certo que D. Jaime, homem profundamente religioso e não menos melancólico, gostava destes frades seus protegidos e que até um dia lhe deu a veia de meter-se Religioso fugindo por Espanha em direcção a Roma, o que não con-to por miúdo por estar já isso relatado na sua biografia. ⁽¹⁾

Reputando então El-Rei D. Manuel aos Capuchos por sugestores da ideia de querer D. Jaime fazer-se Frade, não os ficou encarando com bons olhos. Além disso, no fim de Maio de 1503, os Franciscanos de Castela obtiveram dos Reis Católicos a graça de pedirem eles mesmos ao nosso Monarca e genro seu a extinção dos Capuchos em Portugal como se tinha já praticado em Castela. E, anuindo ele, os Capuchos foram lançados fora do Convento da Piedade tomando em seguida posse dele os Franciscanos ou Observantes Portugueses.

Exturbados os Capuchinhos, foram refugiar-se na Serra d'Ossa, passando a viver junto da ermida de São Gens. Não os tolerando ali D. Manuel, sempre excitado pelos Franciscanos, fugiram para uma ilha do Guadiana que está entre Cheles e Monsaraz chamada a *Contenda* por ser disputado o seu domínio entre Portugal e Castela. Ali viveram então pacificamente em cabanas, sustentados pela caridade dos pegureiros até ao fim do ano de 1507, isto é, mais de quatro anos. Foi quando o Papa reinante Júlio II, atendendo às súplicas dos Reformados, autorizou a Reforma por meio de um Breve Apostólico.

Passando então a ser tolerados em Espanha, D. Jaime alcançou de seu Real tio que também lhes fosse permitida em Portugal a sua existência pública e legal. A esse tempo já tinha falecido Frei João de Guadalupe e sucedera - -lhe na direcção geral da Reforma o seu companheiro Frei Pedro Melgar que os leitores já conhecem. A este, pois, escreveu o Duque para que mandasse novos Capuchos a Portugal, os quais, juntos com os da Contenda, foram retornar no ano de 1508 a posse do Convento da Piedade em S. Francisco Velho. No mesmo ano veio pessoalmente o dito Frei Pedro para dar impulso aos negócios da Reforma, visto achar-se já autorizada pelo Papa. No seguinte (1509) outorgava El-Rei D. Manuel ampla liberdade aos Capuchinhos para terem conventos neste Reino; e assim o nosso, erecto nesse mesmo ano em Custódia, passava oito anos depois em consequência da rápida propagação da Reforma a ser

(1) Capitulo 35 da Primeira Parte.

Casa Capitular, dando até o nome à província que se ficou chamando *Província da Piedade* (ano de 1517).

Entretanto melhorara muito a condição material do convento ou custódia. Achando-se abandonado, como dito é, o eremitério de Alvaro Fernandes, impetrou D. Jaime do Papa Leão X que fossem adjudicados os bens da capela do referido sacerdote ao Hospital do Espírito Santo e a horta com o dito eremitério ao novo convento de Capuchos, expedindo-se de Roma um Breve neste sentido com data de 13 de Novembro de 1514, o qual se conservava no cartório dos Capuchos e principiava: *Cum sicut nobis.*⁽¹⁾ Tendo, pois, o convento da Piedade a grande aquisição da horta e casas do eremitério do Padre Alvaro Fernandes com a competente ermida ou capela de Nossa Senhora da Piedade por autoridade Pontifícia, achou-se perfeitamente constituído de direito a partir daquele ano de 1514 porquanto de facto já os Capuchos estavam metidos na posse daquele eremitério: nem a outra coisa mirara o Duque D. Jaime quando em Lisboa ofereceu a Frei João de Guadalupe e a Frei Pedro Melgar um assento em Vila Viçosa.

A referida horta era muito pequena e apertada entre dois outeiros por onde se deslisa o ribeiro da Fadraga ou Fonte da Cebola. Acha-se hoje encampada na herdade de S. Francisco Velho e dela restam apenas os seguintes vestígios: uma laranjeira, meia enxertada em limoeiro, e um silvado que se diz encobrir uma nora junto do ribeiro e aqueduto da Fonte das Lágrimas.

O dito ribeiro corre somente no inverno durante as chuvas e isto junto com a pouca ventilação daquele ermo e a distância de mais de dois quilómetros da vila fez que os frades padecessem febres no estio e não fossem devidamente assistidos pelos médicos. Daí resultou buscarem novo sítio para fundarem segundo convento mais perto da vila e em paragem mais salubre e abandonarem o primeiro no ano de 1547. Não o abandonaram porém de tal sorte que o deixassem cair em ruínas: pelo contrário, conservaram sempre a Igreja dando-lhe por novo orago a Nossa Senhora dos Anjos ou da Porciúncula, à qual faziam festa na primavera, e duas casas contíguas da parte do sul que serviam a primeira de refeitório e a segunda de cozinha.

Descreverei, pois, essa primeira Igreja dos Capuchos e direi como caiu em ruínas.

E pequena e logo desde a saída dos frades lhe ficaram chamando *S. Francisco Velho*. Fica numa encosta recebendo o sol do meio-dia pela ilharga es-

(1) *Crónica da Prov. da Piedade por Frei Manuel de Monforte*, pág. 143.

querda onde estão as duas casas de refeitório e cozinha, mas olhando para o ocidente com um pequeno adro ou terraplano adiante de si. Atravessando o estreito vale estão restos de um aqueduto que abastecia o conventinho com a água da Fonte das Lágrimas, conservando-se ainda os arcos do centro.

Mas entremos na ermida e vejamos como era nos dias da minha infância. Tinha no topo um só altar com três nichos, nos quais recebiam culto Nossa Senhora dos Anjos, colocada há muito na Matriz, de roca e pequena estatura; S. Francisco de Assis e S. José, ambos de meia escultura, isto é, de madeira com vestidos de lona colados e coloridos a pincel, os quais foram tirados dali para oratórios particulares.

O tecto era de abóbada e os muros estavam bem conservados porque os frades tinham consertado tudo pouco antes da sua expulsão. Pelas paredes via-se uma galeria de quadros, pintados a óleo sobre as mesmas, na qual se viam os meios corpos do Duque D. Jaime, de seu filho D. Teodósio I, de Frei João de Guadalupe, Frei Pedro Melgar, Frei António do Casal, Arcebispo de Goa e outros de que já me não posso recordar.

Junto do altar à mão direita estava a porta da sacristia e o púlpito ficava no lado oposto logo à entrada do santuário.

Pouco depois do ano de 1834 desapareceu o sino do campanário. Em seguida abriu alguém a porta da Igreja e começaram a levar escabelos e utensílios de madeira. Houve depois quem fechasse a dita porta pregando-lhe uma travessa para impedir roubos e profanações, mas debalde porque o Governo Liberal tinha votado tudo isto à destruição vandálica. Por fim tapou-se com alvenaria, tanto a porta da Igreja como a do refeitório, af pelo ano de 1850. Mas os pegureiros e curiosos que desejavam penetrar no santuário abriram um buraco no tecto da sacristia que também era de abóbada e por ali desciam (o que eu fiz igualmente sendo rapaz) para a bacia do lavatório de mármore.

É sempre inevitável a ruína de qualquer ermida sertaneja logo que não assista um ermitão junto dela e falte padroeiro que lhe repare as ruínas. Ora tudo isto se dava ali, por conseguinte não restam hoje mais do que escombros da primeira casa dos Capuchos em Portugal, como sucede com a Ermida de Santo André designada presentemente por *Casareões de Santo André*.

Na encosta fronteira à Igreja, isto é, ao sul, ensombrada por um anoso freixo, está a célebre *Fonte das Lágrimas*, assim chamada por ser um fraco manancial de águas que se escoam, gota a gota, de dois penedos sobrepostos caindo as ditas gotas numa pequena gruta ou cavidade. Af principiava outro aqueduto, mas actualmente deslisa-se a água pela encosta e perde-se no

ribeiro do vale. A origem do título de Fonte das Lágrimas está já explicada com a sua feição natural de fonte que não corre em caudal ou estilocídio, mas simplesmente em duas pingas que se alternam em destacar-se das penhas como sucede com as lágrimas dos nossos olhos. O povo porém compôs da lenda que atribui o aparecimento da fonte a milagre feito por Deus no ano de 1500 para consolar os primeiros fradinhos que, perseguidos pelos Franciscanos Espanhóis, ali chegaram um dia queimados com sede, como na Bíblia se lê que o mesmo Deus fizera no deserto da Palestina em benefício de Agar e seu filho Ismael: o cronista Frei Manuel de Monforte nem sequer aludiu a esta lenda.

Ora, aquilo é poético e muito poético. Eu, quando rapazote e estudante de latim e música, era arrastado pelo meu génio melancólico a ir ali passear com frequência; gostava da ermida solitária e principalmente da fonte e por isso fiz-lhe uns versos que depois se me extraviaram. Assomando-me, porém, de novo o estro de poeta em 9 de Setembro de 1877 por ocasião de reunir apontamentos para esta história, compus a seguinte poesia que veio a ser impressa primeiramente no jornal "A Nação" nº de 12 de Novembro de 1879, na "Esperança" do dia seguinte e nas "Leituras Populares", volume de 1879 - 80, mas neste último saíu com o estropiamento de um grande salto.

A FONTE DAS LÁGRIMAS

em S. Francisco Velho, primeira casa dos Capuchos, ao oriente de Vila Viçosa

*Ducam eam in solitudinem, et loquar ad
cor ejus.
(Oséas, II, 14)*

I

De que choras, vítrea fonte,
Sempre de noite e de dia,
Por esse fragoso monte,
Em funda melancolia.
Lágrimas a esparzir,
Sem esp'rares melhor porvir,
Consolação... alegria?!

De que choras, minha qu'rida,
 Objecto dos meus amores,
 Que eu amo como a vida,
 Apesar dos teus rigores,
 Sem um sorriso p'ra mim?!
 Rompe o silêncio enfim:
 Explica-me as tuas dores!

Eu te amo e te procuro
 Grã louvor, louvor solene,
 Que te faça no futuro
 (Semelhante à Hipocrene)
 Dos poetas festejada...
 De todos mui celebrada
 Por teu pimpilar perene!

Eu te amo e te procuro
 Louvar em plectro divino,
 Cantando teu nome obscuro,
 Como o Vate Venusino
 Por meio da sua musa
 Lá cantou a de Blandusa
 Em doce... mavioso hino!

Aganipe decantada...
 E tu aqui sem cantor?!
 Tu aqui tão olvidada
 Sem te valer teu primor?!
 Ah! Se aquela é venturosa,
 Tu -por seres desditosa,
 Cativaste o meu amor!

Mas não é só este olvido
 (De tão ingrata dureza!)
 Que tem meu estro acendido
 P'ra cantar tua beleza:
 Tua graça é natural!!!
 Tua graça é sem igual
 Do mundo na redondeza!!!

Em ti só mexeu Natura:
 Não há humano lavor!
 Por isso tens formosura
 D'uminfinito valor!
 Tens uma feição durável...
 Feição até imutável
 Como o nosso Criador!

De que choras, vítrea fonte,
 (Inda torno a perguntar)
 Por esse fragoso monte
 Sempre triste e a suspirar?
 Pois tu não me vês aqui,
 Já sentado ao pé de ti?
 Fala... cessa de chorar!

II

Assim é que uma tarde eu sozinho
 Exclamava, buscando recreio
 Em comprido... campestre passeio
 P'ra tal fonte fazendo caminho.

Sentei-me junto dela cansado;
 E triste e pensativo aqui
 O sono me ocupou e dormi,
 Pensando em seu duro, triste fado!

Sonhei então que me respondia
 Esta fonte em convulsos tremores,
 Lastimando suas cruéis dores
 Como se ela estivera em agonia:

III

Choro a minha soledade
 Nest' ermo em que já vi
 Santo, virtuoso frade,
 Rogando a Deus por ti!

.....

Choro esses companheiros,
 Que junto de mim viviam
 E ledos... e prazenteiros...
 De minhas águas bebiam!

.....

Em nenhum tempo ou idade,
 Pelos séculos além,
 Olvidarei o bom Frade...
 Meu Anjo... Meu qu'rido Bem!

II

2º Convento - Ano de 1547

Quarenta e sete anos depois da fundação do primeiro convento da Piedade mudaram-se os Religiosos para o segundo que a munificência de D. Teodósio I lhes edificou no meio da cerca do actual onde chamam o Presépio visto erigir-se depois no mesmo sítio um santuário desta espécie; e ali viveram 59 anos.

Já disse atrás quais foram as razões desta mudança de casa: reduzem-se a duas: 1ª - insalubridade do sítio de S. Francisco Velho no verão, assim como dos mais da Coutada; 2ª - isolamento da vila em ponto distante demais para poderem os Calipolenses concorrer aos actos do culto divino.

Também a fábrica do segundo edificio era acanhada e não estava de todo concluída quando os frades se mudaram para ali em 1547, pois em face do testamento do mesmo Duque D. Teodósio I se vê que não tinha convento as oficinas precisas em 1563, ano da sua morte ou dezasseis anos depois da trasladação de S. Francisco Velho. Veja-se o que ele dispôs: *Item, deixo ao Mosteiro da Piedade, que se agora faz em Vila Viçosa, cinquenta mil réis que mando lhe dêem de esmola para as oficinas que não forem acabadas,* ⁽¹⁾ o que denuncia haver outros benfeitores da casa além do referido.

Não posso fazer uma descrição desta segunda casa porque foi demolida, segundo parece, para serem os seus materiais aproveitados na actual e o cronista Frei Manuel de Monforte não se ocupa disso, entretendo-se aliás em comemorar as virtudes e favores de D. Teodósio I de quem afirma que lhes fazia frequentes visitas assistindo aos officios divinos e ajudando-os a cantar as missas e vésperas no seu coro, etc., etc.

O que presentemente resta do segundo convento é o presépio ou capela já mencionada e um quintal ou jardim ao pé do mesmo. Aí se acha um poço muito gabado pelos antigos de conter finíssima água - tão fina e pura que os Capuchos deste século e meus contemporâneos caracterizavam-na com esta dicção gráfica: - *Falta-lhe uma onça para vinho!* Junto do poço está o lavadouro dos hábitos e roupagens do convento que aqueles frades faziam por suas próprias mãos, e consta de pias de mármore. Depois de lavados vinham enxugar-se os hábitos e mantos de burel nuns cabides que ainda subsistem na varanda coberta que fica sobre o claustro.

(1) *Provas da História Genealógica, Tomo 4.*

Quanto, porém, à roupa da cozinha e refeitório assim como da Igreja, era ultimamente lavada e engomada por mulheres de fora a quem o Síndico (sempre homem rico da vila) pagava esse trabalho.

Os ossos dos frades e os de seculares enterrados nesta segunda casa, tudo foi trasladado para a terceira como há-de ver-se.

III

3º Convento - Ano de 1606

Sendo considerado pouco salubre o segundo convento dos Capuchos, pensou-se em trasladá-lo para melhor sítio. Estava agora a protegê-los a Duquesa D. Catarina que muito os estimava e não menos seu filho D. Teodósio II que sempre concordava com ela.

Diz a *Crónica* de Frei Manuel de Monforte que a referida viúva de D. João I pensara em fazer-lhes a nova casa na sua Horta Nova do Carrascal, hoje anexa ao Reguengo do Paço, mas que os frades se contentaram em que se levantasse a fábrica projectada no cômodo ao cimo da sua cerca onde estava a Ermida de S. Lázaro que, por ser pública, pertencia como as outras ao padroado da Ordem de Avis.

Provavelmente o espaço que mediava entre a ermida mencionada e a cerca dos frades com o comprimento de uns duzentos metros era terreno concelheiro e pertencente ao rossio do Outeiro do Ficalho, o que diz ser a terceira casa dos Capuchos antes uma prolongação e melhoramento da segunda que não uma casa nova. Foi contudo assim, visto que se procedeu a construir nova Igreja e convento, ficando este com uma cerca ou horta muito maior, e ambos campando com donaire naquele cômodo aos pés do Outeiro do Ficalho, subúrbio da vila.

Fixada, pois, a escolha do local dos edificios, promoveu-se a impetra do consentimento da Ordem de Avis para a demolição da ermida de S. Lázaro, passando a imagem do Santo Bispo de Marselha a hospedar-se na ermida do seu vizinho Apóstolo das Espanhas: o que tudo se conseguiu com facilidade porque os Capuchos eram protegidos pela Casa Ducal de Bragança. Creio, porém, que primeiro se começaram as obras ficando ainda em pé ao sul a ermida de S. Lázaro que ocupava a parte mais alta do cômodo e portanto o pátio actual da "porta do carro" onde está o dormitório mais novo.

No dia 26 de Julho do ano de 1606 foi posta a primeira pedra da nova Igreja com grande solenidade, assistindo a este acto o Duque D. Teodósio II com seu filho o Duque de Barcelos apesar da sua curta idade e seus irmãos D. Duarte, Marquês de Freichila, e D. Filipe. Tomando o Duque a dita pedra que tinha gravado o seu nome, colocou-a no alicerce com grandes mostras de alegria tanto dos frades como do muito povo que assistiu a esta cerimónia. E, continuando as obras com as esmolas de grande número de benfeitores e principalmente da Casa de Bragança, achou-se concluído o templo e o convento no espaço de quatro anos. Fez-se a dedicação da nova Igreja e a trasladação da comunidade a 31 de Maio de 1610 por meio de uma solene procissão a que assistiu a Família Ducal, seguindo-se a missa cantada pelo Deão da Capela dos Duques, acolitado por Capelães da mesma. Três anos depois disto foram trasladados os restos mortais dos frades sepultados no segundo convento e recolhidos na casa da Via Sacra, situada entre a capela-mor e a sacristia e onde está a escada antiga para o dormitório. Nela se vê uma lápide com letreiro que diz: *Ossos dos frades da casa velha. 1613.*

Ora, o breve espaço de quatro anos em que foi edificada a Igreja e o convento bem como o exame ocular do que hoje ali se vê estão a dizer-nos que a primitiva fábrica se reduzia somente ao dormitório de três lados que circundava o pequeno claustro, sendo tudo o mais construído posteriormente, isto é, o dormitório novo ou noviciado com uma ampla escada para o pátio, o eira do rasteiro com cisterna no meio, a cozinha e refeitório actual e por cima deles a casa da livraria. Esta última afigura-se-me obra já do século XVIII.

Também o adro com o alpendre e coro actual são modernos sem que todavia eu afirme não existirem dantes ali outros somenos. É certo que em 1756 se fabricaram os gigantes que amparam a Igreja pelo norte em razão de ter padecido muito com o terramoto do ano precedente, mas o concerto foi completo porquanto não se conhece ali indício algum de ruína. Da mesma sorte o alpendre com o coro e actual frontispício foram feitos modernamente, pois ainda se aponta o nome de Isidoro Galego, mestre alvenú, falecido em 1809,⁽¹⁾ o qual executou aquela admirável abóbada de um fecho quase horizontal e que todavia não dá mostras da mais leve deterioração, mas afirma-se que o modelo fôra traçado por um frade. Na bandeira do engradamento de ferro que fe-

(1) Afonso Ruda ... Isidoro, Galego como lhe chamava o vulgo por ser da Beira ou dela oriundo, morreu no ano referido precipitando-se ele mesmo no Poço do Concelho de raiva por lhe terem furtado os Ingleses umas peças de ouro das suas economias. Pobre tonto!

cha o dito alpendre lê-se o ano de 1791 e isto nos revela que aquela obra fôra então ultimada.

O sândico do convento no tempo das obras da terceira edificação era João Mexia, fidalgo e comendador. Este, em 18 de Março de 1608, vendeu a Fernão de Sousa para anexar à sua horta (a da Olimpia) a casa velha do convento, a qual partia com a nova com autorização do Ministro Provincial da Ordem Frei Pedro de Penalva, a favor das ditas obras. Rendeu 30\$000 réis somente.

IV

Passemos a descrever o estado actual da Igreja e do convento que, mais feliz que outros, ainda não mete dó nem causa horror.

Posto que pobre e sem marmóreas decorações, a perspectiva deste convento é a mais bela e pitoresca de todos porque deixa ver o frontispício da Igreja e uma face do dormitório por entre a verdejante folhagem do jardim que se lhe antepõe no centro, ficando ao norte o adro e ao sul o pátio, olhando tu do para o poente ou para a vila. A palmeira fêmea que ali se acha à esquina do adro, erguendo-se donairoza, é de um efeito encantador.

O espaçoso adro, com pavimento de ladrilho e uma esteira de cantaria pelo centro, mostra hoje nas paredes laterais duas magnificas portadas do coro de S. Paulo e a par de cada uma o seu lavatório do mesmo convento postos ali para servirem de fontes artificiais durante a festa do Senhor Jesus da Piedade, o que foi executado em 1866 pelo nosso patrício e Escrivão de Fazenda Adrião Olinto da Silva Rainho, falecido prematuramente em Montemor-o-Novo nos fins de 1881. Na portada que se vê à mão direita puseram porta de ferros aproveitados de "casas de falas" do convento da Esperança a fim de se tornar por ali visível em todo o tempo o interior do jardim. Do segundo convento de Capuchos foram transferidas para este adro três sepulturas, cujos epitáfios se acham corroídos e também tapados pelos três degraus que dão subida para o alpendre. A do centro é já ilegível por causa do perpassar da gente. A da esquerda pertence a um Ouvidor do Duque de Bragança falecido em 1593 (talvez o Dr. Félix Teixeira) e a da direita é de António de Gouveia, do no que foi da horta de S. Luís segundo Frei Manuel Calado, e fundador da Igreja do mencionado Santo Rei de França, falecido a 20 de Julho de 1595. Aí fica o frontispício da Igreja rematado em ponta aguda com o símbolo da

Redenção e com dois elegantes campanários simétricos nas extremidades, tendo cada um o seu sino, cujo menor da parte esquerda é muito sonoro e dava as horas do relógio de maquinismo de ferro assente perto do coro e que hoje trabalha em Bencatel depois de ter descansado 48 anos arrecadado por fim nos Paços Municipais. No meio da fachada está a janela do coro com grades de ferro e vidraça, tendo por cima um nicho com um S. Francisco de barro e aos lados outros dois com Santo António e outro santo Franciscano, também de barro, e habilmente fabricados pelos Capuchos. Em baixo o pórtico é fechado por um engradamento de ferro feito com elegância e rematado pelo braço da Ordem que são dois braços cruzados ou em aspa (o de Cristo e o de S. Francisco), dos quais em pintura o primeiro se representa nu e o segundo vestido (assim o vemos sobre a porta do pátio) com uma cruz entre ambos.

Se o pórtico é mais pequeno do que o de Santo Agostinho, o alpendre é muito maior. Tem no fundo a porta da Igreja que é da primitiva fábrica e sem artificios de arquitectura. A mão direita está a portaria do convento e à esquerda uma larga janela ou abertura de grades de ferro que deixa ver um santuário chamado *Trânsito de S. Francisco* por comemorar o seu passamento para melhor vida com alguns traços da sua biografia. Isto faz o enlevo de quantos forasteiros ali chegam. No topo está uma capela com o Descendimento da Cruz; outra à mão direita com o Papa Gregório IX acompanhado por Cardeais a beijar os pés de S. Francisco; à mão esquerda outra capela com o mesmo S. Francisco recebendo a impressão das Chagas no Monte Alverne; e no meio do pavimento o seu corpo estirado e agonizante, acompanhando-o triste e lacrimoso duas alas de frades com velas de pau na mão. São igualmente de barro estas imagens e fabricadas no convento por frades seus.

Entremos na Igreja que não é grande nem possui grande cópia de mármore, mas deixa ver não poucos belos quadros a óleo sobre tela. Há no pequeno cruzeiro dois altares em que se venera, da parte da Epístola, S. Pedro de Alcântara em vulto e, da parte do Evangelho, o Senhor Jesus dos Aflitos com a cruz às costas. Este é privilegiado por Bento XIV com indulgência plenária, mas só para as missas dos Religiosos da Ordem. Está deste mesmo lado um bom quadro com o Doutor Máximo S. Jerónimo, correspondendo-lhe outro em frente com S. Francisco de Assis em oração.

Na capela-mor vêem-se os seguintes quadros de diversos tamanhos e pendurados em diversas alturas: à mão esquerda, os Mártires de Marrocos, a Assunção de Nossa Senhora, S. Bernardino de Sena, S. Diogo, S. Luís Bispo, as Lágrimas de S. Pedro e a Visitação de Nossa Senhora; e à mão direita, os Már-

tires de Ceuta, o Nascimento de Cristo, S. Boaventura, Santa Clara, S. João escrevendo o Apocalipse e Nossa Senhora da Conceição.

No altar-mor estão sobre a banquetta os bustos de madeira dos quatro Evangelistas; no centro a tribuna de Nossa Senhora da Piedade e aos lados em peanhas S. Francisco de Assis, Patriarca dos Menores, e Santo António de Lisboa, patrono da Ordem, ambos de madeira.

A imagem da Senhora da Piedade com o Senhor morto nos braços não é a primitiva, mas obra do século passado, esculpida por um frade leigo numa nogueira criada na cerca do convento e posta ali à veneração pública em 8 de Junho de 1767. É de tamanho natural, traja manto azul e tem na cabeça um diadema de sete estrelas. A expressão do seu rosto magoado e a mortificação dos seus olhos de onde borbulham lágrimas a deslizarem-se constantemente pelas faces pálidas dão-lhe uma fisionomia comovente e mostram bem a perícia do escultor e o proveito do culto externo, especialmente das boas imagens que só por si muitas vezes dizem mais à nossa contemplação do que longas páginas escritas.

O pavimento da Igreja está dividido em lousas sepulcrais, distinguindo-se entre elas a de Manuel Dias Guterres, falecido em 23 de Janeiro de 1630, a do Licenciado Domingos Alvares Leite, Desembargador do Duque D. Teodósio II, a de Manuel da Guerra, Desembargador de El-Rei, e a de Inácio do Rego e Andrade, falecido a 2 de Junho de 1621, a qual tem um escudo esquartelado com um elmo por timbre, mostrando três vieiras sobre uma banda no primeiro quarto, uma espada no segundo, seis besantes no terceiro e no quarto seis costas em três faixas.

O púlpito, colocado junto do cruzeiro, é de madeira lavrada com bacia de mármore.

Por uma porta ao lado da Epístola na capela-mor se dá entrada na casa da Via Sacra, por onde se abre caminho para todo o convento e para a sacristia logo em frente situada. Esta não é muito clara apesar de ter uma janela para o eirado da cisterna com grades enviezadas de ferro e vidros; contudo é belo o fundo sobre os caixões dos paramentos, ornado com nichos e lóculos envidraçados contendo reliquias preciosas com os seus autênticos ao pé; mas poucas lá existem já por terem sido furtadas. Além da imagem de Cristo crucificado, vêem-se ali as de S. Desidério, Santo Aurélio, Santa Catarina de Sena e S. Francisco de Assis. No tecto, que não é muito levantado, lê-se o ano de 1691 que é provavelmente a época do arranjo definitivo da sacristia. Pelas suas paredes pendem muitos quadros a óleo e alguns de merecimento como um presépio, a Apresentação de Cristo no templo, etc.

O coro é bom. Há nele duas ordens de cadeiras ainda bem conservadas e havia um bom órgão, hoje estragado, que se conserva no coro da Lapa. O seu pavimento, assim como o dos corredores do dormitório, é estradado por usarem estes frades somente de sandálias ou sóleas e não sapatos; e junto da balaustrada estavam rótulos de madeira que impediam as vistas do povo contido na Igreja.

O claustro é pequeno e com arcarias de cimento. No meio tem um grande liameiro que se eleva à altura das varandas cobertas. Nas suas quatro faces estão quatro capelas com santos da Ordem, entre eles o Cardeal S. Boaventura e todos de barro. Na casa do Capítulo, com janela para a cerca, mostra-se à direita metido na parede o túmulo de Frei António de Nebrixe, falecido com cheiro de santidade. A esquerda uma cadeira ou púlpito que servia aos lentes quando ali funcionava o Colégio dos Estudos e no meio do pavimento está com seu brasão de armas uma sepultura em cuja campa se lê: *Aqui jaz D. Frei Pedro de Sancto Agostinho, Bispo de Constância, Deão da Real Cappella de Villa Viçosa. Falleceu a 2 de Janeiro de 1675.* Tem pouca luz esta casa, devendo aliás ter muita visto servir nas eleições da Província da Piedade e algumas vezes de aula do convento.

Não oferece a portaria coisa notável além de um altar de Nossa Senhora dos Anjos com um engradamento de madeira em redor, ante o qual se faziam as admissões de noviços da mesma sorte que nos outros conventos.

Em cima, nos dormitórios, distinguem-se três lados em volta do claustro, sendo uma faceira voltada para o Outeiro do Ficalho ou poente, outra para a horta de S. Lázaro ou sul, e outra para a cerca olhando para o oriente. No ângulo formado pelas duas últimas continuaram depois a estender novos corredores com celas a que chamam o *noviciado* ou habitação de noviços. Está num destes a escada nova, larga e descansada, com porta para o pátio. Pelo outro se passa à livraria que é a maior e melhor casa do convento. As celas são uns cubículos que apenas contêm o espaço preciso para a tarima em que os frades punham a enxerga de palha e para o armário em que punham os seus livros e papéis e o crucifixo que cada um levava consigo ao pescoço quando se mudavam de um para outro convento. Uma pequena janela quadrada com a luz para fora ministrava a claridade precisa.

No dormitório antigo está a pequena varanda com assentos ao redor a que chamavam *das conferências* por se juntarem ali os frades em hora de recreação para discutirem assuntos de interesse religioso ou científico. No moderno, uma enfermaria, botica e cozinha de enfermos e em cada um o seu cárcere para

correcção dos delinquentes.

Em baixo ao pé da cerca estavam moradias do pastor e do azemel.

Acha-se ainda este convento sem notável ruína, sendo isso devido ao zelo de um frade leigo chamado Frei João de Castelo de Vide e no século João Pedro Serra, falecido em Fevereiro de 1877, o qual por muitos anos tomou de arrendamento à Fazenda Nacional a horta ou cerca e mantinha em seu poder as chaves da Igreja e do convento. Por sua intervenção se fez sempre no quarto domingo de Outubro a festa de Nossa Senhora da Piedade, concorrendo todos os Capuchos da vizinhança. E, por devoção de uma dona ilustre e virtuosa, D. Maria Vitória Leal, viúva de Martinho José Leal, se festejava também o Senhor dos Aflitos, a qual continuou depois com o título de *festa dos rapazes* por passar a ser promovida por uma associação deles. Da mesma sorte continua hoje a da Senhora da Piedade a expensas de alguns devotos e há de novo a do Senhor Jesus da Piedade, que está nos braços da Senhora, instituída em 1863 por um homem do povo chamado Matias José Reixa, por efeito de sugestões de Adrião Olinto da Silva Rainho, convertendo nela a romaria ou cfrio que até então faziam em honra do Senhor da Piedade de Elvas. Esta é hoje a principal e de grande estrondo, tendo arraial, música, iluminação e touros e em consequência de se aposentarem ali nestas ocasiões muitas famílias tomaram à sua conta a maior parte das celas que mandam reparar à sua custa: mas isto não será durável porque o convento, com a cerca, tem andado por vezes em praça e se não tem sido já vendido pela Fazenda Nacional é por falta de comprador.

V

Os Capuchos não possuíam bens alguns de raiz, com excepção dos conventos e horta anexa, por lhes ser isso proibido pela sua regra. Achei apenas menção de ter o Sínico João de Valadares Limpo, Prior de S. Bartolomeu, comprado a Inês Lourenço um foro de quatro e meio alqueires de azeite para os gastos do convento sendo pagos anualmente aos síndicos. Consta de uma escritura do Livro 133 de notas antigas lavradas em 20 de Abril de 1667. Nada mais. Isto mesmo creio que durou pouco tempo.

Sustentavam-se portanto com as esmolas de missas e sermões e do mais serviço do culto, assim como com as que voluntariamente lhes davam. Os peditô

rios semanais na vila e termo eram feitos pelos leigos; porém, nas proximidades da semana santa, vinha à vila a comunidade inteira a fazer o peditó - rio para a cera do Santo Sepulcro ou exposição de quinta-feira de Endoenças. Todo o dinheiro era depositado nas mãos do Síndico, o qual pagava as despesas necessárias. O último foi Luís António Tarana, a quem o convento ficou a dever mais de 700\$000 réis.

Parece que trabalhando muito estes frades, principalmente na prédica sendo preferidos na celebração dos sufrágios de missas e recebendo muitas esmolas em borregos, cereais e legumes que lhes davam os lavradores - devia chegar-lhes isso bem para o seu sustento. Mas as reparações e melhoramentos dos edificios, assim como de paramentos e alfaias, traziam-lhes grossas despesas a que muitas vezes não chegavam os seus recursos.

Tiveram sempre de graça médicos, barbeiro e oleiro.

As vezes tinham leigos professos que eram oficiais de alvenéu, carpinteiro e sapateiro: o que se lhes tornava muito vantajoso.

Safam para a vila sempre aos pares. Nunca deixaram de rezar no coro as matinas à meia-noite e, conquanto entretivessem amizade com os hortelões das vizinhanças acudindo-lhes sempre nas suas necessidades espirituais, não conta um só caso de relações ilícitas.

Não havia neste convento erigida nenhuma confraria.



CONVENTO DAS CHAGAS DE CRISTO - FACHADA PRINCIPAL

CAPITULO VI

Real Convento das Chagas de Cristo.

Se há lugares para a saúde do corpo, ah! permiti à religião tê-los também para a saúde da alma, por isso que mais sujeita é ela às doenças; e as suas enfermidades são mais dolorosas, mais longas e mais difíceis de curar.

(Chateaubriand - *Génio do Cristianismo*)

I

Pertence o Convento das Chagas de Cristo à segunda Regra de S. Francisco de Assis, chamada também de Santa Clara por ter sido ela o instrumento de que o Seráfico Patriarca se serviu para erigir comunidades do sexo feminino modeladas pelo seu espírito de pobreza e penitência.

Visto ser de fundação dos Braganças, alcançou o título de Real Convento quando eles subiram ao Trono Português e outro tanto conseguiram as Freiras da Esperança para o seu.

Ambos eles eram da Regra Clarissa e parece que antigamente usavam de hábitos de cor azul-loio - cor ainda conservada pelas Freiras das Chagas; porém as da Esperança no nosso tempo tinham-nos pretos: e esta era a sua única diferença.

II

O convento das Chagas, de que vou tratar, ainda se não extinguiu por viverem ainda neste ano três Religiosas suas posto que já decrépitas. Escrevo isto em 1882.

Quando se lançaram os fundamentos desta casa religiosa era, conforme dizem os respectivos historiadores, com o fim de abrigar Freiras Agostinhas

vindas do convento de Santa Mónica de Évora. Surgindo, porém, certa dissensão entre elas e o Duque D. Jaime, foram dar princípio ao convento da Santa Cruz que assim veio a ser inaugurado primeiro que o das Chagas.

Nisto se resume o que dizem vários autores e designadamente Frei António da Purificação na *Crónica dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho* ⁽¹⁾ e Frei Jerónimo de Belém na *Crónica da Província dos Algarves*, ⁽²⁾ a quem sigo neste capítulo como cronista particular dos Franciscanos e Clarissas.

Deixando para o capítulo seguinte a desinteligência das Agostinhas, occupemo-nos agora somente deste das Chagas que é materialmente mais antigo.

De certo que foi fundado pelo Duque D. Jaime. Não concordam, porém, os autores em fixar-lhe o princípio das obras. Há quem diga ser começado no ano de 1514, fundando-se num manuscrito antigo, mas não me parece creível que principiasse tão cedo para vir a acabar tão tarde; e de mais o Duque referido andava então com ideias belicosas, cuidando antes da transformação do Castelo e circunvalação da vila com muralhas novas.

Depois de 1525 e provavelmente no ano de 1527 é que D. Jaime determinou edificar este convento com o fim particular de que se recolhessem ali como Freiras algumas das suas filhas do segundo matrimónio a quem depois da sua morte não poderia cá desposar com vantagem a Duquesa viúva D. Joana de Mendonça.

Em 1530 progrediam muito as obras da casa e o Duque impetrava do Papa Clemente VII uma bula que lhe dava poderes para escolher, de conselho com o Bispo de Ceuta e o Dom Prior da Colegiada de Guimarães, um Religioso da Ordem dos Menores Observantes que reformasse o convento de Santa Clara de Beja, transformando-o de Claustal (Terceiras) na Observância ou Regra Clarissa, e depois extrair dali as fundadoras para o convento que pretendia erigir em Vila Viçosa facultando-lhe ainda o Papa até autorização para trasladar toda aquela comunidade para a nova casa da nossa vila.

Entretanto faleceu D. Jaime (em Setembro de 1532), mas a sua viúva D. Joana de Mendonça que desejava meter ali freiras algumas das suas filhas, ajudada por seu enteado o Duque D. Teodósio I, continuou as devidas diligências e conseguiu inaugurar a comunidade Clarissa cinco meses depois, o que prova ter D. Jaime deixado os edificios prontos de todo.

Foram extraídas oito freiras do convento de Santa Clara de Beja, entre as

(1) Tomo 2, F. 184.

(2) Tomo 4, págs. 125, etc.

quais veio logo com o título de Abadessa a Madre Maria de S. Tomé, irmã da Duquesa viúva D. Joana; e chegaram a Vila Viçosa na quarta-feira de Cinza, 25 de Fevereiro de 1533. Houve então grande alvoroço de alegria nos moradores desta vila e até o Duque D. Teodósio, apesar do luto pela morte de seu pai, safu fora a esperá-las com a fidalguia da sua Casa.

Entrando as Religiosas na Igreja à Hora de Sexta, isto é, ao meio-dia, nella rezaram de pé esta mesma Hora Canónica e resolveram que de futuro a rezas sem da mesma forma em memória deste acontecimento. Professou logo nesse mesmo dia a filha mais velha de D. Jaime e D. Joana de Mendonça, chamada até então D. Maria e que depois se ficou chamando Soror Maria das Chagas, sem ter prévio noviciado nem contar dezasseis anos de idade por ser isto antes do Concílio de Trento que cortou muitos abusos nesta matéria e em muitas outras. Mais tarde professou ali também D. Vicência, sua irmã. Porém D. Eugénia recusou-se a isso preferindo antes casar com o Marquês de Ferreira D. Francisco de Melo, seu primo, de quem procedem os Duques de Cadaval. As legítimas daquelas duas freiras da Casa de Bragança foram aplicadas para a dotação do convento. Seu irmão D. Fulgêncio, Dom Prior da Colegiada de Guimarães, ali dispendeu boa parte da sua fazenda e outro tanto fizeram os fundadores D. Teodósio I e sua madrastra.

Em pouco tempo se elevou a 42 o número das freiras professas e mais tarde subiu a 60 (era o fixo da Casa), diz a *Crónica da Província dos Algarves* já citada que elogia muito esta primitiva comunidade asseverando que não tinha moradias especiais, nem criadas para o serviço particular das Religiosas como depois se começou a usar.

Em vista da Bula de Clemente VII atrás mencionada e de outra de Paulo III passada a 3 de Novembro de 1534 constituíram-se os Duques de Bragança Padres do convento.

Soror Maria das Chagas, a filha primogénita desta casa, safu dali quatro vezes a desempenhar honrosas comissões: a primeira em 1567, a instância do Cardeal D. Henrique, para introduzir a Reforma Clarissa no convento de Santa Clara de Coimbra; a segunda foi para reformar o Convento da Esperança da nossa terra; a terceira para proceder semelhantemente no de Ara Coeli em Alcácer; e a quarta para estabelecer a comunidade em Borba no convento de Nossa Senhora das Servas, fundada por D. Diogo de Melo e sua mulher D. Isabel de Mendonça, cujas três filhas, já professas nas Chagas, saíram também dali como fundadoras, levando mais três freiras e duas meninas educandas.

D. Vicência, que se ficou chamando Soror Vicência do Espírito Santo, foi Abadessa da casa e veio a falecer em 1603 com longos anos de vida.

III

Vou agora dar conta das mercês e favores feitos pelos Duques de Bragança e pelos Reis de Portugal a este convento.

A primeira e principal mercê liberalizada pelo Duque D. Teodósio I é o dote que com o título de padroado lhe fez com a ajuda de sua madrasta e irmãs; e depois dele a anexação das Igrejas ou Comendas de S. Miguel de Baltar e de Santo Estêvão da Chancelaria, sendo esta última próximo de Alter. Quanto à primeira, que é nas vizinhanças do Porto, já eu vio tombo dos bens: ainda hoje produz a sua comenda alguns mil réis provenientes de ónus reais; em 1645 foi arrendada por 3 anos em 100\$000 réis e 20 varas de pano de linho adiantados. Mas antes da extinção dos dízimos chegou a render mais de 400\$000 réis. Para garantir ao convento a legítima e perpétua posse destas comendas, impetrou o mesmo Duque uma Bula Apostólica no ano de 1534 a 5 de Fevereiro, ano primeiro do Pontificado de Paulo III, passada em Évora pelo Nuncio Apostólico de Lisboa Marcos Vigério de Rovari, com reserva da terra e dos frutos para o Vigário das ditas paróquias.

El-Rei D. João III, por um alvará passado em Almeirim a 13 de Dezembro de 1548, concedeu-lhe que os seus azeméis pudessem cortar lenha para os seus gastos nas terras da Coroa ou baldios de Juromenha, Terena, Alandroal e Redondo; e por outro, com data de Lisboa a 21 de Novembro de 1542, tinha-lhe já feito mercê de seis arrobas anuais de açúcar.

Sua mulher D. Catarina, quando Regente na menoridade do seu neto D. Sebastião, concedeu em 25 de Abril de 1559 que as Religiosas pudessem tirar o pão das suas rendas dos termos de Elvas, Estremoz, Moura, Mourão, Terena e Alandroal, sem que ninguém lho impedisse nem as obrigasse a deixar parte de le nessas terras quando ainda sobre isso houvesse posturas municipais.

D. Afonso VI deu-lhe um ornamento inteiro de brocado carmesim e branco, franjado de ouro, assim para o altar-mor como para os colaterais.

D. Pedro II mandou-lhe fazer o retábulo da capela-mor de talha dourada e para se reedificarem de abóbada as varandas do claustro deu oitocentos mil réis.

D. Catarina, filha de D. João IV e Rainha de Inglaterra, deu-lhe 96\$000 réis quando veio a Vila Viçosa em 1699 e por sua morte deixou-lhe 400\$000.

D. João V mandou-lhe reparar os alicerces e telhados, gastando nisso um conto e duzentos mil réis, e para o conserto do refeitório deu grossa esmola em 1716. Por ocasião do casamento do Príncipe D. José, no ano de 1729, toda a Família Real esmolou a este convento e até a Crónica especializa que a esmola do Infante D. António foi aplicada para se dar princípio à fonte de S. João Baptista que está na cerca. Durante a última doença de D. João V (que foi longa) quatro vezes mandou esmolas a este convento.

D. José I deu-lhe também uma nas suas visitas a Vila Viçosa.

IV

Mencionarei agora as relíquias e imagens que se veneram nesta clausura e que vêm resenhadas na sobredita *Crónica da Província dos Algarves*.

As duas principais relíquias, guardadas no coro alto, são: um Espinho da Coroa do Redentor colocado num círculo de prata dourada, metido numa cruz de cristal; e uma relíquia do Santo Lenho da Cruz que se venera na outra face do mesmo relicário. A primeira foi depositada no convento por D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte e filha de D. Jaime, e a segunda foi dada por D. Catarina, mulher de El-Rei D. João III. O Sagrado Espinho possui alguns bens próprios com o rendimento dos quais se lhe faz a sua festa em 5 de Maio, outrora com dois sermões e hoje com um só.

Possui mais este convento duas cabeças das Onze Mil Virgens dadas por D. Maria, irmã da Duquesa D. Catarina e casada com o Príncipe de Parma; uma caixa de madrepérola, engastada em prata, com relíquias de S. Clemente Mártir, dada por D. João de Melo quando Bispo de Silves; um cofre de tartaruga guarnecido de prata, com relíquias de Santo Hilário; outro com relíquias de Santa Anastácia, oferecido por D. João de Melo quando já Arcebispo de Évora; e uma peça esférica de filigrana contendo relíquias dos Santos Mártires de Marrocos.

Encontra-se também numa das capelas das varandas uma caixa com um relicário em forma de colete, feito de esparto (que eu já vi), e um manto, pertencentes a Frei Francisco da Gata, Espanhol, falecido com cheiro de santidade no convento do Bosque de Borba em 1550.

As mais relíquias guardam-se no coro de cima em dois altares que ali estão com costas para a Igreja, num dos quais se venera a Imagem do Senhor Morto e no outro a Senhora da Boa Morte que tem festa solene a 15 de Agosto.

No coro de baixo venera-se uma imagem de S. Francisco de Assis, a qual por algum tempo serviu, por empréstimo aos Terceiros, na procissão de quarta-feira de Cinza (até ao ano de 1717).

Nas varandas estão capelas com várias imagens, sendo fechadas por fora com portas de madeira.

V

Há neste convento a mordomia de S. Sebastião de que também fazem parte algumas pessoas devotas da vila, e a de Santo António da Paz, assim mesmo organizada. As confrarias antigas e puramente internas são as seguintes: 1ª - das Almas do Purgatório, erecta em 1680; 2ª - dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, criada em 1736; 3ª - da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, instituída em 1748 pela Abadessa Guiomar Jerónima da Visitação precedendo Breve Pontificio.

Acha-se ainda na Crónica respectiva uma extensa lista de Religiosas que se tornaram notáveis pelas suas virtudes, o que da mesma sorte acontece nas Crónicas da Esperança e dos Capuchos para onde remeto os leitores mais exigentes pois eu não tenho feito mais do que resumir escolhendo o que se me afigura de maior interesse.

Dessas freiras e frades notáveis escolherei depois os naturais da nossa vila e deles farei menção no catálogo geral das *Pessoas Notáveis* da mesma.

No Livro 21 de Miscelâneas a fls. 46 está o Regimento da Administração do convento. É curioso. Não o transcrevo por não pejar este capítulo. Só man da documentar despesas de 50 cruzados e daí para cima. Quanto às mais orde na que se explique a quem se fez a compra, o preço dela e o fim da mesma - tudo com muita miudeza a fim de se apurar a venda: e as contas seriam mensais. Foi dado em 1695 por Frei Francisco da Porciúncula.

As madres Ana Bárbara Xavier da Visitação e Maria Carolina Augusta da Piedade entraram para o noviciado em 6 de Setembro de 1829. A abadessa tinha 22 anos e a madre Piedade pouco menos, creio que 20 e professaram um ano de pois. Preencheram o número de 23 freiras.

O número da casa era de 60 religiosas e não mais.

O seu rendimento é de 1 600\$ e tantos réis depois de 1834.

VI

Passemos pois a descrever já a Igreja e o convento.

Entre a boca inferior da rua dos Fidalgos e o ângulo austral do Terreiro do Paço, fazendo frente para os Quartos Reais do mesmo Paço, está o convento das Chagas de Cristo mostrando no seu frontispício desalinhado as estreitas e compridas janelas do lado direito da Igreja, a porta desta precedida por um tabuleiro de mármore de dois degraus, uma torre de muito elevada agulha sobre a sua esquerda e depois várias janelas de casas particulares das Religiosas de diversos tamanhos e em diversas alturas. O mirante está da outra face do Terreiro, onde se estende a pouca distância o Palácio Real chamado hoje antigo, a fim de poderem as Religiosas estender as suas vistas igualmente para o Terreiro de Santo Agostinho.

Aí mesmo entre o mirante e o Paço Real entra na vila o ribeiro de Alcarache, tomando o nome de Passadiço; mas este não se mostra se não em baixo no lago do Terreiro de Santo Agostinho por ter sido no século XVI metido num cano real de abóbada. O nome de Passadiço veio-lhe ou de ter ali havido um arco de passagem pública, assim como o do norte debaixo do Paço, hoje com porta de ferro, e chamado também passadiço pela *História Genealógica* na ocasião de referir o baptizado de El-Rei D. João IV, ou do passadiço que houve do Paço Ducal para o convento e que originou as desavenças da fundadora do convento da Santa Cruz com o Duque D. Jaime.

Que junto do ribeiro estava um passadiço ou via de trânsito pública, entre o Convento e Paço e um bosque de ciprestes, prova-se com a descrição de João Baptista Venturino relativa ao ano de 1571 e citada na Primeira Parte destas Memórias, capítulo 43.

Quanto ao passadiço dos Duques para o convento, para se saber que não era uma entrada franca na clausura, veja-se o que diz Frei Manuel Calado: "*o qual mosteiro (das Chagas) para a parte de trás que cai sobre o Reguengo tem um locutório com grade muito miúda e grossa e cheia de pontas de ferro para a parte de fora aonde as Duquesas de Bragança iam alguns dias por den-*

tro do Reguengo a se entreter com a santa conversação das Religiosas";⁽¹⁾ de onde se vê claramente que o passadiço em questão era apenas uma casa especial de falas reservada somente para a família Ducal. Dele não resta outra memória e creio que tal casa de locutório cessou de existir em 1640 por caducar então a sua razão de ser.

A outra faceira externa do convento diz para a rua dos Fidalgos, tendo à esquina do Terreiro do Paço o dorso da capela-mor, celeiros e oficinas em baixo e moradias particulares de Freiras por cima com dois andares, tendo o último boas janelas quadradas com rótulas de latão. Mais adiante está a porta do pátio por onde se passa à portaria, à horta e moradias de servos e servas. A mais notável dessas moradias é o hospício dos três Franciscanos que cuidavam do espiritual do convento, com janelas para a rua dos Fidalgos.

Como entrei nesta clausura em Abril de 1881 acompanhando o Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, vindo a coligir objectos para a exposição de arte ornamental antiga, posso dizer alguma coisa do interno.

O lado meridional é occupado pelos dormitórios, pois até há poucos anos as Religiosas passavam o dia nos seus aposentos particulares mas à noite dormiam juntas. E no ocidental, que diz para a cerca, está uma sala pintada, com tecto de fasquia e feitiços de estuque, arranjada em 1829 para servir nas recepções da Família Real, dando-lhe por isso as Freiras o nome de *Casa do Beija-mão*, etc.

É amplo bastante o claustro, mas com arcos de alvenaria. As varandas são cobertas e no meio de cada arco têm um pilar de mármore para sua melhor firmeza. Lá sobem algumas árvores que vegetam no chão térreo do claustro, tornando-se mais notável pela sua altura uma romeira doce.

No coro alto, além dos dois altares já mencionados, estão vários oratórios com imagens e um pequeno órgão.

No de baixo, que tem duas estreitas janelas para o claustro e uma coluna para apoiar a abóbada, vêem-se dois quadros a óleo sobre madeira, de bom autor, e dos quais um representa a Ressurreição de Cristo. É ali que ouvem missa as seculares recolhidas e as criadas; por isso em vez de cadeiras há um poial ao redor das paredes azulejadas.

No pavimento estão sepulturas de fêmeas da Casa de Bragança com estes epitáfios:

(1) Valeroso Lucideno, pág. 98.

1. - Aqui jaz a Senhora D. Joanna de Mendonça, mulher do Duque D. Jaimés, a qual mandou edificar este mosteiro. Falleceu no anno de MDLXXX.
2. - Aqui jaz a Madre Soror Maria das Chagas, primeira professa deste convento, filha do Duque D. Jaimés e da Duquesa D. Joanna de Mendonça. E D. Theotónio, Arcebispo de Evora, lhe mandou pôr esta campa. Falleceu em VI de Julho de MDLXXXVI.
3. - Aqui jaz a Madre Soror Vicência do Espírito Sancto, filha do Duque D. Jaimés e da Duquesa D. Joanna. Foi Abbadessa nesta casa muitos anos. Falleceu a XXIII de Junho de MDCIII.
4. - Sepultura de Soror Joanna da Trindade, filha do Marquês de Ferreira e D. Eugénia, filha do Duque D. Jaimés. Falleceu a 30 de Dezembro de 1616.
5. - Aqui jaz a Senhora D. Catharina, filha do Infante D. Duarte e da Infanta D. Isabel, mulher de D. João, VI Duque de Bragança. Falleceu a XV de Novembro de MDCXIV.
6. - Aqui jaz a Senhora D. Maria, filha de D. João, VI Duque de Bragança, e da Senhora D. Catharina, sua mulher. Falleceu a XXX d' Abril de MDXCII. (1)
7. - Aqui jaz a Senhora D. Cherubina, filha de D. João, VI Duque de Bragança, e da Senhora D. Catharina, sua mulher. Falleceu em XI de Março de MDLXXX. (Foi quando seus pais andavam tratando da pretensão à Coroa por morte do Cardeal-Rei e fugindo à peste e por isso teve lugar o óbito em Alcácer, sendo assim primeiramente sepultada no convento de Ara coeli).

(1) Falleceu no estado de solteira, mas testou da sua terça visto servi-va sua mãe. Deixou uma capa de tela branca a Santo Amaro, um manto a Nossa Senhora de Terena, etc. O seu testamento encontra-se no Tomo 4 das Provas da História Genealógica.

8. - *Aqui jaz a Senhora D. Angélica, filha do Duque D. João, VI de Bragança, e da Senhora D.Catharina, sua mulher. Falleceu a IX de Outubro de MDLXXVI annos.*
9. - *Aqui jaz a Senhora D. Isabel, filha de D. João, VI Duque de Bragança, e da Senhora D.Catharina sua mulher.Falleceu a XII de Janeiro de MDLXXXII annos.*
10. - *Aqui jaz a Senhora D. Anna de Velasco e Giron, mulher de D. Teodósio II d'este nome e sétimo Duque de Bragança. Falleceu em 7 de Dezembro de 1607 annos.*
11. - *Aqui jaz a Senhora D.Catharina, filha do Duque D.Theodósio II deste nome, e da Senhora D.Anna de Velasco e Giron, sua mulher.Falleceu a 18 de Janeiro de 1610 annos.*
12. - *Aqui jaz a Senhora D.Anna, filha do Duque D. João, II d'este nome, e de sua mulher a Senhora D.Luiza de Gusmão. Nasceu e falleceu a 21 de Janeiro de 1635 annos.*
13. - *Sepultura de Soror Joanna da Trindade, filha do Marquês de Ferreira e de D. Eugénia, filha do Duque D.Jaimes. Falleceu a 30 de Dezembro de 1610.*
14. - *Aqui jaz a Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte e filha do Duque D. Jaimes, que pela muita devoção que teve a esta casa se mandou aqui lançar no anno de 1576.*

Vamos ver a Igreja que é de tamanho regular com porta ao lado direito para os coros alto e baixo poderem olhar de frente para a capela-mor. O seu pórtico é de arco de meio círculo perfeito, pouco elevado, mas bastante ornado no gosto do século XVI, com delgadas colunas apoiadas em pedestais e evidentemente sobremontadas, vendo-se aí dois medalhões de pedra escura no meio da branca; e na bandeira da porta mostram-se três braços de Armas: as da Ordem Seráfica, no centro, com as Reais e as particulares do convento que são os cinco estigmas das Chagas do Redentor, aos lados.

Na Capela-mor há tribuna com trono de talha dourada para as exposições do Santíssimo e fora dessas ocasiões fecha-se a mesma tribuna com um quadro a óleo sobre tela que mostra Cristo pegando no dedo indicador de S. Tomé e mettendo-lho na chaga do lado. Mais abaixo ficam as imagens de Santa Clara e de S. João Baptista, ambas de escultura, e no meio delas o tabernáculo do Santíssimo Sacramento. As paredes laterais são estucadas e pintadas já no primeiro quartel deste século XIX e deixam ler alguns versículos do Evangelho alusivos à Sagrada Eucaristia. Por uma porta do lado da Epistola se passa à sacristia que é de bom tamanho e tem bons caixões de paramentos e saída para a rua dos Fidalgos. Outra porta em frente daquela dá subida para a tribuna.

No corpo da Igreja estão dois altares colaterais junto do arco da capela-mor e virados para os coros, em cujo da direita se venera Santo António de Lisboa, de escultura, e no da esquerda Nossa Senhora do Rosário ou do Lепanto, mandada ali pôr pelos Duques de Bragança cuja capela foi sempre fazer - -lhe a festa e procissão até ao ano de 1834, concorrendo também as comunidades religiosas do sexo masculino. E de vestidos e, segundo Cadornega, tinha no século XVII uma confraria de gente branca.⁽¹⁾

Estão depois mais duas capelas, uma em frente da outra, nas quais recebem culto: da parte do Evangelho, a imagem de S. João Evangelista, mandada fazer pela Madre Luísa dos Reis; e na outra a de S. Francisco de Assis que mandou fabricar a Madre Isabel da Trindade. Nesta se venera também uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, de vestidos. Por baixo dela fica um púlpito de mármore, quadrado, com balaústres, o qual deixa ler na base o ano de 1606. Junto da outra está uma lápide com este letreiro:

"Esta cappella mandárão fazer, ornárão e dotárão à sua custa commissa quolidiana D. João de Bragança, Bispo de Viseu, e D. Constantino seu irmão, filhos do Marquez de Ferreira D. Francisco, por almas de D. Constantino e de D. Maria de Menezes, seus tios, que se mandárão enterrar à porta d'esta Igreja; e as Religiosas d'este convento estão obrigadas a esta cappella, a qual se dirá também por D. Constantino⁽²⁾ e por D. Brites de Castro, sua mulher, depois de seus fallecimentos, aos quaes fica reservado o carneiro que está debaixo d'este altar, para elles e seus herdeiros e successores se poderem enterrar n'elle".

(1) Descrição de Vila Viçosa.

(2) Sobrinho e instituidor.

Esta capela era sustentada com uma pensão de juro imposta no Almojarifado de Estremoz.

Havia mais quatro de missa quotidiana também: duas instituídas em 1564 por D. Joana de Mendonça e suas filhas com o dote de noventa mil réis anuais; e outras duas por seu filho D. Teotónio, Arcebispo de Évora, para sufragar a sua alma e as de suas irmãs. Estas últimas foram dotadas com bens de raiz, dos quais mandou o Arcebispo tirar para o Convento em cada ano um moio de trigo pela administração e 4:800 réis para guisamentos; e para o Vigário da Vara vinte cruzados para fiscalizar o seu cumprimento e assistir aos arrendamentos ou aforamentos dos prédios.⁽¹⁾ A esta pertencia a herdade de Palmela em Serpa que os capelães arrendaram e outros bens.

Depois do ano de 1834 deixaram de cumprir-se estas capelas, aproveitando-se as Freiras do seu rendimento alegando que com a extinção dos dízimos e perda das suas comendas lhes faltavam os meios de subsistência, não entrando mais dotes de novas professoras que ultimamente se achavam lotados em 600\$000 réis cada um incluindo a mesa e piso do ano de noviciado.

As paredes do corpo da Igreja são revestidas de azulejos até à cimalha e a abóbada é de laçarias com pinturas a fresco.

No pavimento, dividido em sepulturas, jaz numerosa gente graúda que vivia nos séculos XVI e XVII, com a diferença de se acharem as lousas do piso do coro de baixo e comungatório encobertas com estrados de madeira que servem para neles ajoelharem fiéis do sexo feminino, o que da mesma sorte acontece desde as capelas menores até ao arco da maior. Por tal motivo só pode apontar os epitáfios de dois renques. No primeiro, junto à porta principal, está a sepultura de D. Constantino de Bragança, Vice-Rei da Índia, dizendo: *Aqui jaz D. Constantino de Bragança, filho de D. Jaime, 4º Duque de Bragança, e da Duquesa D. Joanna, fallecido a 14 de Julho de 1575. Ele se mandou deitar aqui; e D. Maria de Menezes, sua mulher, filha do Marquez de Ferreira D. Rodrigo e de D. Brites, Marquesa de Ferreira; falleceu a 30 de Março de 1605.* No segundo renque estão as sepulturas de Manuel Morgado e de sua mulher Brites, falecido em 1686; do Dr. Diogo de Castro, falecido a 3 de Julho de 1567; de Jerónimo Correia do Campo; de Gregório Fernandes e de sua mulher Joana da Silva; de Ploralves e seus herdeiros, finado em 5 de Julho de 1544 (pouco legível); de Manuel Gonçalves do Prado; e de Paula da Rocha Peixoto, natural de Guimarães. No terceiro renque está uma campa comescudo

(1) L. de Visitas do Ordinário em S. Bartolomeu, a f.2.e ano de 1767.

e leteiro já gasto inteiramente por ficar ao pé da pia da água benta: é a de Pedro de Melo de Castro e de seus herdeiros; jaz aqui sua mulher D. Guiomar de Sousa, falecida a 6 de Abril de 1604. Depois vê-se a de João Correia, Guarda-roupa de D. Teodósio I, falecido a 5 de Fevereiro de 1578; a de António de Abreu e de seus herdeiros (faleceu a 11 de Março de 1576); a sepultura de Francisco Freire, falecido em Novembro de 1583, e de seu filho Bernardino Freire e de seus herdeiros.

Perto das grades do coro estão estas sepulturas continuando até à capela-mor:

- Sepultura temporal de Pedro Vaz Pereira.

- Aqui jaz Frei Francisco Varela, Prior que foi nesta vila na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, filho de Jorge Varela, Alcaide-mor que foi da vila de Avis. Faleceu a 17 de Novembro de 1571. (Tem por armas num escudo cinco estrelas).

- Aqui jaz D. Maria de Sá, Dama que foi da Infanta D. Isabel. 1581.

- Sepultura de Diogo da Silveira e de D. Helena Cepa, sua mulher, a qual faleceu a 29 de Junho de 1640, e de seus herdeiros.

- Sepultura de Diogo Ribeiro e seus herdeiros.

E logo abaixo:

- Aqui jaz Baltasar Pires, Cavaleiro da Casa de Bragança, e a mandou fazer de sua custa.

- Sepultura dos Confessores do Convento sem epitáfio.

- Sepultura de Cristóvão Sanches e de sua mulher Catarina Rodrigues.

- Sepultura de Nicolau d'Andrade Freire, Fidalgo da Casa do Duque de Bragança, e de sua mulher D. Isabel de Brito. Faleceu a 20 de Novembro de 1590.

- Sepultura de Manuel Alvares e de seus herdeiros.

- Sepultura de António de Abreu e de Guiomar Correia da Costa e de seus herdeiros.

- Sepultura de Jorge da Veiga e de seus herdeiros.

- Sepultura de Frei Gaspar Valmor e de seus herdeiros.

- Sepultura de Domingos Chaves e de sua mulher Maria Baptista, falecido a 3 de Maio de 1602.

- Sepultura de Inês Pacheco, que morreu no derradeiro dia de Janeiro de 1607 e a de seu filho Francisco de Sottomaior.

- Sepultura de Pero Conde.

Na capela-mor, junto aos degraus do altar, estão quatro campas onde se lê, a principiar da parte do Evangelho:

- Sepultura de Rui Vaz Caminha. Faleceu a 12 de Abril de 1577. E de D. Catarina Sarmento, sua mulher que faleceu a 3 de Junho de 1597 anos.

- (Sepultura de D. Isabel) de Mendonça, mulher que foi de D. Luís de Noronha e de seus filhos D. Diogo de Noronha e D. Afonso de Noronha e descendentes deles. Faleceu a 20 de Novembro de 1597 (ficando a primeira linha já debaixo dos degraus do altar o que fica entre parêntesis).

- Sepultura do Dr. R^o Xara Queimada, cavaleiro da Ordem de Santo Agostinho e de sua mulher Isabel e de seus herdeiros (com brasão em que se vêem dois ramos de esteva, um castelo, duas flores de liz e uma águia agostiniana).

- A quarta junto à porta da sacristia é ainda mais moderna; tem escudo com seis arruelas e este epitáfio numa elipse por cima do dito escudo:

PETRI

HOC VITA IACET

SAXO CORPVSQ. IOA

NAE QVÆ CERNENSVI

VET QVASINE NVNC

MORITVR

(Debaixo desta pedra jaz a vida de Pedro e o corpo de Joana, vendo a qual ele vivera e sem a qual agora morre).

Este epitáfio é conceituoso e pena me fica de não saber quem eram estes dois mortais Pedro e Joana, provavelmente casados um com o outro. Deve ser obra do meio do século XVIII.

Depois destas quatro campas estão no pavimento já por baixo do cruzeiro outras quatro ao revés. Na primeira da parte do Evangelho com cabeceira para o norte está a sepultura da mãe do Padre Frei Manuel e de seus herdeiros; faleceu a 2 de Agosto de 1600. E mais abaixo a outra da mesma postura diz:

S. D XPOVÃO / SAMCHES SXX / MOLHER C^a NVNEZ / Q. BXARÃO / ESTA SAMTA / CASA
POR SVA / ERDEIRA EM CA / PELA P^a SEMPRE.

Mais abaixo da mesma forma está: Esta S. HE de Padre Vieira/ que faleceu a X dias de Janeiro de 1556. E por baixo está uma vieira lavrada num

círculo. E com os pés para esta, ficando a cabeceira junto ao altar da Senhora do Lepanto, lê-se: S. de António Vieira e de seus herdeiros. Faleceu a 2 de Agosto de 1600.

Debaixo do presbitério da parte do Evangelho:

"Aqui jaz D. Fulgêncio, filho do Duque D. Jaime e da Duquesa D. Joana. Faleceu a 7 de Janeiro de 1581".

As mais estão encobertas sob os estrados como dito é.

VII

Este convento possuía uma horta contígua à sua cerca para a parte do Reguengo e, tendo sido ultimamente aforada ao sacristão José Caetano, este vendeu o domínio útil à Casa de Bragança para ser anexada ao Reguengo, mas conserva um portão distinto para o Carrascal. Isto se fez cerca de 1854.

Depois de 1834 ficou tendo o convento os seguintes criados e empregados de fora: Vigário ou Confessor ordinário, dito extraordinário, sacristão, procurador, veleira, duas servas de recados, azemel e pastor. Estes dois últimos lugares foram extintos pouco depois do ano de 1850.

Na mesma época deixaram as Religiosas de ter refeitório comum como já sucedia nos outros dois conventos de Freiras.

Na "Ilustração", nº 6, volume 2, ano de 1846, está uma gravura da faceira austral do Terreiro do Paço, posto que imperfeita, a qual mostra à esquerda este convento.

Inscrições deste convento em 31-12-1892: 10 220\$000 réis nominais.

INDICE
DAS
MATÉRIAS CONTIDAS NESTE VIGÉSIMO SEGUNDO FASCÍCULO

INTRODUÇÃO	7
Segunda Parte-MEMÓRIAS ESPECIAIS, DESCRITIVAS E BIOGRÁFICAS	
SECÇÃO I - Topografia geral de Vila Viçosa e seu concelho ..	13
CAPÍTULO I - Topografia de Vila Viçosa. Número e designação das eminências em que repousa, dos seus rossios, terreiros, ruas e travessas, com os esclarecimentos precisos para bem se poder conhecer no futuro o seu estado actual	16
CAPÍTULO II - Topografia geral dos subúrbios ou coutos da vila, suas coutadas e freguesias rurais. Algumas notícias geológicas.....	30
SECÇÃO II - Monumentos religiosos	42
CAPÍTULO III - Convento de Santo Agostinho	45
CAPÍTULO IV - Convento de Nossa Senhora do Amparo ou de S. Paulo	61
CAPÍTULO V - Convento de Nossa Senhora da Piedade ou dos Capuchos	81
CAPÍTULO VI - Real Convento das Chagas de Cristo	99

Fotografias a preto e branco da autoria de Bonfilho Faria, obséquo do Grupo de Amigos de Vila Viçosa

O PRÓXIMO FASCÍCULO SAIRÁ EM JANEIRO

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

DEZEMBRO 1984

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congêneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

